

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

LUCIO LUIZ CORRÊA DA SILVA (LUCIO LUIZ)

**PROFESSORES E ALUNOS FANFIQUEIROS:
MODOS DE ENDEREÇAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL NAS *FAN FICTIONS***

Rio de Janeiro

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LUCIO LUIZ CORRÊA DA SILVA (LUCIO LUIZ)

**PROFESSORES E ALUNOS FANFIQUEIROS:
MODOS DE ENDEREÇAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL NAS *FAN FICTIONS***

**Dissertação apresentada à Universidade
Estácio de Sá como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Educação.**

ORIENTADORA: Prof. Dra. Monica Rabello de Castro

Rio de Janeiro

2009



VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A Dissertação

PROFESSORES E ALUNOS FANFIQUEIROS:

MODOS DE ENDEREÇAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL NAS *FAN FICTIONS*

Elaborada por

LUCIO LUIZ CORRÊA DA SILVA (LUCIO LUIZ)

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceito pelo Curso de Mestrado em Educação como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, .

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Rabello de Castro
Presidente
Universidade Estácio de Sá

Profa. Dra. Lucelena Ferreira
Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora
AGRADECIMENTOS

À minha família, pela paciência e apoio durante minha permanência no Mestrado e consequente ausência da vida familiar.

A Monica Rabello de Castro, a melhor orientadora que eu poderia ter, por sua orientação, críticas, elogios e, principalmente, paciência.

A todos os professores investigados, pela boa vontade e desejo de colaborar, mesmo com o sacrifício de algumas horas de descanso.

Aos professores do Mestrado, pelo apoio e confiança.

A todos que, de alguma forma, ajudaram e incentivaram na confecção desta dissertação.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar como professores e estudantes que escrevem *fan fictions* as endereçam e como isso se relaciona com a produção escrita no contexto escolar. A temática foi desenvolvida com base nos conceitos de modo de endereçamento de Elizabeth Ellsworth e de letramento digital de Magda Soares. A pesquisa iniciou com um contato prévio com professores que escrevem fanfics, a partir do qual foram realizadas conversas informais para se observar tendências que foram posteriormente aprofundadas nas entrevistas. Por ser uma produção relacionada ao ambiente virtual, os sujeitos relacionados com o tema estavam dispersos geograficamente e, portanto, as entrevistas foram realizadas através da internet, utilizando-se recursos como e-mail, Skype e MSN, que oferecem diferentes vantagens e limitações. Como essa investigação parte de um espaço inexplorado, foram realizadas seis entrevistas semidiretivas e o número de sujeitos entrevistados seguiu o critério de redundância. Para a análise dos dados utilizou-se o Modelo de Estratégia Argumentativa baseado na Teoria da Argumentação de Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca. Os resultados indicaram que a principal motivação para a escrita de fanfics é o divertimento que essa prática traz, além de incentivar uma melhoria da qualidade da escrita. Apesar de não conhecerem os conceitos de modos de endereçamento, os sujeitos indicaram um caminho natural na seleção do público-leitor de seus textos: inicialmente escrevendo para si mesmos e, em seguida, preocupando-se com os leitores, que também estão emocionalmente ligados aos universos ficcionais das fanfics. Em relação ao ambiente virtual das fanfics e o ambiente escolar, há uma tendência em perceber as fanfics como uma chance de criar com uma liberdade que a escola não oferece. Isso está diretamente relacionado com o auxílio que as fanfics podem promover à produção escrita escolar e ao letramento digital, pois sua produção é uma das poucas atividades que estimulam naturalmente os jovens e adolescentes para a produção escrita. Como ocorre em ambiente virtual, está posicionada no contexto do letramento digital, já que as práticas de leitura e de escrita ocorrem na tela do computador. Como o fenômeno das fanfics continuará despertando interesse dos jovens independente do que se faça ou não no ambiente escolar, esta investigação aponta caminhos para outras análises da relação entre as fanfics e o letramento digital.

Palavras-chave: Fan fiction. Modos de endereçamento. Letramento digital.

ABSTRACT

The goal of this research was to investigate how the teachers and the students who write fan fictions address them and how this point relates to the written production in school context. The theme was developed based on modes of address concepts of Elizabeth Ellsworth and digital literacy concept of Magda Soares. The research started with a previous contact with teachers who write fan fictions, from whom we have some informal conversations that came some trend observations that were subsequently broadened in the interviews. Because this text production is related to the virtual environment, the persons interviewed were geographically dispersed and therefore the interviews were conducted through the Internet, using technologic devices such as e-mail, Skype and MSN, which offer different benefits and limitations. As this research starts from an untapped area, six semi-directive interviews were held and the number of respondents followed by the redundancy criterion. For the data analysis it was took basis from an argument strategy model of the theory of argument Chaïm Perelman and Lucie Olbrecht-Tyteca. The results indicated that the main motivation for writing fanfics is the fun of that practice and because it brings an improvement in the quality of writing. Despite the interviewed persons do not know the concepts of modes of address, they indicated a natural path to take place their reader-audience: initially writing texts for themselves and then intending to the readers, who are also emotionally attached to fictional universes which fanfics take place. When related to the virtual environment, there is a tendency to perceive it as an opportunity to write with a certain freedom that the school environment does not offer. This point is directly related to the main help that the production of fanfic may promote to the written of students and digital literacy, because its production is one of the few activities that stimulate friendly the young people and adolescents to write. As occurs in virtual environment, this written production is positioned in the context of digital literacy, because the read and write practices occur on the computer screen. Although the phenomenon of fanfic continues taking the interest of young people, regardless of no matter what or what not is done in the school environment, this research points paths to other analyses of the relationship between fanfic and digital literacy.

Key-words: Fan fiction. Modes of address. Digital literacy.

SUMÁRIO

	Página
Capítulo 1 - Introdução	1
Capítulo 2 - <i>Fan fictions</i>	8
Capítulo 3 - Letramento digital e modos de endereçamento relacionados com as fanfics	16
Capítulo 4 - Professores fanfiqueiros	24
Conclusão	55
Referências bibliográficas	59

Anexos

Anexo I - Roteiro básico das entrevistas	66
Anexo II - Transcrições das entrevistas realizadas com os professores	67

1. INTRODUÇÃO

As *fan fictions*, mais conhecidas pelo acrônimo “fanfic”, são um fenômeno literário relativamente antigo que ganhou uma força renovada graças à internet. Com a facilidade de distribuição de conteúdo da grande rede, as fanfics vêm estimulando vários jovens para a escrita.

Fan fiction pode ser traduzida para português como “ficção de fã”. Sob essa “nomenclatura” reúnem-se essencialmente histórias que fãs escrevem sobre personagens ou universos ficcionais de que gostam, seja de literatura, cinema, quadrinhos ou qualquer outra mídia. Os escritores de fanfics são popularmente chamados de fanfiqueiros. O neologismo “fanfiqueiro” é utilizado informalmente na internet para fazer referência aos escritores de fanfics (MIRANDA, 2005). Também é popular o termo em inglês “*ficwriter*”, mas opto pelo uso do primeiro por ser menos específico, podendo se referir a quaisquer aspectos relacionados às fanfics e não apenas aos escritores.

Esse fenômeno gera interesse dentro do campo da Educação devido à sua relação com o chamado letramento digital, especialmente pelo fato de que há tanto professores como estudantes desenvolvendo textos dentro deste universo.

Embora atraia um grande número de jovens, geralmente estudantes de Educação Básica, as fanfics também têm apelo junto a adultos. Não há estatísticas nem no Brasil nem no exterior sobre quantos e quem são os fanfiqueiros, mas uma observação em comunidades sobre o assunto em *sites* de relacionamento permitiu perceber que há vários adultos produzindo *fan fictions*, inclusive professores.

Apesar de haver estudantes e professores fanfiqueiros, a *fan fiction* praticamente não existe dentro do ambiente escolar. Embora não seja necessário levar a fanfic para a escola para ela ser um objeto pedagógico, observar como professores e estudantes se posicionam no universo fanfiqueiro pode contribuir para a compreensão de como essa produção literária coletiva se relaciona com o universo das práticas escolares (VARGAS, 2005b).

O descompasso da escola com as necessidades dos estudantes inseridos no contexto online é também observado por Black (2008, p. 122), que afirma que

à medida em que entramos no século XXI, é como se nossas práticas pedagógicas existentes não fossem suficientes para preparar os estudantes para uma participação eficaz e relevante em uma

sociedade mais globalizada, conectada e orientada para a informação.
(tradução nossa)

O posicionamento de professores e estudantes fanfiqueiros diante da comunidade de escritores de fanfics, portanto, levanta alguns aspectos relevantes para as práticas escolares, especialmente no que se refere ao letramento digital, conceito originado dos estudos sobre alfabetização e letramento.

A bibliografia específica sobre as *fan fictions* ainda é incipiente e o que existe costuma estar relacionado à análise da produção literária, além de normalmente serem trabalhos inconclusos, com espaço para novas reflexões. A bibliografia sobre letramento digital também é pequena. Por conta destes dois fatores, foi necessária a realização de pesquisas com fontes primárias.

A confusão entre os termos letramento e alfabetização que ocorre no Brasil faz com que a aprendizagem inicial da escrita seja priorizada em detrimento das habilidades de uso da leitura e escrita (SOARES, 1998). Isso traz à tona o principal problema para se discutir letramento, que é a falta de percepção da diferença entre os dois conceitos por parte até de professores, que são o alvo principal da pesquisa.

A dificuldade de se trabalhar a alfabetização nas salas de aula brasileiras também reforça a pouca atenção dada às questões do letramento, que seria o ponto desenvolvido através das fanfics, além de outras ferramentas.

Zappone (2008, p.29) se utiliza desse conceito para afirmar, ainda, que o letramento não está restrito apenas ao espaço escolar. Porém, o letramento que existe na escola possui a característica de enfatizar o texto escrito, diferenciando-o do que é desenvolvido fora dos muros escolares.

Tal modelo enfatiza sobremodo o texto escrito, considerando-o uma *forma autônoma*, pois a escrita é entendida como produto completo em si mesmo, e cujos significados independem de seu contexto de produção, já que o funcionamento lógico da escrita e o modo como as palavras se articulam são considerados aspectos suficientes para que as pessoas interpretem o escrito.

Diante dessas observações, o letramento fora do ambiente escolar poderia ser caracterizado como diferente deste e ainda mudaria de acordo com a cultura desenvolvida em cada sociedade. As fanfics, dessa forma, poderiam ser caracterizadas como desenvolvedoras de um letramento diferente do que é realizado no ambiente escolar,

mesmo quando criada e desenvolvida por professores e alunos que fazem parte deste contexto.

Porém, nos dias atuais há uma ampliação do conceito de letramento conhecido como letramento digital. Segundo Soares (2002), o letramento digital está relacionado com “os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela”. Embora originalmente publicados em fanzines impressas, hoje em dia a quase totalidade das fanfics se encontra no meio online, o que as posiciona no contexto do letramento digital.

Apesar das *fan fictions* não serem utilizadas como recurso pedagógico, elas influenciam o letramento digital de professores e alunos e podem, portanto, servir como apoio para o letramento digital no espaço escolar. Importante ressaltar que as *fan fictions* não serão posicionadas nesta investigação como um recurso “melhor” ou “único” em comparação a outros.

É importante lembrar que, mesmo com a bibliografia sobre *fan fictions* ainda incipiente, há estudos no Brasil e no exterior divulgados em seminários, revistas ou na internet.

O primeiro estudo em Mestrado sobre fanfics foi de Vargas (2005a), que analisava a *fan fiction* enquanto fenômeno literário. Contudo, o estudo possui alguns equívocos de informação, como o fato de registrar que convenções de fãs são raras no Brasil ou que quase não existem *sites* de fanfic brasileiros que não sejam dedicados a Harry Potter, ou ainda o fato de ignorar a produção de fanzines no Brasil, considerando a existência de fanfics apenas nos fanzines norte-americanos. Por sinal, todas essas afirmações, além de equivocadas, não possuem referências da fonte.

Apesar dessas falhas de informação quanto ao posicionamento histórico, o objetivo do estudo foi apresentado de forma clara, embora não fique muito bem definida a hipótese trabalhada pela autora, que busca abordar o letramento de jovens, mas não aprofunda o tema. O quadro teórico é bastante detalhado, assim como o passo-a-passo da investigação, em especial a revisão de literatura, que explicita as dificuldades para encontrar pesquisas pertinentes ao tema.

A metodologia utilizada foi a distribuição de questionários para diversos escritores de fanfics, recebidos posteriormente por e-mail e registrados nos anexos da dissertação. Segundo a própria autora, os quarenta e dois questionários recebidos serviram de base para o desenvolvimento de suas “conclusões parciais”. Contudo, dada a segmentação de temas dos autores de fanfics, o fato de a autora ter-se baseado apenas em participantes de *sites*

com o tema “Harry Potter” dá margem a dúvidas sobre a generalização de resultados e conclusões para outros contextos e grupos. Além disso, não são especificados os critérios utilizados para a elaboração dos questionários.

O estudo conclui que escrever um texto com base em personagens criados por terceiros é uma maneira dos leitores explorarem pontos que gostariam que existissem no original e aprimorar suas habilidades de escrita por usar um universo narrativo já constituído. Também indica que a escola rejeita esse tipo de texto, apesar de a maioria dos entrevistados da pesquisa serem adolescentes em contexto escolar. Essa rejeição seria pelo desconhecimento da escola pelas atividades de seus estudantes fora de sala de aula.

Vale ressaltar que este foi o primeiro trabalho de peso voltado ao tema das *fan fictions* no Brasil e, apesar de falho em alguns pontos referentes à coleta de dados e às informações básicas, apresentou o assunto à Academia. A autora também posiciona esta dissertação como um estudo de caráter introdutório, que, pretende, sirva de base para outros estudos relativos ao tema.

Outra dissertação acerca do tema foi de Siqueira (2008), que seguiu o caminho de uma análise das *fan fictions* dentro do conceito de cultura de massa. Também utilizou como metodologia o envio de questionários para diversos escritores de fanfics, recebidos posteriormente por e-mail. Contudo, abriu o leque para fanfiqueros de diferentes universos ficcionais, ampliando seu escopo em comparação com o estudo anteriormente citado. Depois, selecionou alguns para entrevistas e análise dos textos.

O quadro teórico foi bem explicitado, assim como o histórico das fanfics, apresentado de forma detalhada. O uso de fontes de internet, como a Wikipédia, foi explicitado, com explicações sobre essa opção.

O trabalho, por ser da área de Comunicação, não aborda questões educacionais, seguindo o viés de analisar a produção das fanfics no contexto da apropriação e recriação da cultura de massa. Com isso, as conclusões se pautam na identificação de três fatores que, segundo o autor, são os que estimulam os fãs a criarem suas fanfics: Afinidade com o objeto sobre o qual escrevem, busca pela qualidade dos textos e socialização entre os fãs de um mesmo personagem, universo ficcional ou gênero.

Por fim, a dissertação mais recente sobre o assunto é a de Miranda (2009), que investiga o sistema literário de toda a comunidade de fãs, analisando os textos no que chama de “Era da reapropriação virtual”.

Novamente, não há um detalhamento quanto à participação da escola, a não ser por algumas citações a respeito do pouco interesse escolar sobre esse fenômeno. O propósito básico do trabalho é refletir sobre a recriação do ponto de vista da crítica literária.

As fanfics são parte integrante da pesquisa, embora não sejam citadas textualmente com muita frequência. A conclusão, apesar de não citar as fanfics, relaciona-se a elas, pois indica que a crítica literária começa a se abrir para a compreensão dos textos literários digitais. Ainda assim, contudo, como as demais pesquisas sobre o tema, o trabalho é inconcluso e abre caminho para novas reflexões.

Também há estudos apresentados em congresso, como os de Sá (2002), Padrão (2007a), Miranda (2007) e Mundim (2008), que se focam nas questões literárias e comunicacionais das fanfics e de sua relação com o universo de fãs/escritores, sem, contudo, apresentarem conclusões, servindo como estudos iniciais acerca do tema. Além de Luiz (2008a; 2008b; 2008c), que traz conclusões preliminares sobre revisão de literatura e sobre o universo das fanfics.

Ainda não existe, portanto, análise específica sobre a atuação de professores e estudantes no universo fanfiquero e a forma como eles relacionam as fanfics e suas próprias práticas escolares.

O fato de a prática atual de leitura e escrita das *fan fictions* se dar exclusivamente através da internet traz um diferencial na relação entre quem lê e quem produz, pois a distância entre esses dois sujeitos (leitor e escritor) torna-se praticamente inexistente. Há, portanto, dois ambientes: o da produção de fanfics e o das práticas escolares. Embora a produção literária que ocorre no universo escolar não costume levar em conta os textos desenvolvidos pelos estudantes fanfiqueros, já que estes os fazem em casa e os divulgam através da internet, temos como hipótese que o fato de os estudantes produzirem esses textos influencia diretamente suas práticas escolares de escrita. Contudo, a não observância dessa influência ajuda a aumentar a crença generalizada de que estudantes produziram uma literatura de baixa qualidade (SILVEIRA, 1991).

Segundo Bandeira (2003), o “leitor múltiplo” que surge a partir do processo de letramento que é mediado pela internet busca novas formas de leitura e escrita, tornando-se “potencialmente emissor e receptor, autor e leitor de hipertextos”.

Os adultos, notadamente professores, não estão num grupo à parte. A integração facilitada pela internet faz com que professores e estudantes posicionem-se no mesmo ambiente virtual de produção textual, inclusive no caso específico da produção de fanfics e de tudo o que isso representa para o desenvolvimento do letramento digital.

Os fanfiqueiros escrevem basicamente sobre o que gostam para pessoas que também são ligadas aos personagens e universos ficcionais sobre os quais escrevem. Eles, portanto, endereçam seus textos para uma determinada comunidade de fãs, da qual eles também se consideram parte.

Segundo Padrão (2007b), os fanfiqueiros têm a necessidade de apresentar esses textos para um público leitor de forma paralela ao objeto cultural que originou aquele escrito. Eles endereçam as histórias, portanto, para um leitor identificável consigo mesmo, já que é um leitor que busca um *site* sobre o mesmo personagem do qual aquele escritor é fã. E os leitores se sentem estimulados a se tornarem escritores, e vice-versa.

É importante conhecer esse endereçamento e entender sua relação com a peculiaridade dos textos de fanfics para compreender a relação desta escrita com o universo escolar. Como o letramento dentro e fora do ambiente escolar possui diferenças (ZAPPONE, 2008), as fanfics podem aproximá-los.

Além de não haver pesquisas que determinem com precisão as faixas etárias, classes sociais ou outros dados relativos aos fanfiqueiros, há ainda uma forte segmentação baseada nos gostos pessoais dos que escrevem as histórias, fazendo com que os fanfiqueiros relacionem-se apenas com outros que também compartilhem de seus gostos (HERZING, 2005).

Este estudo investiga como professores e estudantes que escrevem *fan fictions* as endereçam e como isso se relaciona com a produção escrita no contexto escolar. Optamos por adotar a estratégia de entrevistar apenas professores e, a partir de suas falas, verificar o posicionamento dos estudantes com relação a esta escrita na escola. Poderíamos ter optado por outra metodologia, mas como os estudos anteriores privilegiavam os estudantes em detrimento de professores, escolhemos esta alternativa.

Baseado no planejamento de pesquisas qualitativas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 2004), foram realizadas entrevistas com professores que escrevem *fan fictions*. Os sujeitos foram selecionados a partir de levantamento, realizado no período preparatório, em comunidades sobre o tema em *sites* de relacionamento e em fóruns na internet, além dos próprios *sites* de divulgação de fanfics.

Diferente de outras pesquisas, não buscamos falar sobre os textos, mas, sim, sobre quem os produz, especialmente professores. Por essa razão não há análises sobre a produção textual, mas as percepções a esse respeito por parte dos que escrevem fanfics e o endereçamento que fazem de seus textos.

A pesquisa foi feita com base nas percepções pessoais dos sujeitos, de acordo com a maneira como eles se veem e que tipo de referência eles têm. Diante disso, as seguintes questões foram propostas: O que faz com que a escrita de *fan fictions* gere interesse tanto para professores quanto para estudantes? Como professores e estudantes fanfiqueiros endereçam suas *fan fictions*? Qual a percepção que professores e estudantes fanfiqueiros possuem da relação entre a produção no ambiente virtual das *fan fictions* e no ambiente escolar? Professores e estudantes fanfiqueiros levam suas experiências com as *fan fictions* para o espaço escolar? No caso dos que levam essas experiências, como eles fazem? Os que não levam, gostariam de fazê-lo? Como as *fan fictions* podem ajudar a produção escrita escolar e o letramento digital?

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo discute o conceito de *fan fictions* e o problema de investigação.

O segundo capítulo contextualiza o tema, apresentando a história e o desenvolvimento das fanfics, desde os textos dos séculos XVII e XVIII que as precederam até sua explosão junto com o crescimento e popularização da internet.

O terceiro capítulo apresenta os conceitos de letramento, letramento digital e modos de endereçamento, além de discutir a literatura que utiliza estes conceitos; também aborda a relação entre fanfics e letramento digital, fazendo a correlação entre os dois temas.

O quarto capítulo apresenta os procedimentos de pesquisa, com a descrição de como se chegou aos sujeitos e as técnicas de coleta e análise de dados; traz também as análises das entrevistas com professores que escrevem fanfics e suas percepções relativas ao tema da dissertação, fazendo a relação das fanfics com os modos de endereçamento. Seguem-se as conclusões da dissertação.

2. FAN FICTIONS

Escrever uma história com base em personagens criados por terceiros não é novidade. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, era bastante comum os escritores utilizarem personagens de histórias de outros autores, fazendo sequências para os romances ou até mesmo escrevendo versões diferentes de uma mesma história, criando, por exemplo, um final feliz numa história que terminava originalmente em tragédia (PUGH, 2005).

Contudo, depois do surgimento de leis de direitos autorais em diversos países, que passaram a impedir que uma pessoa utilizasse numa obra o que havia sido criado por outro autor, essa prática tornou-se rara. De acordo com a legislação brasileira (Lei n. 9.610), por exemplo, não é possível utilizar em obras artísticas personagens cujos direitos autorais ainda estejam vigentes, a não ser com autorização do autor ou de seus herdeiros. As únicas exceções são no caso de paráfrases e paródias¹.

Apesar das restrições legais, os fanfiqueiros justificam sua prática pelo fato de não visarem lucro com as fanfics (SÁ, 2002). Além disso, os responsáveis pela indústria cultural costumam relevar a produção de fanfics para evitar o risco de despertar uma antipatia nos fãs, que são exatamente os consumidores de seus produtos culturais (PADRÃO, 2007a).

Ainda no aspecto legal, Tushnet (2007) observa que os fãs costumam entender suas práticas como ilegais, porém toleráveis e legítimas como parte de um universo de criadores. Nos Estados Unidos, por exemplo, há uma atenção especial para a questão legal das fanfics.

Contudo, há quem veja as fanfics não como uma tentativa de acabar com o *copyright*, mas sim uma forma diferente de o entender. Isso porquê os fãs, por não buscarem lucros com seus textos e divulgarem os personagens e universos ficcionais gratuitamente a partir de histórias que trazem um conhecimento e respeito ao cânone estabelecido pelos autores originais, estariam legitimando os produtos originais e sua importância no contexto cultural (TUSHNET, 2007).

A diferença entre as *fan fictions* e as histórias dos séculos XVII e XVIII supracitadas é o fato de que os fanfiqueiros escrevem sobre o que gostam, sem necessariamente possuírem preocupações estéticas ou literárias. Isso posiciona as fanfics num contexto cultural muito mais amplo, com a atuação direta dos fãs nos produtos da

¹ O Art. 47 da Lei n. 9.610 diz: “São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito”.

cultura pop (PADRÃO, 2007a). Outros exemplos seriam os jogos de interpretação (*Role Playing Game*, ou RPG) e o *cosplay*².

As fanfics, portanto, se caracterizam por um grande respeito ao chamado cânone, que no ambiente das fanfics significa: os conceitos de personalidade e cronologia definidos pelas histórias oficiais e que servem de base para que os fanfiqueiros mantenham a coerência em relação ao desenvolvimento de seus textos. Essa preocupação faz com que os escritores de fanfic precisem possuir um bom conhecimento a respeito do universo ficcional sobre o qual desenvolvem seus textos para que a reação dos personagens nas situações criadas seja condizente com o que, em tese, aconteceria se a situação ocorresse em uma história oficial.

Esse aspecto das fanfics, contudo, gera eventuais polêmicas entre fanfiqueiros, pois podem ocorrer diversas interpretações sobre a personalidade de determinados personagens, fazendo com que não exista consenso sobre a forma de se desenvolver cada história. Isso faz com que, muitas vezes, um fanfiqueiro escreva uma fanfic apresentando sua forma de interpretar o cânone em contraposição à fanfic de outro escritor (JENKINS, 2006).

Podemos posicionar historicamente a “primeira onda”³ das fanfics na mesma época em que houve a chamada “explosão” dos fanzines, revistas amadoras produzidas por fãs, que cresceram em popularidade e quantidade no início dos anos de 1970, seguindo o surgimento de seriados de TV de grande apelo popular internacional. O primeiro fanzine a trazer fanfics, servindo como uma espécie de “marco histórico”, foi o fanzine norte-americano Spockanalia, dedicado à série de TV “Jornada nas Estrelas”. Seu título faz referência a um dos personagens mais populares do seriado, o alienígena Spock (PUGH, 2005).

Mesmo com a popularidade dos fanzines, ainda assim eles eram restritos às comunidades de fãs. Nem todos tinham acesso a essas revistas não-oficiais, especialmente pela dificuldade de disponibilização das mesmas devido aos custos, que seriam proibitivos para revistas amadoras. Contudo, após a popularização da internet nos anos de 1990, isso começou a mudar, pois diversos fanzines passaram a ser publicados na grande rede e as fanfics encontraram um terreno bastante fértil (COPPA, 2006).

² O termo *cosplay* é um acrônimo de “*costume player*”, e poderia ser traduzido para o português como “fantasia de personagem”. O *cosplay* consiste essencialmente em fãs que criam fantasias e se vestem como personagens de ficção, especialmente de mangás (quadrinhos japoneses) e animês (desenhos animados orientais) (SABINO, 2007).

Na internet, as fanfics passaram a ter espaço próprio, independente de estarem ligadas ou não a um fanzine. Isso permitiu que nessa “segunda onda” das fanfics, elas atingissem uma maior popularidade. Um dos mais populares *sites* dedicados às fanfics, o FanFiction.net, possuía mais de 1,3 milhão de usuários cadastrados em outubro de 2007, dentre os quais muitos brasileiros, segundo dados do *site*.

Com a facilidade que a internet oferece para distribuição de textos, as *fan fictions* alcançaram grande apelo entre os jovens, que hoje publicam suas fanfics em *sites* pessoais ou dedicados ao gênero e fazem divulgação através de comunidades virtuais. Além disso, por ser uma forma de pastiche, e não de plágio, muitos fanfiqueiros começam escrevendo histórias baseadas em personagens preexistentes e conseguem se sentir mais confiantes para a criação original de personagens, ambientações e histórias.

Esse é o caso de Hyperfan (2006), uma antologia de contos em homenagem aos cinco anos do *site* Hyperfan, dedicado à publicação de *fan fictions* baseadas em super-heróis dos quadrinhos norte-americanos. Como não seria possível publicar um livro com personagens criados por terceiros, optou-se por histórias de personagens originais que se pautassem nas características das fanfics publicadas no Hyperfan.

A premissa básica era a de pessoas comuns ganhando poderes supernaturais, pelas mais diferentes razões (tal qual nos gibis de super-heróis). As histórias publicadas foram definidas por Silva e Branco (2007) como um pastiche, “apesar de original”.

Outro exemplo vem de Aragão (2006), um romance de ficção cuja origem foi um conto seriado publicado como uma fanfic do super-herói Aquaman. No livro, que não traz referência à sua origem fanfiqueira por questões de direitos autorais, as citações diretas aos diversos personagens preexistentes foram substituídas por simples referências e citações para evitar problemas com os detentores dos *copyrights*.

Por fim, um exemplo diferente que pode ser citado é o de Finotti e Calderari (2006) que, para aproveitar a expectativa pelo lançamento do sétimo e último livro da série Harry Potter, publicaram um autodenominado “livro-reportagem” que elencava boatos, extratos de entrevistas da autora J.K. Rowling, opiniões de fãs e um capítulo inteiro com sete fanfics baseadas no universo de Harry Potter que mostravam a visão dos fanfiqueiros sobre como seria o final da saga.

³ Os termos “primeira onda” e “segunda onda” são usados informalmente no ambiente fanfiqueiro para ilustrar dois momentos históricos do desenvolvimento das *fan fictions*.

A despeito das questões de direitos autorais envolvidas, os autores se limitaram a escrever uma observação, em letras pequenas, antes do sumário, dando uma justificativa jornalística para sua publicação.

Esse livro é não-oficial e não-autorizado. Não foi licenciado ou endossado por JK Rowling nem por seus editores ou licenciadores. Qualquer uso de marcas registradas ou nome de personagens obedece ao uso estrito de análise de obra e reportagem jornalística. O uso de textos fictícios escritos por fãs com os personagens de JK Rowling ilustra um fenômeno literário que também é objeto de estudo deste livro. Em nenhum momento os autores deste livro ou dos textos ficcionais aqui publicados tratam os personagens como de sua propriedade. (FINOTTI; CALDERARI, 2006, p. 6)

As características relacionadas à escrita de histórias com base em personagens já conhecidos atraem crianças e adolescentes para a produção de fanfics. Em relação à escrita de *fan fictions* por jovens, tem-se observado que, ao contrário de blogs, *sites* de relacionamento e outros ambientes virtuais, há uma preocupação com o apuro da linguagem escrita. Dificilmente se observa em fanfics os erros que vêm se tornando comuns na comunicação escrita dos jovens via internet (VARGAS, 2005b).

Santaella (2004) identifica três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo, sendo este último o que está relacionado à “era digital”. Esse leitor imersivo possui várias características, sendo a mais marcante delas a interatividade.

Um tipo de interatividade inaugural que colocou em questão os conceitos centrais dos processos comunicativos, o de emissor e o de receptor, assim como o de mensagem. Onde se situam as mensagens no ciberespaço? No ponto de emissão ou de recepção? Nem em um, nem em outro, pois elas mais parecem estar no espaço de comutação, que permite conectar o infonauta com seus interlocutores e onde não há lugar para emissores ou receptores definidos, apenas trânsito informacional (SANTAELLA, 2004, p. 181)

Dentro dessas características, esse novo leitor que surge com o ambiente virtual se torna naturalmente apto a ser leitor/escritor, endereçando seus escritos e sendo o alvo de endereçamento no momento seguinte.

O fenômeno da cultura de massa do qual faz parte as fanfics é conhecido por “cultura participatória” (do inglês “*participatory culture*”). A nomenclatura é utilizada para identificar uma subcultura na qual fãs de produtos culturais se apropriam de conceitos e

personagens sem preocupação com direitos autorais ou restrições legais, na intenção de criar novos produtos derivados.

O neologismo cultura participatória foi criado por Jenkins (1992) e busca se opor à chamada “cultura de consumo” ou “cultura de massa”. Seu principal objetivo foi discutir as implicações de uma nova forma dos consumidores lidarem com a mídia, não apenas consumindo os produtos culturais, mas também os recriando e os utilizando sem preocupações com direitos autorais ou demais questões legais. Em relação às fanfics, isso tem implicação direta, já que elas só existem por conta de dois fatores: a preexistência de produtos culturais dos quais as pessoas são fãs e o interesse em se apropriar e recriar esses produtos culturais.

Há décadas existem diversas formas de criação pautadas na cultura participatória, como fanzines, *fan fictions*, *fan films* e diversas outras possibilidades criativas. Contudo, com a expansão da internet e da Web 2.0, a publicação e divulgação de textos, filmes, desenhos e diversas outras formas de expressão artística e cultural tornou-se muito mais simples e acessível.

A rápida expansão da cultura participatória no ciberespaço é resultado dessas mudanças e vêm sendo alvo de várias pesquisas, especialmente por Jenkins (1992), que foi um dos primeiros pesquisadores a chamar a atenção para a importância dessa “cultura de fã”.

Uma das características que une essas expressões culturais e outras relacionadas à cultura participatória é o desejo de se expandir universos ficcionais sem o intuito de lucro. Essa filosofia de criação aberta e desprezo pelo *copyright* encontrou terreno fértil para expansão no ciberespaço.

Não apenas a internet, como o avanço de várias outras tecnologias auxilia os fãs a divulgar suas criações. Hoje em dia, é muito mais fácil editar um filme, por exemplo, graças a *softwares* gratuitos que permitem fazer edições e efeitos especiais que no passado seriam inviáveis sem o respaldo financeiro de um estúdio de cinema.

Mesmo na internet, desde o advento da Web 2.0 é muito mais fácil colocar conteúdo na rede sem conhecimento de programação ou design. Qualquer pessoa consegue publicar um blog, fotolog ou um vídeo no YouTube sem maiores complicações.

Ao mesmo tempo em que é fácil disponibilizar conteúdo, também é fácil ter acesso ao conteúdo produzido por outras pessoas. As comunidades de fãs (o chamado “fandom”) estão crescendo exponencialmente à medida que se torna mais fácil encontrar pessoas que compartilham de gostos em comum.

Devido à cultura participatória estar fortemente ligada ao sentimento de “reverência” que os fãs nutrem por seus objetos de interesse, aspectos como a intertextualidade também estão fortemente presentes. No caso das fanfics e dos *fan films*, que se apropriam diretamente dos produtos culturais para recriá-los, nota-se ainda a presença marcante do já citado cânone, os conceitos de personalidade e cronologia definidos pelas histórias oficiais e que servem de base para que os fanfiqueiros mantenham a coerência em relação ao desenvolvimento de seus textos.

Essa preocupação faz com que os escritores de fanfic e diretores de *fan films*, entre outros, precisem possuir um bom conhecimento sobre o universo ficcional dentro do qual estão trabalhando para que as histórias estejam de acordo com o que, em tese, aconteceria em uma história oficial. Mesmo no caso das paródias, elas buscam uma coerência com os aspectos que ressaltam, exageram ou apenas referenciam.

A definição do que é “canônico”, contudo, gera discussões entre os fãs, pois podem ocorrer diversas interpretações sobre a personalidade de determinados personagens, fazendo com que não exista consenso sobre a forma “correta” de se desenvolver os conflitos de uma história.

De qualquer forma, a tentativa de ser “fiel” ao produto cultural original (mesmo considerando que essa “fidelidade” pode não ser consensual) faz com que, muitas vezes, os fãs envolvidos na produção de fanfics ou *fan films* mantenham uma relação muito próxima com as histórias originais, utilizando todos seus elementos, desde o uso de personagens e lugares até mesmo quanto à forma de desenvolver a ação e os diálogos.

Isso tudo nos remete ao conceito de intertextualidade, que foi cunhado por Julia Kristeva com base no conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin. Segundo Barros e Fiorin (1999, *apud* Zani, 2003, p.122),

intertextualidade ou dialogismo é uma referência ou uma incorporação de um elemento discursivo a outro, podendo-se reconhecê-lo quando um autor constrói a sua obra com referências a textos, imagens ou a sons de outras obras e autores e até por si mesmo, como uma forma de reverência, de complemento e de elaboração do nexo e sentido deste texto/imagem.

O universo ficcional retratado nas duas trilologias cinematográficas de “Guerra nas Estrelas”, para citar um exemplo, estimula a criação de *fan films* que representem personagens secundários, tramas paralelas nunca exibidas e outros temas correlatos mesmo

havendo, oficialmente, dezenas de materiais extras como histórias em quadrinhos, jogos de *videogame* e romances, entre outros produtos, que ampliam as histórias dos filmes.

Outras séries cinematográficas e televisivas (um dos exemplos mais recentes são os romances e os jogos de realidade alternativa baseados no seriado “Lost”) também criam produtos derivados para agradar aos fãs e aumentar os lucros relacionados aos produtos culturais originais. Contudo, essas histórias derivadas não se encaixam no contexto da cultura participatória, mesmo no caso das distribuídas pela internet. Afinal, são produtos oficiais, autorizados pelos detentores dos direitos autorais e com objetivo de lucro direto ou indireto, sejam ou não “canônicos”.

As fanfics possuem um caráter de intertextualidade muito forte, mas ainda trazem características de pastiche que se aproximam do conceito dicionarizado de “imitação servil de obra literária ou artística”. Baseado na afirmação de Herzing (2005) sobre os fanfiqueiros sempre desenvolverem suas fanfics com base naquilo ao qual estão emocionalmente ligados, é natural observar essa “reverência” aos modelos dos produtos culturais originais.

Porém, mesmo considerando que o pastiche presente nas fanfics é uma forma legítima de criação literária, a forte influência da linguagem do produto cultural original (por exemplo, a narrativa característica dos quadrinhos, que é um meio que une texto e imagem, influenciando os textos puramente verbais das fanfics) e a consequente dificuldade em fugir desses padrões autoimpostos, aliada ao respeito exagerado ao cânone, faz com que o fanfiqueiro corra o risco de ficar estagnado quanto ao desenvolvimento de novas possibilidades narrativas, deixando de aproveitar a oportunidade natural que as fanfics oferecem quanto à possibilidade de se inventar histórias e “ousar” na criação literária.

Cada comunidade de fanfics tem suas peculiaridades em relação à maneira como desenvolvem os textos e em relação às características de seus participantes. Por exemplo, os temas mais populares atualmente nas fanfics são a série literária Harry Potter e as histórias baseadas em animês e mangás⁴, embora as fanfics de super-heróis dos quadrinhos norte-americanos também possuam ampla comunidade de fãs. Contudo, enquanto costuma ser mais comum encontrar um público feminino entre os escritores de fanfics, uma observação superficial nos *sites* de publicação e em comunidades relacionadas ao assunto

⁴ Respectivamente, desenhos animados e histórias em quadrinhos de origem japonesa.

faz com que se perceba que, no caso específico das fanfics de super-heróis, a tendência, curiosamente, é de encontrar mais autores do sexo masculino.

No caso das características dos sites e escritores de fanfics de super-heróis, podemos citar dois *sites* dedicados à publicação de fanfics deste gênero⁵, que diferem de boa parte dos demais *sites*, inclusive do FanFiction.net, pela opção por trabalhar com o conceito de “universo compartilhado” e serialização de histórias, numa proximidade com o formato de publicação dos quadrinhos norte-americanos, notadamente das editoras DC Comics e Marvel.

Ambos os *sites* contam com atualizações mensais de seus “títulos”, que mesclam os universos ficcionais de super-heróis que, originalmente, não compartilham o mesmo “universo”, como Batman e Homem-Aranha. Além disso, possuem editores (fanfiqueiros pertencentes aos grupos de escritores dos *sites* que possuam bom conhecimento do cânone) com a função de zelar pela integridade desse universo ficcional e sua cronologia literária.

Portanto, a intertextualidade nas fanfics de super-heróis está presente não somente na estrutura das histórias como também na própria estrutura de edição, publicação e organização, criando “amarras” criativas que ajudam a associar as fanfics ao pastiche.

Jameson (1985, p.18) caracteriza o pastiche como

a imitação de um estilo singular ou exclusivo, a utilização de uma máscara estilística, uma fala em língua morta: mas a sua prática desse mimetismo é neutra, sem as motivações ocultas da paródia, sem o impulso satírico, sem a graça, sem aquele sentimento ainda latente de que existe uma norma, em comparação com a qual aquilo que está sendo imitado é, sobretudo, cômico. O pastiche é paródia lacunar, paródia que perdeu seu senso de humor.

O conceito de pastiche, portanto, complementa a intertextualidade presente nas fanfics, reforçando seu caráter submisso aos produtos culturais que deram origem, o que se nota muito fortemente no caso das fanfics de super-heróis dos quadrinhos norte-americanos e, por tabela, nas baseadas em outros gêneros.

É importante salientar que as particularidades citadas em relação aos sites e escritores de fanfics de diferentes assuntos, personagens e universos ficcionais são indicativas, mas não implicam na formulação de uma “regra” a esse respeito, já que a pluralidade da produção de fanfics não permite que se estabeleçam parâmetros rígidos.

⁵ Hyperfan (www.hyperfan.com.br) e Quadrim (www.quadrimnet.com.br).

3. LETRAMENTO DIGITAL E MODOS DE ENDEREÇAMENTO RELACIONADOS COM AS FANFICS

O conceito de letramento surgiu na década de 1980 em diversos países, entre eles o Brasil. Segundo Soares (1998), a expressão letramento foi criada inicialmente para nomear um fenômeno distinto do que era chamado de alfabetização. Contudo, historicamente houve uma certa distinção na forma como as práticas sociais de leitura e escrita foram encaradas nos países em desenvolvimento e nos países desenvolvidos.

Nos países desenvolvidos, notadamente França e Estados Unidos, o principal foco dos estudos ligados ao letramento observavam as demandas de habilidade de leitura e escrita em práticas sociais de jovens e adultos. A alfabetização, caracterizada como a aprendizagem inicial da escrita, era abordada de forma independente (SOARES, 2004).

Havia uma distinção entre não saber ler e escrever (problema na alfabetização) e não dominar competências de uso da leitura e da escrita (problema no letramento). Por essas observações, a escolarização básica ofereceria às pessoas o domínio da capacidade de ler e escrever, alfabetizando-as, mas não geraria necessariamente a capacidade de se compreender o que está escrito ou desenvolver a escrita de forma a se inserir num contexto social mais amplo.

No Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, o letramento costuma estar fortemente relacionado à aprendizagem inicial da escrita, havendo uma forte associação entre letramento e alfabetização e, por vezes, até uma confusão entre os dois conceitos. Soares (2004) detecta isso tendo por base fontes como os censos demográficos, a mídia e trabalhos acadêmicos.

No caso da mídia, por exemplo, conceitos como “semianalfabeto” ou “analfabeto funcional” são usados para indicar as pessoas que sabem ler e escrever, mas não dominam as competências do uso da leitura e escrita (observado no critério censitário ao se verificar se a pessoa “sabe ler e escrever um bilhete simples”) (SOARES, 2004).

Um dos principais fatores que levam a essa percepção sobre o letramento, segundo Gaffney e Anderson (2000, *apud* Soares, 2004) foi a mudança dos paradigmas teóricos no campo da alfabetização, passando de um paradigma behaviorista, nos anos de 1960 e 1970, para um paradigma cognitivista nos anos de 1980 e, finalmente, um paradigma sociocultural nos anos de 1990. Soares (2004) indica que essa mudança foi observada nos Estados Unidos, mas pode ser reconhecida no Brasil no mesmo período, especialmente

pelas teorias construtivistas de Emília Ferreiro, que acabaram sendo incorporadas mais fortemente na fase de “alfabetização”.

Com isso, a alfabetização “tradicional”, a partir de estímulos externos, deu lugar a um processo que prioriza a relação da criança com a “língua escrita”, deixando a seu cargo a construção do sistema de escrita.

Dirigindo-se o foco para o processo de construção do sistema de escrita pela criança, passou-se a subestimar a natureza do objeto de conhecimento em construções, que é, fundamentalmente, um objeto linguístico constituído, quer se considere o sistema alfabético quer o sistema ortográfico, de relações convencionais e frequentemente arbitrárias entre fonemas e grafemas (SOARES, 2004, p. 11).

Esses fatores, aliados a outras características da concepção construtivista, levaram ao entendimento de que qualquer proposta de uma metodologia seria a proposta de volta do método “tradicional” de alfabetização. Com isso, as escolas estariam desenvolvendo um processo de letramento, que prevalece sobre a alfabetização propriamente dita.

Soares (2004) propõe, então, que se reconheça a especificidade da alfabetização com a conotação que ela possui diferenciada do letramento, que estaria presente no contexto no qual a alfabetização se desenvolveria. Isso permitiria um melhor desenvolvimento das habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais ligadas à língua escrita.

Um dos caminhos para isso seria a utilização da tecnologia que, segundo Costa *et al* (2004), permite um melhor desenvolvimento do aprendizado da alfabetização nas séries iniciais. Contudo, o estudo não apresenta exemplos de letramento, mostrando que, em relação ao uso da tecnologia, percebe-se uma distinção mais clara entre os dois conceitos.

Diante disso, é importante salientar que, apesar de no Brasil os conceitos de letramento e alfabetização estarem muito próximos, o conceito de letramento digital não possui a mesma confusão. O letramento digital não diz respeito, por exemplo, a simplesmente saber usar ou não um computador. O conceito versa especialmente sobre o domínio de habilidades de uso de leitura e escrita em ambiente digital, notadamente na internet (SOARES, 2002).

De uma forma simplista, poderíamos relacionar o letramento digital com a capacidade de se utilizar a leitura a escrita no contexto do ambiente digital. Letramento digital, portanto, não seria simplesmente “alfabetizar usando computador”. No

desenvolvimento do letramento digital se pressupõe o domínio prévio da escrita e leitura advinda da alfabetização.

A diferenciação do letramento digital em relação ao letramento “tradicional” nos aspectos das habilidades de leitura e escrita no contexto digital e globalizado faz com que as fanfics sejam um caminho para esse desenvolvimento, devido às suas características de letramento literário no ambiente online (ZAPPONE, 2008).

Contudo, ainda existe uma diferença entre o ensino da escrita no ambiente escolar e o aprendizado informal do ambiente virtual. Black (2008) acredita que a análise dos pontos de convergência e divergência do aprendizado desenvolvido em cada um desses ambientes permitirá o desenvolvimento de novas técnicas pedagógicas no ensino da linguagem e no desenvolvimento do letramento dos estudantes.

Um problema da utilização da informática pelos professores é que, ao contrário do que alguns costumam pensar, a simples presença de um computador não torna o ensino “moderno”, sendo necessário que o professor o utilize como instrumento para a concepção de ensino-aprendizagem que deseja adotar (COSCARELLI, 2005).

Ainda segundo Coscarelli (2005), o uso do computador para o aprendizado não significa que o professor deve ter conhecimentos avançados de informática, mas sim estar familiarizado com os recursos básicos que o permitam utilizar a tecnologia. Se considerarmos que os estudantes cada vez mais estão “conectados” no mundo virtual, isso torna-se imprescindível para que seja possível uma boa convivência entre professores e alunos.

Segundo Ribeiro (2005), o leitor digital, em contraposição com o do livro, não parte do zero na tarefa de lidar com o recurso do computador, já que a experiência de leitura pregressa apenas tornará necessária a adaptação ao novo suporte. No caso da escrita de fanfics, o suporte do computador, aliado à facilidade de distribuição de conteúdo, promove um estímulo não apenas à criação literária, mas também à divulgação e leitura de textos escritos por amadores. Segundo Chartier (1999), a tendência dos autores literários é que eles já imaginem seus escritos num contexto multimídia e com mais liberdade em relação a editores e a direitos autorais.

Isso dá margem ao questionamento sobre autoria e coautoria. Axt *et al* (2001) percebem que as tecnologias digitais estimulam a produção textual narrativa em coautoria através da construção de uma narrativa coletiva.

A própria construção coletiva da história remete ao processo dialógico, tanto pelos monólogos absorvidos pelo diálogo, quanto pela alternância de locutores. O encontro destas diversidades, na medida em que instaura uma relação tensa entre sentidos, que tanto se reconhecem quanto se repelem ou dispersam, acaba por desencadear o enriquecimento narrativo numa profusão de distintos matizes (AXT *et al*, 2001, p. 5).

Na narrativa “tradicional”, um escritor costuma estabelecer um planejamento para a construção da história, que pode ser mais ou menos flexível de acordo com as opções narrativas do autor. Já no texto coletivo, esse planejamento não funciona da mesma forma, já que parágrafos podem ser remontados e a linha narrativa pode ser alterada a cada inserção de um coautor.

Alguns desses elementos existem nas *fan fictions*, especialmente quando os leitores que se tornam autores tentam ser fiéis às histórias originais dos personagens e universos ficcionais. Existe uma coautoria com o criador dos objetos que estão sendo recriados, mas não chega a ser uma narrativa coletiva, embora possam existir fanfics que sejam escritas desta forma.

Miranda, Simeão e Mueller (2007, p. 35) afirmam que “a autoria não está restrita à propriedade intelectual de um texto”, já que ela seria relacionada a qualquer tipo de criação, incluindo música, fotografia e demais representações culturais. Além disso, a forma de entender a autoria varia de acordo com a cultura. Enquanto nos países latinos, notadamente, a propriedade intelectual da obra é do criador, que é o responsável por autorizar outras utilizações da obra, os países anglo-saxões têm uma percepção mais ampla de coparticipação de direitos para quem produziu uma gravação sonora de uma obra, por exemplo.

Os fanfiqueiros partem do pressuposto de que podem se apropriar das obras de que gostam simplesmente porque são fãs dos produtos originais, convertendo-se em coautores e cocriadores, sem amparo legal, contudo.

O conceito de modo de endereçamento auxilia a observação dessa relação entre leitor/escritor e escritor/leitor que se evidencia na produção de *fan fictions*. Esse conceito surgiu originalmente nos estudos de cinema e visa analisar a dinâmica entre o que um filme pretende transmitir a seu público e o que esse público efetivamente lê do filme. O conceito foi ampliado por Ellsworth (2001), que sugeriu sua utilização em outras áreas, especialmente a Educação e, sobretudo, por Macedo (2004), entre outros, na análise do endereçamento de livros didáticos.

No cinema, quando se quer atingir determinado público, os produtores fazem suposições sobre o que esse público se interessaria em ver e com o que ele se identificaria para poder endereçar o filme com as características que julga adequadas. Como um público não é necessariamente homogêneo, esse endereçamento não atinge a todos da mesma forma, havendo diversas leituras de um mesmo filme (PRETO, 2007).

Quando se endereça um filme, portanto, há o objetivo de tentar influenciar ou manipular a resposta dos espectadores, mas sempre há um “erro” na percepção sobre esse público, já que não é possível exercer controle total sobre essa relação. A partir do momento em que surgem as questões básicas do modo de endereçamento (“quem este filme pensa que você é?” e “quem este filme quer que você seja?”) já se observa a impossibilidade de produzir respostas únicas.

O fato de se buscar endereçar um filme pressupõe que ele seja feito para atingir um grupo específico. Ao mesmo tempo em que as leituras não serão sempre as mesmas (especialmente quanto maior for esse público), a própria produção cultural que está sendo endereçada não corresponde necessariamente à intenção original de quem a endereçou.

No caso das *fan fictions*, um dos objetivos básicos de quem as escreve é o de satisfazer seu próprio desejo de ver novos materiais com os personagens e universos ficcionais de que gosta. Embora seja uma aparente escrita “para si mesmo”, o escritor é ao mesmo tempo leitor e, se num momento endereça o texto, no seguinte é o alvo desse endereçamento.

Além disso, segundo Miranda (2005), os fanfiqueiros estão em um mundo de “texto infinito”, trabalhando em cima de uma união de mídia e livros. Isso faz com que a fanfic se destaque por se manifestar de maneira semelhante à dos hipertextos e, mais importante, é desenvolvida por quem é “apaixonado” pelas obras originais.

A transformação do leitor em autor reforça a visão de que esse endereçamento pode ser entendido como um “autoendereçamento”, com o escritor acreditando que seu leitor é a sua imagem e semelhança, já que ele também é primordialmente um leitor. Preocupação diferente da dos escritores de livros tradicionais, que se posicionam como originalmente autores e que se distanciam de seu público-leitor.

Esse amálgama de leitor e autor é a principal peculiaridade das fanfics em comparação com outras formas de criação literária. A análise de seus modos de endereçamento serve para caracterizar essa percepção de forma sólida e, com isso, relacioná-la com o letramento digital. O desprezo pelos direitos autorais e a vontade de recriar textos, ficções e até a realidade a partir de textos literários que se apropriam de

criação de terceiros são questões que se inserem no contexto da cibercultura, a partir do qual o letramento digital atua fortemente.

O fanfiqueiro, ao recriar uma obra literária, não está preocupado com o endereçamento imaginado pelo escritor original. Ele se assume como o alvo desse endereçamento (já que é fã da obra) e, além do novo texto, também recria o endereçamento baseado em si mesmo. É o caso, por exemplo, das chamadas *slash fan fictions*, escritas majoritariamente por mulheres e que apresentam relações homossexuais masculinas entre dois personagens originalmente heterossexuais (MUNDIM, 2008). É uma alteração brusca no endereçamento original da história, recriando-a a partir das intenções do leitor que se tornou escritor e que visa sua própria satisfação enquanto leitor em um primeiro momento.

Como os modos de endereçamento denunciam aspectos fundamentais do letramento e do letramento digital, já que esclarecem as posições do leitor e do autor, eles conquistam uma forte relação neste contexto. Ainda assim, curiosamente, apesar de a escrita através do suporte digital privilegiar o hipertexto, grande parte da produção de fanfics ainda se aproxima em seu caráter formal dos textos “tradicionais”, sem necessariamente trazer a utilização explícita de hipertexto. Isso reforça de um processo de letramento tradicional, mesmo a fanfic estando em suporte digital.

É importante também levar em consideração que o endereçamento que ocorre na escola é quase artificial, pois o professor pede para que o aluno escreva algo que, em princípio, apenas ele lerá. Consequentemente, não há público para a escrita desse aluno, já que a demanda está centralizada na figura do professor. Além disso, o que será observado nesse texto é a forma e não o conteúdo, que é pouco valorizado no ambiente escolar. A artificialidade do endereçamento na sala de aula, portanto, difere muito do endereçamento das fanfics, especialmente porque passa a existir uma quase isenção do sujeito no que ele escreve para o professor, afetando a qualidade do que se escreve.

A prática atual de leitura e escrita das *fan fictions* se dá quase que exclusivamente através da internet, já que são raras as publicações impressas que ainda as trazem e, se considerarmos que o volume de fanfics publicadas na internet chega à casa das centenas de milhares, as eventuais leituras impressas tornam-se proporcionalmente ínfimas, reduzindo a distância entre quem lê e quem produz.

Assim como os demais produtos culturais, as *fan fictions* também são endereçadas a determinados públicos, que as leem de diversas e imprevisíveis formas. Contudo, há um ponto que as diferenciam do cinema, pois o público para o qual as fanfics são endereçadas é o mesmo que as produz, fazendo com que, quem está lendo um texto num determinado

momento, esteja endereçando no momento seguinte. Mesmo que consideremos que há fanfiqueiros que apenas leem as histórias, sem também praticar a escrita, a facilidade de publicação da fanfics em comparação com a de outras mídias, como a literatura profissional ou o cinema, torna todos os leitores potenciais escritores, o que mantém a possibilidade de ler e, no momento seguinte, endereçar.

Vale ressaltar que, embora seja possível publicar qualquer tipo de texto na internet e que até escritores profissionais escrevem no ambiente digital com facilidade, estamos nos referindo à peculiaridade da fusão da figura de leitor e escritor que existe nas fanfics, que permite que o leitor reescreva ou recrie um texto publicado por outra pessoa no mesmo ambiente e com a mesma percepção de autoria, o que não ocorreria com alguém que se dispusesse a modificar um texto de um autor profissional.

Com base nessas observações, cabe questionar como professores e estudantes fanfiqueiros que compartilhem o interesse pela escrita das *fan fictions* as endereçam e leem. A partir dessa observação, também é importante saber como a prática de escrita de fanfics se relaciona com as práticas escolares.

Apesar de, no ambiente virtual da produção de fanfics, haver uma relação próxima entre professores e alunos, que se posicionam nesse ambiente como fanfiqueiros, no espaço escolar eles não mantêm essa relação e, embora o desenvolvimento da escrita dos jovens que produzem fanfics tenha influência direta em suas práticas escolares de letramento, nem os estudantes nem os professores levam as fanfics para o espaço escolar (VARGAS, 2005b), ou ainda, se há, são muito poucos os que levam.

A principal diferença entre os ambientes virtual e escolar é que no primeiro não há regras preestabelecidas baseadas em currículos e demandas institucionais. Um fanfiqueiro começa a escrever fanfics por vontade própria, assumindo as responsabilidades inerentes de produzir bons textos sobre o tema que se propõe. Outra diferença é o uso da tecnologia como meio e não como fim (BLACK, 2008).

Apesar de não haver pesquisas que determinem com precisão as faixas etárias, classes sociais ou outros dados relativos aos fanfiqueiros, é possível conhecer bastante sobre os escritores de fanfics a partir das comunidades virtuais, dos *sites* de relacionamento e dos próprios *sites* de divulgação de fanfics, embora nenhum deles possua alcance global.

Essa falta de alcance global pode ser compreendida pelo caráter segmentado das fanfics. É uma segmentação baseada nos gostos pessoais dos que escrevem as histórias. Por exemplo, fanfiqueiros que produzem textos baseados em quadrinhos costumam relacionar-se em comunidades virtuais sobre fanfics de quadrinhos com outros que leem e

produzem sobre mesmo gênero, assim como fanfiqueiros ligados a Harry Potter, Senhor dos Anéis, Matrix, etc. Há exceções, mas estas geralmente ocorrem no caso de pessoas que estão ligadas a mais de uma comunidade de fãs, embora, ainda assim, seu relacionamento refira-se apenas àquilo ao qual estão emocionalmente ligadas (HERZING, 2005).

Com base nos pontos apresentados, a utilização de fontes primárias foi importante para o desenvolvimento da pesquisa, especialmente o contato com professores e estudantes envolvidos com as *fan fictions*. Esse estudo contribuirá para a construção do conhecimento da área de Educação por dar um primeiro passo na análise das *fan fictions* como possível objeto pedagógico.

A investigação sobre os modos de endereçamento de professores e estudantes em relação às fanfics será um ponto de partida para posteriores análises mais detalhadas sobre esse fenômeno e sua relação com o letramento digital. As *fan fictions* não serão levadas para a sala de aula, mas ainda assim será observada a produção escrita dentro e fora da escola e os endereçamentos relativos às fanfics.

4. PROFESSORES FANFIQUEIROS

Baseado no planejamento de pesquisas qualitativas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 2004), foram realizadas entrevistas com professores que escrevem *fan fictions*. Os sujeitos foram selecionados a partir de levantamento, realizado no período preparatório, em comunidades sobre o tema em *sites* de relacionamento e em fóruns na internet, além dos próprios *sites* de divulgação de fanfics.

Antes da fase final das entrevistas, foi realizado um contato prévio com alguns professores envolvidos com produção de *fan fictions*. Através de conversas informais em ambiente virtual com seis professores, observou-se que há um possível interesse em levar suas experiências com fanfics para sala de aula, além do fato de todos possuírem alunos que também escrevem fanfics. Isso foi aprofundado nas entrevistas realizadas posteriormente.

Devido ao fato de que o ambiente virtual e, conseqüentemente, os sujeitos relacionados com o tema estão dispersos geograficamente, as entrevistas foram realizadas através da internet, utilizando-se recursos como e-mail, Skype e MSN, que oferecem diferentes vantagens e limitações.

Considerando que esse é um espaço inexplorado, foram realizadas entrevistas semidiretivas. O número de sujeitos entrevistados seguiu o critério de redundância. Como não foram possíveis entrevistas presenciais, priorizou-se o uso do software Skype, que permite conversa com áudio e imagem pela internet (videoconferência), sendo o que mais se aproximaria de uma entrevista presencial. O software MSN também permite conversa com áudio e imagem, embora de forma mais limitada.

Contudo, foram entrevistados alguns sujeitos sem acesso a recursos de áudio em seu computador. Nesses casos, priorizou-se o uso do software MSN ou do recurso de chat (bate-papo) do Skype, que permitem uma interação escrita imediata entre entrevistador e entrevistado.

Em último caso, foi utilizado o e-mail, cuja desvantagem é a de não permitir uma interação instantânea, além da impossibilidade de se realizar uma observação minimamente precisa do sujeito e de suas respostas. Para isso, foi enviado um roteiro de perguntas ao entrevistado.

A maior dificuldade, em um primeiro momento, foi a de encontrar professores dispostos a conceder as entrevistas. As comunidades, notadamente no orkut, são compostas em sua grande maioria por adolescentes. Vários professores, contudo, entraram em contato

após os primeiros “anúncios” da pesquisa nas comunidades, porém alguns não responderam aos contatos posteriores já relativos diretamente à pesquisa. Contudo, os que aceitaram conceder as entrevistas falaram muito e com bastante paixão.

Também ocorreu, em algumas comunidades, uma rejeição por parte dos membros adolescentes. Alguns reclamaram por ter-se criado um tópico de busca por professores fanfiqueiros, sem maiores explicações sobre o motivo desta atitude de reprovação. Outros se limitavam a dizer que não havia professores que escrevem fanfics. Contudo, a maioria das respostas foi de pessoas dispostas a ajudar, mesmo no caso de adolescentes que não conheciam professores na comunidade.

Após os primeiros contatos, especialmente através da página de “recados” do orkut, foram feitas tentativas de entrevista por MSN e e-mail. Parte dos professores que, inicialmente, demonstraram-se dispostos a ajudar, desistiu nessa segunda fase sem alegar motivos. Outros, porém, foram bastante receptivos e responderam às perguntas da entrevista.

Outros contatos foram feitos diretamente por e-mail para autores que já se sabia de antemão que eram professores fanfiqueiros e que disponibilizaram seus endereços eletrônicos.

O fato de muitos escritores de fanfics utilizarem pseudônimos e não divulgarem detalhes de suas vidas pessoais, utilizando inclusive perfis distintos no orkut e nas demais comunidades para sua *persona* fanfiqueira e sua *persona* real, dificultou o acesso a um maior número de professores que escrevem fanfics, já que há aqueles que preferem não divulgar nenhuma informação pessoal, incluindo informações sobre sua profissão.

Após a realização de cada entrevista, foi feita uma análise argumentativa das respostas dos entrevistados e a elaboração de esquemas argumentativos que permitissem responder às perguntas desta pesquisa.

A análise baseou-se no modelo da Estratégia Argumentativa para analisar as concepções dos entrevistados tendo em vista que, segundo Rizzini, Castro e Sartor (1999, p. 100),

quando alguém fala ou escreve, o faz para um outro ou outros com um objetivo determinado (...) Um discurso é preparado pelo seu autor com uma intenção, mesmo que esta não seja totalmente clara para ele. A análise buscará explicar a quem o falante está se dirigindo, o que ele diz e qual sua intenção.

A tipologia da análise está baseada na Teoria da Argumentação, tradição iniciada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Segundo esta teoria, “a retórica de um discurso concerne o seu poder persuasivo, à possibilidade desse discurso obter ou não a adesão do outro.” (RIZZINI; CASTRO; SARTOR, p. 105).

A análise das estratégias argumentativas consiste em um trabalho de reconstrução de argumentos, relacionando o como se diz, com o que e o porquê se diz. Esta análise leva em conta a atividade na qual o sujeito está engajado, já que o sentido das enunciações emerge em função desta atividade, no caso, a entrevista.

A análise argumentativa aqui trabalhada e descrita caracteriza-se por um exercício de idas e vindas ao material analisado a fim de se chegar o mais próximo possível das representações que o entrevistado possui sobre o objeto de pesquisa. O que rege esse trabalho é a procura de padrões, regularidades ou, ao contrario, oposições e contradições ou simplesmente de aspectos eleitos como relevantes.

O Modelo da Estratégia Argumentativa destaca dois processos de montagem: um deles engendrado pelo entrevistado e um segundo engendrado pela interpretação da fala do entrevistado, uma vez que não é possível dizer o que outro disse apenas repetindo o que foi dito. Isto ocorre porque o que foi dito dependerá da situação em que o diálogo é realizado e sobre o que ele versa, ou seja, existe todo um contexto social e ideológico que envolve este diálogo que não poderá ser totalmente reproduzido por outro. (CASTRO; FRANT, no prelo). A montagem dos esquemas deve colocar explícitos os implícitos encontrados, o que posiciona as afirmativas de modo a emergir a imagem resumida do seu enunciado.

As entrevistas completas estão no anexo desta dissertação. Como algumas entrevistas foram feitas utilizando-se recurso de chat de texto ou e-mail, os extratos das falas nas análises específicas de cada professor pode conter eventuais erros de digitação, erros gramaticais ou símbolos comuns na linguagem escrita virtual. Optamos por manter todas as entrevistas realizadas com esses recursos exatamente da forma como foram escritas pelos sujeitos.

No caso das entrevistas faladas, optamos pela transcrição precisa do que foi dito pelos sujeitos, o que pode gerar alguma redundância ou uso de palavras repetidas na formação do pensamento do entrevistado no momento da fala.

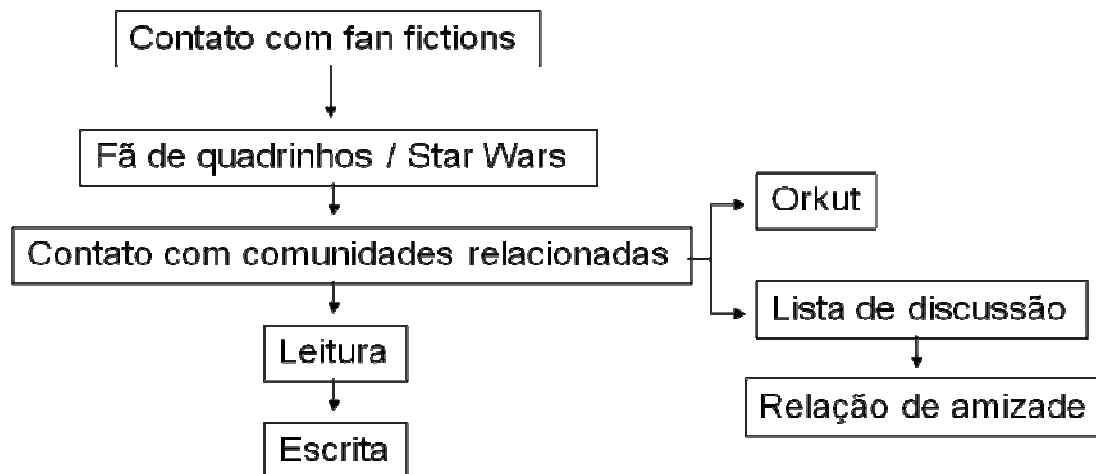
Dos seis sujeitos, apenas um não autorizou a veiculação de seu nome, solicitando o uso de pseudônimo ou abreviação. Para manter um padrão, optamos por utilizar o mesmo critério para todos. Por essa razão, alguns sujeitos, apesar de não terem seus nomes

divulgados, dão detalhes como a escola em que trabalham e projetos que realizaram, já que originalmente concederam as entrevistas sem preocupação em revelar suas identidades.

Entrevista com C.P.

O primeiro sujeito entrevistado foi C.P.. Ele é professor em São Paulo, já tendo trabalhado em escolas públicas e privadas. Começou sua carreira docente há cerca de oito anos e escreve *fan fictions* desde 2000. Atualmente, é professor de Literatura no Colégio Justos Onzine, na capital paulista, mas trabalhou por seis anos na Escola Estadual Professora Eliana Aparecida Dantas, na cidade de Ferraz de Vasconcelos, região metropolitana de São Paulo, como professor de Leitura, disciplina implantada pelo governo do Estado para estimular a produção escrita dos estudantes.

Ele é licenciado em Letras, com habilitação em Português e Inglês, e é especialista em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Até por conta da profissão, C.P. sempre gostou de ler, especialmente ficção e poesia. Colecionador de histórias em quadrinhos e fã da série cinematográfica “Star Wars”, C.P. conheceu as *fan fictions* relacionadas a esses dois universos dos quais já gostava.



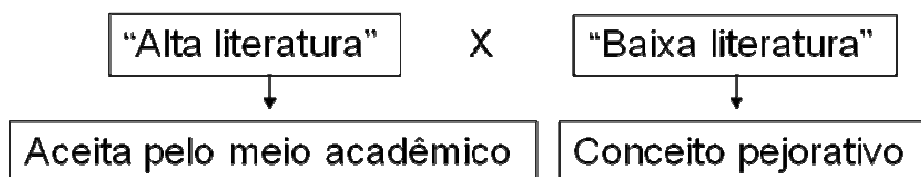
As primeiras fanfics lidas por C.P. foram as de “Star Wars”, em 2000, quando chegou a escrever um pouco no gênero. Porém, ele começou a escrever fanfics com mais intensidade após o contato com as relacionados aos quadrinhos de super-heróis norte-americanos, em 2003, através do site Hyperfan, dedicado a esse nicho.

C - é:.. principalmente personagens da. da marvel comics. por que. são aqueles personagens com que eu tinha maior contato enquanto leitor. né. é.. eu trabalhei. eu trabalhei ((riso irônico))... eu escrevi

textos da. do homem aranha. é.. co-escrevi texto do homem aranha também. do quarteto fantástico. demolidor. vingadores. é... motoqueiro fantasma. é.. foram esses os que eu tive maior. maior incidência. maior quantidade de textos escritos.
(grifo nosso)

Na entrevista, ao citar os personagens que escreve, C.P. achou graça de si mesmo ao falar “trabalhei” ao invés de “escrevi” ao se referir aos textos do personagem Homem-Aranha. Seu discurso, logo de início, estabelece uma dissociação de noções quando diferencia a literatura através de conceitos de “alta e baixa literaturas”, sendo que a “alta literatura” seria a mais aceita pelo meio acadêmico, no qual ele se considera inserido. Além disso, há uma referência direta entre alta literatura e alta cultura.

O sentido que ele apresenta de alta e baixa literaturas é a aceitação da primeira pelo universo crítico e pelo universo acadêmico. Há um certo tom pejorativo ao falar das fanfics como baixa literatura, especialmente quando ele afirma que busca mecanismos que aprende com a alta cultura para tentar reproduzir, “de forma rudimentar”, nos textos que faz.



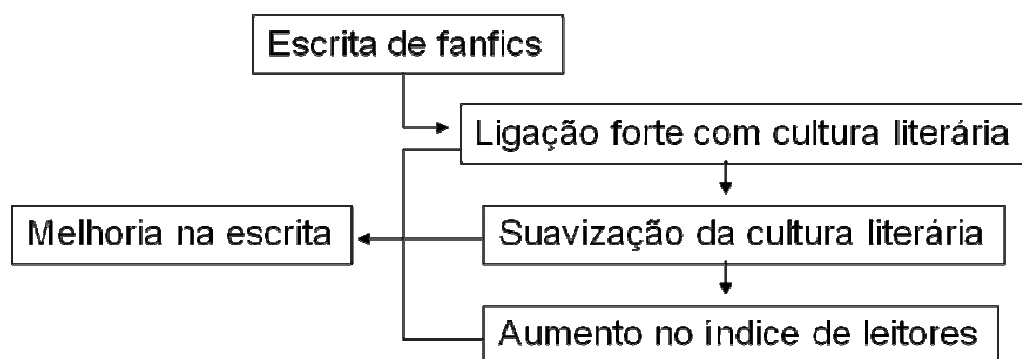
Desde o início de sua experiência com fanfics ele teve essa percepção, já que afirma ter tentado, logo em seu primeiro texto como fanfiquero, criar uma história que unisse a narrativa da fanfic com o formato da poesia narrativa.

C - sim. na verdade eu penso muito.. enquanto. é. leitor de literatura. é. chamada mainstream. a grande literatura ou a alta literatura como é chamado pelo.. pelo. pelo universo crítico. o universo acadêmico. que acredita que exista uma. uma alta cultura e uma baixa cultura. então como estou envolvido com essa alta cultura. eu tento pensar em mecanismos que eu aprendo lá. que eu vejo e que eu tento reproduzir de forma rudimentar nos textos que eu faço. tanto que eu me lembro que uma das primeiras experiências produzindo textos de fanfics. foi em forma de poesia. era uma das minhas ideias era poder unir a narrativa. a poesia narrativa com a narrativa da fan fiction. é.. depois eu comecei a perceber que. é.. eu poderia ter um contato maior com o público leitor de fan fiction e de quadrinhos consequentemente que é de onde os personagens

*migraram. né. se eu suavizasse algumas dessas características e:...
ao suavizar essas características eu consegui uma maior incidência
desse. de acessos e de visitas do meu. dos meus textos.*
(grifos nossos)

No momento seguinte, quando C.P. diz que busca “reproduzir de forma rudimentar” em seus textos de fanfic a estrutura da alta cultura, ele deixa transparecer eu considera essa uma forma inferior de literatura, precisando de “mecanismos” que a adequem à alta cultura.

Essa percepção fica mais clara quando ele diz que “ao suavizar essas características” (no caso, a reprodução da alta literatura nas fanfics), ele conseguiu “uma maior incidência de acessos e de visitas” aos seus textos. O uso do termo “suavizar” contrapõe a alta e a baixa literaturas como se a alta fosse “dura” e baixa “suave”. Essa “dureza” seria uma característica de elitização da alta literatura, da qual as fanfics não fariam parte.



Apesar disso, a percepção de C.P. quanto à qualidade de sua escrita é a de que ela melhorou após começar a escrever fanfics. Apesar de dizer que buscava reproduzir a alta literatura em seus escritos iniciais, ele diz que estes eram pouco elaborados. Com isso, observamos que, baseado no que ele disse, à medida em que “suavizou” o texto também passou a elaborá-lo melhor, graças, especialmente, a ter mantido um ritmo de escrita constante e pela resposta imediata que tem dos leitores sobre aquilo que escreve.

C.P. buscou levar sua experiência com a escrita de fanfics (e a consequente percepção de melhora em seus textos literários) para as escolas em que trabalhou. Na escola privada, onde é professor de Literatura, não teve a oportunidade de desenvolver projetos de fanfics com os alunos pela necessidade de cumprir o currículo predefinido pela instituição.

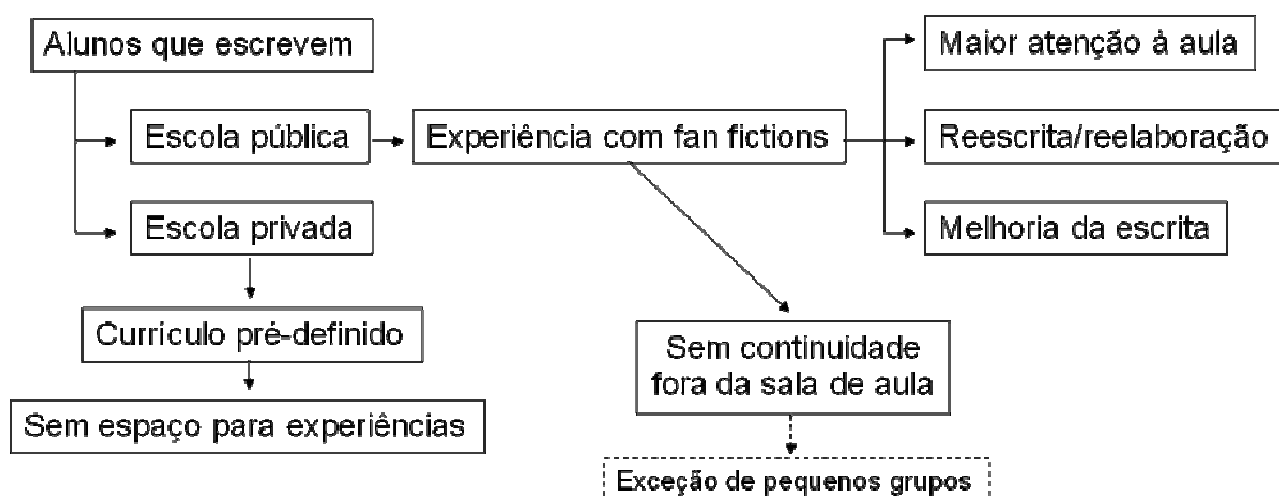
Já na escola pública em que trabalhou na periferia da região metropolitana de São Paulo, ele pôde fazer um projeto relacionado às fanfics, que se encaixava com a proposta das aulas de Leitura, disciplina criada pelo governo estadual entre 2004 e 2006. Durante um mês, ele acompanhou a produção de fanfics pelos alunos de várias turmas da sexta série (equivalente ao atual sétimo ano do Ensino Fundamental), que tiveram total liberdade de escolha do universo ficcional e personagens que seriam utilizados em seus textos. A maioria optou por histórias relacionadas a desenhos animados, especialmente animes (animação japonesa).

*C - eu percebi que os alunos. eles ficaram mais atentos. é... para aquilo que eles estavam produzindo. eles entenderam que por eles serem fãs de determinado personagem. um universo. eles conheciam minúcias e detalhes que outras pessoas não conheciam. então eles precisavam ter uma noção de contexto de produção.. pensando aí em termos de gênero textual. eles precisavam ter uma noção do contexto. ou seja. os elementos que ele colocava no texto. que outras pessoas conseguiriam ler de forma adequada. sem perder muito daquilo que se lia. eu acho que eles começaram a perceber que quando se escreve. isso de forma generalizada. não só dentro dessa experiência mas acho que a partir dela.. que existe um um contexto de produção. e que.. existem referenciais desse texto. e esses referenciais precisam ser esclarecidos.. e. sobretudo essa perspectiva de que o aluno pode produzir coisas. é.. eu acho que foi uma experiência sobretudo muito gostosa. então era um era um era um fator interessante. não era só uma obrigação ali da disciplina. uma atividade obrigatória. mas era também o momento de poder expressar um gosto pessoal. e de fazer uso desse gosto. brincar com esse gosto. então tinha um aspecto lúdico também. que foi muito interessante e eu acho que reverberou pra outras atividades que eles fizeram.. não só comigo nessa disciplina mas com outro professores também.
(grifos nossos)*

Em sua percepção, C.P. observou que os alunos passaram a ter uma maior atenção à aula. Além disso, todos os textos passaram por várias releituras, reescritas e reelaborações, o que levou a uma melhoria da escrita dos alunos à medida em que eles buscavam “aguçar esse texto”. Ele percebeu uma motivação emocional nos alunos para a melhoria dos textos, já que estavam relacionados com universos ficcionais dos quais eles gostavam e pelos quais eles desenvolviam alguma espécie de emoção. Os alunos também demonstraram preocupação com o público que leria o texto, indicando uma noção básica de modos de endereçamento, mesmo que inconsciente. C.P. também notou reflexos desse projeto em outras disciplinas e atividades.

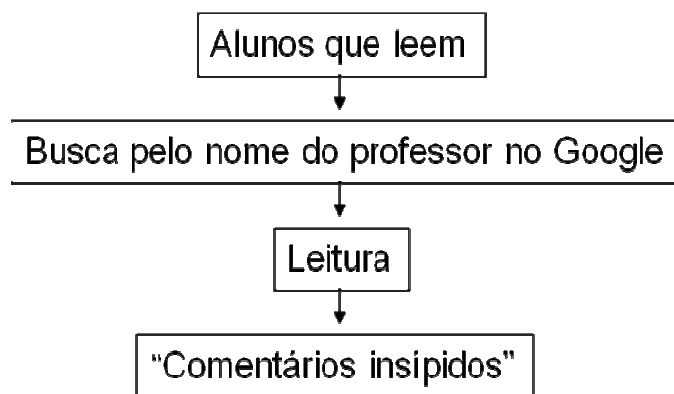
O fato de trabalhar especificamente com fanfics e não com um texto literário de criação integral dos alunos foi o fator mais importante na percepção de C.P. sobre o projeto. Ele observou que os elementos preestabelecidos dos universos ficcionais escolhidos pelos alunos permitiu uma melhor percepção das referências literárias apresentadas pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura. Contudo, essa percepção foi empírica, não possuindo ele nenhum dado concreto.

O fato de a escola estar localizada na periferia também influenciou. C.P. notou que eles se consideravam “parte de uma outra esfera, que era uma esfera de produtores de alguma coisa relacionada a um desenho ou a alguma coisa que muita gente conhecia e que muita gente admirava”. Isso fez com que os alunos “também se sentiam admirados”. Contudo, após a experiência, pouquíssimos alunos continuaram escrevendo fanfics, apesar da insistência de C.P.. “Acho que uns cinco ou seis alunos continuaram produzindo constantemente alguma coisa e trocavam entre si”.



Alguns alunos de C.P. também passaram pela experiência de lerem as fanfics escritas por seu professor. Em um caso, ele mesmo levava um texto seu para análise por parte dos alunos, mas na maior parte das vezes seus escritos eram “descobertos” a partir de pesquisas na internet baseadas em seu nome.

Contudo, apesar do estímulo à análise dos textos, os comentários costumam ser “insípidos”, com os alunos limitando-se a dizer se gostaram ou não, com alguns ainda dizendo que estavam curiosos para saber o que aconteceria nos capítulos seguintes da história.



Com base em todos os pontos apresentados na análise da entrevista de C.P., podemos notar alguns dos questionamentos desta pesquisa.

O interesse para a escrita das fanfics, tanto por parte dos professores quanto dos estudantes, vem a partir dos personagens e universos ficcionais de que cada um gosta. Apesar de aparentemente ser um ponto em comum, na realidade é altamente variável, já que diferentes gerações podem ser fãs de objetos diferentes.

C.P., por exemplo, começou nas fanfics por gostar de “Star Wars” e quadrinhos de super-heróis. Já seus alunos, quando ele fez a experiência em sala de aula, optaram por desenhos animados japoneses. O que gerou interesse foi, em essência, a mesma coisa: Objetos culturais dos quais se gosta. Contudo, a escolha dos temas abordados foi diferente.

Já em relação ao endereçamento das fanfics, há uma semelhança nas opções do professor e seus alunos, já que cada um escreve aquilo que gostaria de ler. A preocupação com os conceitos de “alta literatura” e “baixa literatura” por parte de C.P. é um diferencial em relação aos alunos, mas a busca por “suavizar” essas características, o deixa mais próximo das fanfics em geral.

Essa produção no ambiente virtual e no ambiente escolar também são percebidas diferentemente. C.P. justifica essa percepção diferente com a seguinte afirmação:

C - sim. é diferente.. geralmente quando eu produzo textos.. pras minhas aulas e.. e. elas não são. primeiro elas não são ficção. dificilmente eu escrevo ficção em outro contexto. no ambiente escolar ou no ambiente acadêmico os textos não são ficção. então tem toda uma outra característica... e acho que basicamente é isso. isso já diz muita coisa. toda a mudança que há por não ser uma ficção por pertencer a outro ambiente. a um outro tipo de circulação.

Por sua fala, nota-se que a produção de fanfic está fortemente ligada à construção de narrativas ficcionais, o que ele considera algo distante da produção de textos no ambiente escolar, não tendo espaço para ficção na sala de aula, a não ser em análises de textos. C.P., contudo, levou experiências para sala de aula sempre que o currículo permitiu. Ele as considera importantes e com bons resultados.

C - eu percebi que os alunos. eles ficaram mais atentos. é... para aquilo que eles estavam produzindo. eles entenderam que por eles serem fãs de determinado personagem. um universo. eles conheciam minúcias e detalhes que outras pessoas não conheciam. então eles precisavam ter uma noção de contexto de produção.. pensando aí em termos de gênero textual.

Essa experiência, segundo ele, só foi possível porque escolheu trabalhar com as fanfics, especialmente por conta do universo ficcional já estar criado e ser de conhecimento e interesse prévio do aluno. E, apesar de poucos alunos continuarem produzindo fanfics, ele notou uma melhoria na utilização da escrita e, também, da leitura, inserindo-se no contexto do letramento.

Entrevista com E.S.

E.S. é professor universitário em Salvador, tendo trabalhado no Colégio Estadual Pedro Calmon, de Amargosa (Bahia), com turmas de Ensino Médio durante cinco anos. Atualmente, trabalha na Faculdade da Cidade de Salvador e na Faculdade Dois de Julho, ambas de Salvador, como professor do curso de Publicidade.

É formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Salvador e trabalha no campo da educação desde 2002. Considera-se um utilizador intermediário de internet, acessando principalmente site de notícias, blogs e podcasts.

Seu primeiro contato com as *fan fictions* foi através de um amigo que escrevia para um site norte-americano. No início, optava por ler fanfics de super-heróis norte-americanos, até que se uniu a outros amigos e desenvolveu um site brasileiro dedicado a fanfics também sobre personagens do universo dos super-heróis.

Ao explicar a característica do grupo que formou o site de fanfics, E.S. começou dizendo que foi um grupo de leitores, tendo parado no meio da palavra “leitores” para falar “escritores”. Neste site, sua opção inicial de personagens foram Homem-Aranha e X-Men, pois eram com os quais ele mais se identificava.

E.S. afirma que não se baseia em nenhum público quando escreve suas fanfics, buscando escrever para si mesmo, de acordo com suas pretensões em relação ao desenvolvimento de cada personagem. Ainda assim, nos sites dos quais participou, sempre havia o contato dos leitores, que enviavam e-mails e faziam comentários sobre as histórias, o que ele sempre achou interessante.

E - não. na verdade não. nenhum dos fanfics que eu escrevi. eu escrevi pensando em público. era sempre muito mais aquela coisa assim de que. o que é que eu gostaria de ver. toda lógica de começar a escrever fanfics para mim era. eu não tava satisfeito com o que eu lia nos quadrinhos e achava que podia fazer melhor. então eu sempre pensava nisso. o que é que eu poderia fazer melhor do que tá aí.
(grifo nosso)

Ele afirmou que escrevia para si, pois não gostava do que lia nos quadrinhos e achava que podia fazer melhor.



E.S. tem a percepção de que sua escrita melhorou depois que começou a escrever fanfics, desenvolvendo uma forma dinâmica de contar histórias, especialmente por conta da estrutura de editores que havia no site. Esses editores eram responsáveis que corrigiam os textos e davam dicas. Ainda assim, ele considera as fanfics apenas como uma forma de diversão, afirmando que nunca pensou em virar escritor a partir dessa experiência. Contudo, já participou de um livro com histórias e personagens de criação própria ligados ao site de fanfics.

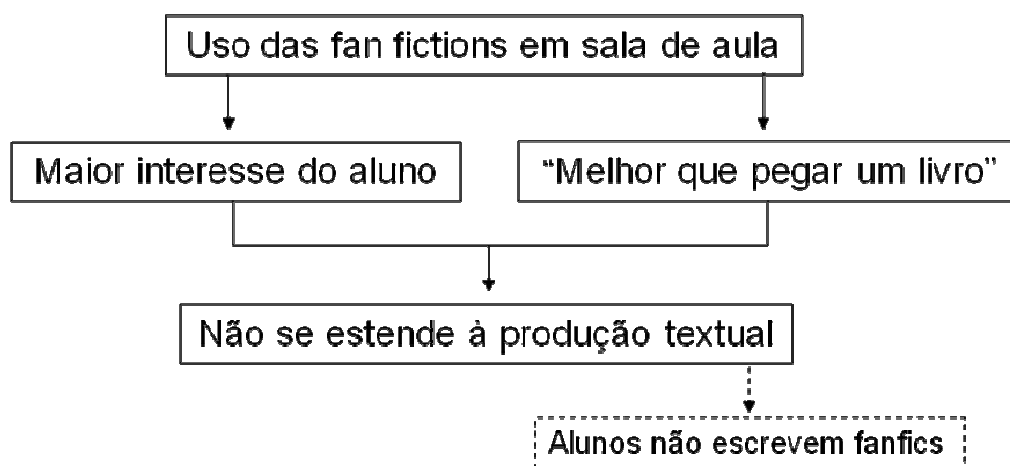
Atualmente, E.S. não escreve fanfics por causa de outros projetos que tomam seu tempo, mas afirma ter saudades de escrever. Além disso, só lê fanfics eventualmente, quando há algum tema ou conceito que ache interessante, mas sem regularidade.

Ele já trabalhou com fanfics na faculdade, as utilizando como uma maneira de exemplificar situações e apresentar conceitos e histórias. Segundo ele, a vantagem de

utilizar as fanfics nesse caso é o fato de serem textos curtos, em formato de conto. Contudo, apesar de utilizar fanfics como exemplo em sala de aula, ele não pedia para que os alunos escrevessem fanfics, optando por estimulá-los a se basear apenas no formato de conto curto.

E - tanto na faculdade quanto na escola. eu trabalhei sim com fanfics. eu usava os fanfics como uma maneira de exemplificar situações. de.. apresentar conceitos. histórias. até porquê usava. fanfics têm formatos curtos. são textos curtos. esse formato de conto, é uma boa maneira de introduzir alguns assuntos. mas eu raramente pedia pros alunos criarem fanfics para mim. pedia pra eles escreverem contos com base no formato de fanfic que eu apresentava. usava a fanfic como uma maneira de.. despertar neles esse interesse pela literatura. pelas histórias. mas. muito mais relacionado. como é um personagem conhecido eles vão se identificar. é melhor do que pegar um livro. um capítulo de um livro que eles não sabem do que está falando.
(grifos nossos)

Ou seja, segundo sua percepção, ao apresentar um conto, E.S. utilizava as fanfics para facilitar a compreensão dos alunos, já que era uma história com um personagem conhecido e de fácil identificação por parte dos alunos, ao contrário do que poderia acontecer com um capítulo de um livro qualquer, que estaria descontextualizado. Em contrapartida, na hora da produção textual dos alunos, ele optava por não trabalhar necessariamente com fanfics por considerar que seus alunos teriam mais liberdade e se sentiriam mais à vontade criando personagens próprios do que trabalhando com personagens de terceiros. Existe, neste caso, uma argumentação apelando para a facilidade. Para ele, textos curtos, no formato fanfic são mais fáceis de o aluno se interessar. Para ele, “é melhor do que pegar um livro”.



Ele afirma que esse tipo de trabalho é realizado até hoje, sendo que nenhum aluno, por conta própria, optou por escrever uma fanfic, sempre preferindo as criações originais. E.S. nunca teve a curiosidade de perguntar o porquê dessa opção, já que seu objetivo principal sempre foi que os alunos escrevessem os contos, independente de ser fanfics ou não.

E - no ambiente das fanfics eu aprendi. ou me eduquei pra escrever de uma maneira pra tornar a leitura mais dinâmica. enquanto que no ambiente acadêmico não é necessariamente dessa forma. a gente acaba rebuscando um pouco mais o texto.
(grifos nossos)

E.S. observa que seus textos no ambiente das fanfics são diferentes dos de sua produção acadêmica, pois, no primeiro caso, ele busca escrever de maneira dinâmica enquanto que, no contexto escolar, considera que os textos precisam ser mais rebuscados. Existe implícita na afirmação que ele faz sobre a diferença entre os dois ambientes uma dissociação de noções, o das fanfics, descrito como dinâmico, e o acadêmico, descrito como rebuscado. A forma como se refere aos ambientes confere valor ao formato fanfic (termo 1) sem, no entanto, criticar de modo explícito o estilo acadêmico (termo 2).

Nesse caso, essa contraposição entre os termos 1 e 2 pode ser considerada uma dissociação de noções a partir dos conceitos de defesa e ataque, com uma defesa genérica a partir do posicionamento das fanfics em relação à literatura. Esse conceito se reforça porque E.S. não se posiciona apenas como fanfiquero, mas também como escritor posicionado nos dois ambientes, o virtual e o acadêmico, e por isso tem a necessidade de diferenciá-los.

Entrevista com O.A.

O.A. é designer gráfico e professor universitário da Universidade Federal do Espírito Santo. Também é concursado para a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele já trabalhou na área de design gráfico em cinema, editoras, publicidade, jornais e chegou a ser dono de dois estúdios, Cia do Design e Cultural Produção, ambos já fechados.

Ele trabalha na universidade com jornalismo gráfico, multimídia, identidade visual e história das técnicas do desenho industrial. É graduado em Comunicação Visual/Design

Gráfico pela Escola de Belas Artes da UFRJ e possui mestrado e doutorado em Artes Visuais pela mesma instituição.

Não se considera apto a trabalhar com a Educação Básica, pois, segundo suas palavras, possui uma relação “irônica” com a sala de aula, o que não funcionaria com crianças e adolescentes.

O.A. afirma gostar de ler tudo, reforçando essa característica ao afirmar que seria mais fácil perguntar o que ele não costuma ler. Em seguida, relaciona os livros que estão próximos a ele no momento da entrevista para exemplificar seu gosto eclético pela literatura. Contudo, tem predileção especial pelo gênero da ficção científica.

Em relação a seus escritos pessoais, ele não faz distinção entre os textos literários e as *fan fictions*. O.A. afirma que escreve “sobre o insólito” e que esse “tema” surgiu de uma maneira incomum, que ele descreveu quase como uma visão.

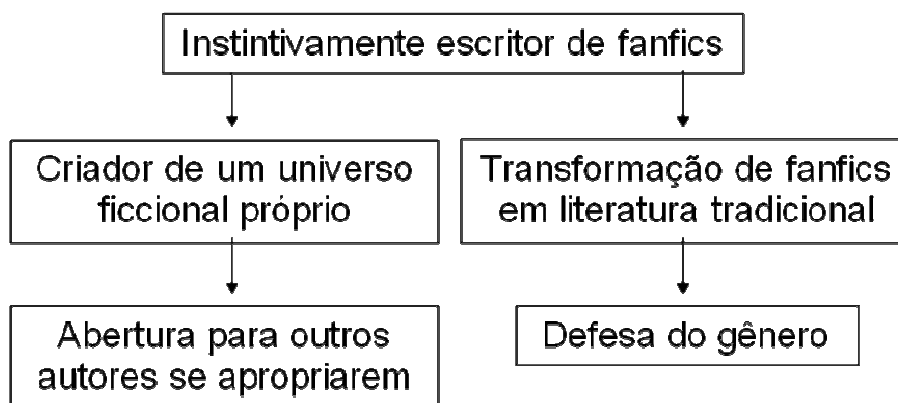
[23:08:03] O.A. diz :*Sabe, tem uma passagem em Ghostbusters, o primeiro filme, em que dois dos caça-fantasma comentam sobre o que está ocorrendo naquele momento e o Dan Ackroyd fala que, na verdade, aquilo era muito parecido com o Apocalipse de São João e o filme, que é uma comédia rasgada, gaha um tom soturno e assustador. Foi apenas um décimo de segundo, mas pra mim subverteu (positivamente) o sentido da história. É sobre isso que eu escrevo..*

Ele afirma que não houve um momento claro em que tenha conhecido as fanfics, pois já praticava este tipo de escrita instintivamente desde criança, criando histórias alternativas para personagens dos quais gostava. Essas experiências o levaram a criar seu próprio universo ficcional, a Intempol, uma polícia do tempo surgida a partir de um conto que ele publicou no livro de ficção científica “Outras Copas, outros Mundos”, em 1998.

A partir do conto, desenvolveu o que ele chama de “franquia” e convidou amigos a escreverem contos inseridos no mesmo universo ficcional de seu conto original, expandindo os conceitos e personagens. Isso gerou uma antologia de contos intitulada “Intempol”, publicada em 2000, e um álbum de quadrinhos intitulado “The Long Yesterday”, de autoria de Osmarco Valladão e Manoel Magalhães, em 2005.

A maneira como se desenvolveu esse universo ficcional é semelhante à forma como os fanfiqueiros criam suas fanfics, apropriando-se de conceitos prévios e recriando-os. Várias histórias surgidas para a Intempol seguiam esse espírito, não sendo necessariamente presas a determinações do autor original, no caso o próprio O.A..

Em relação às fanfics, ele publicou sua primeira história derivada fora da internet, em 1999, em um fanzine chamado “Panis et Circensis”. O conto versava sobre os X-Men, grupo de super-heróis dos quadrinhos. Ele sempre achou natural fazer esse tipo de história e estranhava que mais gente não o fizesse.

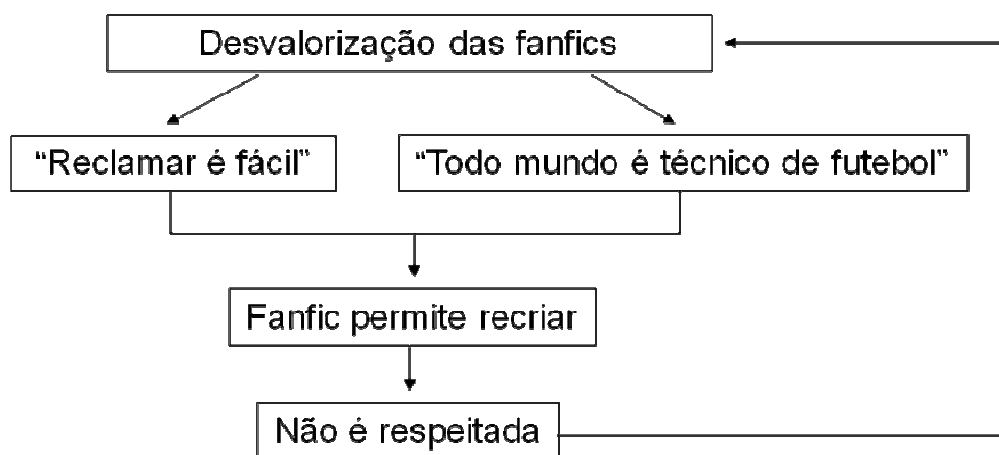


A afirmação de que é estranho que todos não escrevam fanfics vem acompanhada de controvérsias implícitas. Sugere que há muitas críticas aos escritores de modo geral e se põe a defender os que escrevem.

[23:47:47] O.A. diz :*Porque todo mundo é técnico de futebol... :)*
 [23:48:03] O.A. diz :*Todo mundo acha que sabe fazer melhor a novela das oito.*
 [23:48:21] O.A. diz :*Logo, pq não tentar fazer do seu jeito seus personagens prediletos?*
 [23:48:28] O.A. diz :*Reclamar e fácil, né?*
 [23:49:06] O.A. diz :*Se cada um dos fãs do Homem-Aranha escrevesse sua versão do personagem será que ele estaria na mediocridade de hoje?*
 [23:49:35] O.A. diz :*Ou será que a gente aprenderia a respeitar um pouquinho mais os autores profissionais?*
 [23:50:13] O.A. diz :*Sabe, conheço roteiristas de novelas de TV. São caras competentíssimos, de um talento raro. No entanto, pergunta o que o povão acha do trabalho deles?*
 [23:51:30] O.A. diz :*Todo mundo desce a ripa! Porém, queria ver se estivessem num regime de trabalho como o deles... eu, por exemplo, bolei umas continuções para novelas de TV das antigas. :)*
 (grifos nossos)

Sua argumentação é feita em defesa aos que escrevem fanfics. Implicitamente sugere que existe crítica à produção das fanfics. Muitos reclamariam da produção de escritores como se fossem especialistas. Evoca respeito para quem escreve e sugere que

este trabalho é difícil. A expressão “todo mundo desce a ripa” evidencia sua crença de que existe muita crítica à produção escrita. Sua argumentação é feita por analogia. Todos se arvoram ser técnicos de futebol, a melhor conduzir novelas e, à semelhança, devem aceitar a produção fanfics. A defesa desta produção coloca em destaque uma suposta desvalorização.



Seu maior objetivo ao escrever fanfics é utilizá-las como plataforma para desenvolver ideias e treinar a escrita. Seu primeiro romance publicado, “A Mão que Cria”, lançado pela editora Mercuryo em 2006, foi originalmente uma fanfic sobre o super-herói Aquaman.

A escolha do personagem foi pelo desafio de escrever uma história sobre “o mais mal aproveitado dos super-heróis”. Contudo, no livro, como se trataria de uma obra original, as referências explícitas que havia na fanfic original tornaram-se referências indiretas por exigências editoriais e receio da Warner, detentora dos direitos autorais sobre o personagem, resolver processá-los. Defende-se em sua ousadia, sugerindo que, apesar de fugir aos cânones das fanfics, o que produziu é digno de leitura.

[23:29:37] O.A. diz :Mas quem tiver olhos, lerá.
(grifos nossos)

A expressão “mas quem tiver olhos, lerá” deixa implícito que existem leitores para este tipo de produção. Leitores que têm olhos e leitores que não têm olhos, ou seja, os que têm olhos são os que veem a qualidade independentemente dos cânones.

Sua experiência como leitor de fanfics é baseada na escolha dos autores, e não dos personagens e universos ficcionais. Ele elenca seus autores fanfiqueiros prediletos e deixa

implícito que prefere ler as histórias que eles escrevem, independente do personagem abordado.

Embora não publique todas as histórias que elabora (afirma manter um “banco de ideias”), O.A. gosta do exercício criativo de pensar em histórias derivadas. Escreve porque isto diverte e porque é um treino para as ideias.

[23:25:53] O.A. diz :*Porque me diverte, me serve de playground para idéias e é treino, treino, treino. É sempre bom lembrar que meu primeiro romance, A Mão que Cria, Mercury, 2006, nasceu de um fanfic.*
(grifo nosso)

A repetição da palavra treino confere mais valor a este aspecto. A metáfora do playground alia o divertimento afirmado à diversidade de opções que seu banco de dados lhe fornece.

Quanto ao endereçamento de seus textos, ele costuma pensar em públicos definidos quando escreve textos de gêneros que não possui intimidade. “Escrevi um conto sherlockiano outro dia que deu uma trabalhadeira, pois tinha de pensar no público do Conan Doyle, que é extremamente exigente”. Ou seja, diferente dos fanfiqueiros habituais, que se limitam a escrever histórias dos personagens e universos ficcionais dos quais gostam e com os quais se sentem à vontade, O.A. opta pelo desafio de trabalhar longe de seus gostos pessoais, neste caso endereçando os textos ao que ele entende como os fãs dos criadores daqueles personagens. Porém, só faz isto quando o gênero não lhe é habitual. Fora estes casos, comporta-se como os outros fanfiqueiros.

Diferente das entrevistas anteriores, O.A. não acredita que sua experiência escrevendo fanfics o ajuda a melhorar seus textos literários gerais. Seria exatamente o oposto. Ele considera que sua experiência fora das fanfics diferencia seu trabalho fanfiqueiro. “Eu me distancio de certos vícios q considero negativos nos autores de fanfic; por exemplo, aquele papo de ‘não quebrar o brinquedo’, que acho uma besteira enorme” (grifos nossos). A metáfora do brinquedo mais uma vez reforça o caráter de divertimento na produção das fanfics. Refere-se ao respeito demasiado pelo cânone das histórias originais. A menção a “certos vícios” tem sentido pejorativo, reforçando a ideia de que seguir os cânones é uma prática equivocada.

Por conta dessa visão, ele mantém-se afastado das comunidades e fóruns sobre fanfics, já que se percebe como “rejeitado” pelos demais fanfiqueiros devido à sua visão contrária ao respeito exagerado às histórias originais. Em contrapartida, ele também não

concorda com fanfiqueiros que “forçam” os personagens a realizar ações que não condizem com sua personalidade, como o desenvolvimento de um romance entre Harry Potter e Hermione, personagens que nas histórias originais são apenas amigos.

O.A. afirma já ter utilizado fanfics em sala de aula. O trabalho, desenvolvido na disciplina Arte Sequencial, consistiu na criação de novas versões para contos clássicos. Contudo, por ser uma matéria ligada a histórias em quadrinhos, a recriação não foi baseada nos textos, mas nas imagens. Os alunos deveriam criar cenários diferenciados para textos já existentes.

Embora não se encaixe plenamente no conceito de fanfic, essas recriações, a seu ver, foram muito boas. Contudo, por serem os alunos essencialmente ilustradores, e não escritores, não houve um interesse em estender essa recriação para a parte textual. Complementa colocando como uma causa para o não interesse dos alunos em produzir fanfics o que chama de “Fator Sala de Aula”.

[00:32:09] O.A. diz :*Ali rolava um problema que era o “Fator Sala de Aula”. Por mais HQ que fosse, ainda era uma matéria. Aí sabe com é, né? Rola o “comportamento aluno padrão”.*

A expressão “Fator Sala de Aula” faz alusão indireta ao cenário das ficções científicas e tem o sentido de algo que não se pode evitar. Esta interpretação é ratificada pela expressão “comportamento aluno padrão”. Este modo de expressar a causa do não envolvimento dos alunos confere um valor negativo ao ambiente escolar como local de produção literária.

Por fim, O.A. considera que as fanfics são importantes para quem quer começar uma carreira de escritor, desde que ele esteja disposto a estudar e não ter medo de criar, novamente citando a filosofia de “quebrar o brinquedo”, que considera negativa. Fica claro que as fanfics estão em um lugar de honra para ele, embora tenha manifestado sua crença de que para a maioria seja de menor valor.

Coerentemente, não acha que a fanfic deve estar dissociada da leitura dos clássicos.

[00:49:57] O.A. diz :*Pegar no livros. Ler os clássicos. Ler teoria literária. Levar a sério MESMO. Imagine um ff do Batman que fizesse um bate-bola com a estrutura de Hamlet? Ou um ff do, sei lá, Tornado Vermelho que espelhasse o Golem da lenda hebraica?*

A letra maiúscula em “mesmo” mostra seu esforço em defender que as fanfics são coisa séria e que devem se valer de conhecimentos eruditos.

Entrevista com R.G.

R.G. é formada em História, mas atualmente trabalha como auxiliar administrativa. Sua experiência em sala de aula é em um pré-vestibular comunitário e em duas escolas durante a época de estágio: uma particular, Escola Santa Bárbara, onde apenas assistia as aulas, e outra pública, Ciep Hélio Pellegrino, onde deu algumas aulas.

R.G. lê fanfics há quatro anos, mas só começou a escrever no ano passado. Suas histórias são baseadas no universo ficcional da série Harry Potter, desenvolvendo histórias sobre um relacionamento amoroso entre Hermione Granger e Severo Snape (acontecimento que nunca foi sequer sugerido nas histórias originais).

No MSN, plataforma através da qual foi feita a entrevista, usava o pseudônimo “Projeto Hagi - em produção!”, fazendo referência a um outro fanfic que estava elaborando, tendo como protagonista Hagi, personagem do animê “Blood Plus”. A substituição de seu nome por uma referência a um texto que está produzindo denota que ela dá grande importância às fanfics que escreve.

Teve seu primeiro contato com fanfics a partir de um site de relacionamentos, no qual leu sobre um *site* chamado “Snapemione”, que trazia fanfics cuja temática era exclusivamente o relacionamento amoroso entre os personagens Snape e Hermione (tema que ela usa em seus fanfics atualmente).

Sua motivação para escrever veio da leitura de fanfics e do incentivo de seus colegas fanfiqueiros. Inicialmente, lia apenas fanfics ligadas ao universo Harry Potter, mas depois passou a ler histórias baseadas em animês e mangás, gêneros de que sempre gostou.

Quando começou a ler as fanfics ligadas a Harry Potter, ela apenas havia visto os filmes. Depois, se interessou em ler os livros mais de uma vez para ambientar melhor as histórias que passou a escrever.

Sua história atual, “Entre as trevas e a luz”, é uma fanfic escrita em vários capítulos e amplia seu tema básico de romance entre Snape e Hermione trazendo um triângulo amoroso entre eles e Bellatriz Lestrange, outra personagem da série original que também nunca teve um relacionamento romântico sequer sugerido com Snape.

Seu pseudônimo no *site* onde publica o texto é Dinha Prince. O prenome veio de um apelido dado por seu marido e o sobrenome é o mesmo do personagem Snape, cujo nome completo é Severo Prince Snape.

R.G., que tem 27 anos e é casada, afirma que seu público-alvo é formado por pessoas que correspondem às suas próprias características. Quando questionada sobre

quem seriam os leitores para quem ela endereça suas fanfics, ela indicou só se preocupar com o universo ficcional para o qual escreve, empiricamente afirmando que é formado praticamente só por mulheres.

**mulheres na sua maioria*
**pq a maioria dos leitores são mulheres*
**conheço 3 homens apenas no mundo das fics*
**é um mundo feminino*
**se for hp, é essencialmente feminino*
**animês e mangás tem bastante homem*
**mulheres acima dos 20 anos*
**na sua grande maioria CASADAS,*
**as melhores fanfics são de mulheres CASADAS*
(grifo nosso)

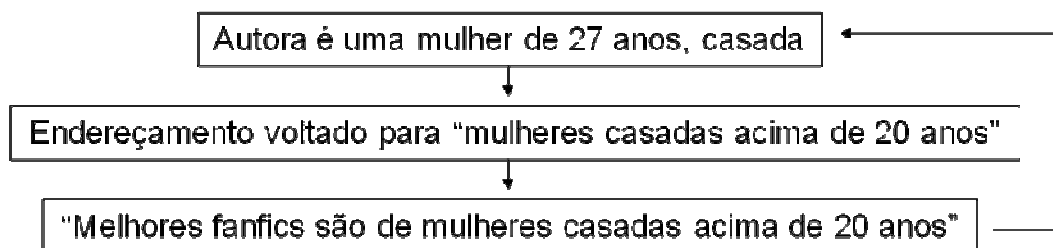
R.G. faz questão de reforçar que a maioria dessas mulheres é casada e que as melhores histórias são escritas exatamente pelas que se encontram nesta condição, que é o caso dela. “Casadas”, em seu texto, aparece em caixa alta, o que confere importância a esta especificação. Quando questionada sobre o porquê dela pensar isso, ela recorre novamente a argumentos empíricos.

**pq é isso que ocorre*
**participo de um grupo chamado Snapetes (fãs do Snape)*
**e a maior parte tem mais de 25 e são CASADAS*
**tem meninas mais novas, mas a maioria está nessa classificação*
**e são as que escrevem muito bem*

Contudo, apesar de indicar que escreve pensando nesse público, R.G. tenta justificar que sua motivação inicial é para agradar a si mesma e só depois pensa no público ao qual endereça suas histórias. Perguntada se tem a preocupação de necessariamente agradar essas leitoras quando elabora suas fanfics, ela dá uma resposta dúbia.

**sim*
**e não*
**sim, pq vc quer que alguém comente a sua fic*
**e não pq de início não é isso que me impulsiona, a ideia surge e eu escrevo*
**depois que posto é que vem a preocupação, será que alguém gostou?*
**os coments, reviews= comentários*
**as pessoas deixam*
**se vc entrar em uma das minhas fics verá lá no alto a palavra review e um número ao lado*

**é qtdade de coments*



R.G. considera que sua escrita melhorou com a experiência escrevendo fanfics e, também, por “betar” outras fanfics. “Betar” é um neologismo para o que faz o *beta reader*, essencialmente um revisor nos *sites* de fanfic que é responsável por correções gramaticais e estilísticas dos textos.

Segundo ela, as fanfics foram responsáveis em despertar o gosto pela literatura nela, que fez questão de reforçar que a escola, que em sua visão deveria ter trabalhado isso, nunca conseguiu.

**para mim é divertimento, eu descobri que posso e gosto de escrever..*

**coisa que a escola NUNCA conseguiu despertar em mim*

**apesar de ler desde criança*

**Hoje eu quero melhorar meu entendimento na língua portuguesa para escrever melhor...*

**não tenho beta*

**então eu tenho que ter maior atenção com relação a tudo.*

**Eu tinha beta, mas ela está sem tempo*

**Eu escrevo o cap. deixo de molho uma semana, aí volto a ler e reescrevo o que acho que precisa ser mudado, faço isso durante uns 15 dias e depois posto*

(grifo nosso)

No período em que atuou como professora, R.G. não utilizou fanfics em sala de aula. O principal motivo para não ter feito isso foi a distinção clara que faz entre o ambiente virtual das fanfics e o ambiente escolar.

**eu considero fanfics uma particularidade, não teria coragem de abrir isso para os alunos..*

**lá eu sou a professora, aqui eu sou apenas eu.*

Lucio Luiz diz:

**Como você se sentiria se algum aluno lesse uma fanfic sua e comentasse contigo?*

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:
*sem graça com certeza...rs
*principalmente se fosse NC-17.
*Pq tem cenas de sexo...
*imagine o que o aluno pensaria de mim? rs
(grifos nossos)

O fato de afirmar que “lá eu sou a professora, aqui eu sou apenas eu” deixa transparecer que, apesar de usar um pseudônimo no mundo virtual, é na sala de aula que ela se traveste de um personagem. Além disso, a preocupação mais acentuada em relação aos textos que contêm cenas de sexo denota que ela se considera livre no mundo virtual para explorar questões que, no ambiente escolar, não seriam aceitas. A menção à falta de coragem de “abrir” esse mundo para os alunos insinua a condição de “fechada” para a escola, além de receio de mudanças.



R.G. admite que as fanfics podem ser usadas como recurso pedagógico, mas reforça imediatamente que jamais usaria suas próprias histórias. Além disso, para trabalhar com fanfics, ela afirma que o primeiro passo seria o uso da internet porque, equivocadamente, acredita que só existam fanfics na Web.

* a internet seria o primeiro passo, pois elas só existem aqui e na nossa mente...
*penso em algo que abordasse a internet e a leitura, boa leitura e a descoberta da escrita...
*vc mostrar para o aluno que esse mundo virtual pode ser muito bem aproveitado, que as suas ideias podem ganhar o mundo
*expandir seus horizontes e os horizontes alheios...
*Acho que nesse caso Língua Portuguesa tem mais liberdade para abordar as fanfics
Lucio Luiz diz:
*Você não trabalharia com fanfics em História?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

**só se eu encontrasse fanficsn RELACIONADAS a História, o que nunca vi...*

**mas se o colégio não seguisse a linha da interdisciplinaridade...*

**eu poderia trazer para minha sala de aula as fanfics do hp*

**isso depende do colégio, tem colégio que nem em sonho vc pode fazer isso*

**se não der livro, não está dando aula*

**o aluno acostumado com cuspe e giz e desacostumado a pensar ia dizer que nnão tem matéria*

(grifos nossos)

Importante assinalar a imaterialidade que atribui ao espaço internauta na afirmação de que as fanfics só existem na internet e na mente. Esta ideia é ampliada pela menção à “ideias que podem ganhar o mundo”, fazendo alusão novamente à liberdade do ambiente, uma alusão que adiciona positividade pela metáfora do ganho.

Ela também tem uma dificuldade inicial de imaginar o uso das fanfics em sua disciplina, História, acreditando que o trabalho poderia ser feito apenas com textos relacionados ao tema, o que fica evidente ao utilizar caixa alta em “relacionadas”.

Além disso, diferente dos professores entrevistados que já utilizaram de alguma forma as fanfics em sala de aula, R.G. acredita que haveria rejeição por parte das escolas tradicionais e dos alunos que estão acostumados a um ensino tradicional “com cuspe e giz”.

**isso, por pensarem que se eu não estiver falando em data, não tem aula*

**são programados para isso*

**não pensar*

(grifo nosso)

A responsabilidade, portanto, não seria do professor, mas do aluno que não estaria preocupado em “pensar”. Apesar de dizer em um primeiro momento que as fanfics seriam úteis, R.G. acaba se contradizendo ao afirmar que escola e alunos não aceitariam esse tipo de trabalho, a despeito do maior volume de fanfiqueros ser adolescente. Importante ainda assinalar o uso da palavra “programados” ao referir-se aos alunos, acrescentando a ideia de que estes são automatizados e insensíveis a outros estímulos que não os usuais da escola.

Entrevista com R.S.

R.S. é formada em Letras, com habilitação em Português, Inglês e Respectivas Literaturas, além de ter pós-graduação em Língua Portuguesa. Atualmente trabalha na Universidade do Norte do Paraná (Unopar), na cidade de Frederico Westphalen (Rio Grande do Sul), como secretária e bibliotecária, tendo já trabalhado também como tutora na mesma instituição, na disciplina de Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Sua experiência na Educação Básica vem dos estágios que fez a partir de 2000, ainda no curso Magistério. Trabalhou apenas em escolas públicas, com turmas variadas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Também foi professora substituta em Inglês para turmas de Jardim de Infância à terceira série em uma escola particular em 2003.

R.S. começou a escrever fanfics sem saber que era isto que fazia.

**digamos que, só depois que tive acesso a internet. Em 2000, comecei a escrever uma história, que disse a mim mesma que publicaria em forma de livro, mas então, em 2003, quando conheci o site da Biblioteca de Guaruhara, descobri, que havia escrito 100 páginas em 8 capítulos de puro fanfic.*

Lucio Luiz diz:

**Por quê você entendeu que seu texto seria fanfic?*

R.S. diz:

**foi a partir da leitura de alguns fanfics publicados, e assim, pude perceber que, não era uma historia qualquer que escrevi, mas que havia sentido e era idêntico a forma da escrita com as fics que li.*

**os personagens principais já existiam, mas também cheguei a criar outros*

**Bem, a minha história para voce entender, foi baseada no anime Sailor Moon, que passou na extinta TV Manchete em 1996. Sendo assim, os principais do anime que eram Serena/Sailor Moon e Darien/Tuxedo Mask, e a rainha Serenyte, utilizei na minha historia com nomes diferentes, mas parecidos em sua forma. Por exemplo Serena se transformou em Seleny, Darien em Daniel....*

**e o nome da rainha permaneceu o mesmo*

(grifos nossos)

R.S. indica uma pretensão literária, já que “disse a si mesma” que publicaria sua história em forma de livro. Contudo, depois de muitas páginas escritas, ela percebeu que escrevia um fanfic, pois “havia sentido e era idêntico à forma de escrita” das fanfics que ela leu. Em outras palavras, sua história era um autêntico fanfic, pois, apesar de mudar os nomes, os personagens e o universo ficcional abordados eram preexistentes e “parecidos em sua forma”. Depois do primeiro contato com as fanfics, porém, ela agora só utiliza os nomes originais dos personagens sobre os quais escreve.

Ainda assim, apesar de inserida no contexto online, R.S. afirma que prefere escrever suas histórias inicialmente em um caderno para só depois digitá-las no computador. E é no momento da digitação que ela verifica “o que ficou bom e o que precisa ser modificado”.

Sua motivação para escrever foi fortemente pessoal.

**digamos que foi o sonho de toda garota na época ser uma sailor moon, e então comecei a imaginar simplesmente que era uma das personagens, também porque quem leu a primeira história disse para continuar escrevendo, pois estava excelente*

Lucio Luiz diz:

**E hoje em dia, qual sua motivação?*

R.S. diz:

**uma vez um professor de literatura meu, disse que alguns ou a grande maioria dos poetas escreviam para fugir do mundo real, acho que grande parte da minha motivação para escrever, é esta, sair do mundo real e entrar no mundo dos sonhos e fantasias, onde nada e ninguém paga ou cobra taxa para viver.*

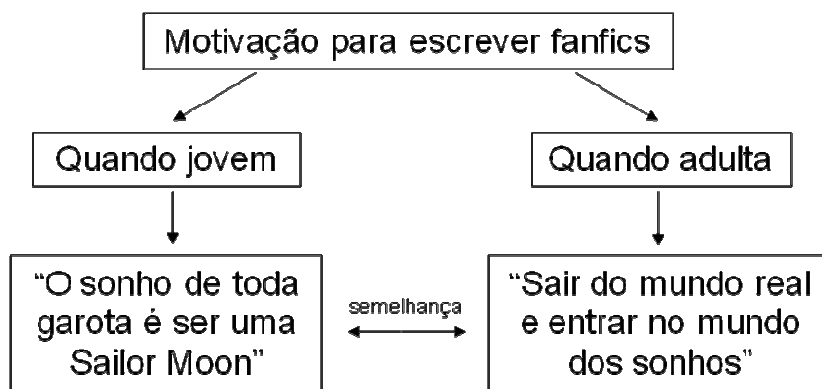
**as vezes um sonho, ou um dia a inspiração toma conta do meu ser e simplesmente a história surge como um passo de mágico em minha mente, e então basta pegar o caderno e caneta, e tudo flui naturalmente*

**risos*

(grifos nossos)

R.S. começou a escrever se imaginando como a personagem Sailor Moon. Depois de adulta, mesmo não se imaginando como a personagem, continua escrevendo para “sair do mundo real e entrar no mundo dos sonhos”. Embora também cite o incentivo das pessoas que leram e gostaram das primeiras histórias, fica claro que sua maior motivação é a possibilidade de viver, mesmo que em sua mente e por pouco tempo, um mundo diferente da realidade.

Importante assinalar em seu texto “risos”. Esta marca destaca alguma dificuldade em abordar o tema. Na internet, quando usamos esta marca é para caracterizar que o que foi dito, de algum modo, pode ser contestado por ela mesma, já que é motivo de risos. A expressão imediatamente anterior refere-se ao modo como cria as fanfics e ela se refere a isto como um “passo de magia na minha mente”. Talvez ela não esteja muito convencida de que este é um processo legítimo.



Quando questionada sobre o eventual interesse de escrever apenas com personagens próprios, informa que já utilizou personagens criados por ela em fanfics e que até já utilizou uma representação de si mesma em uma história, mas sem utilizar seu nome.

**ou seja, momento que vivi coloquei no papel. outro fic chamado Internet-me Diario, a historia é toda minha, realmente aconteceu, mas apenas troquei o nome dos personagens, para que um dia, a pessoa que leu*

**esta historia não me "condene"*
(grifos nossos)

A alusão “não me condene” ao final de seu texto deixa suspeitas de que sua prática poderia não ser legítima. Escrever sobre sua vida, sendo ela própria personagem, mostra-se ameaçador, motivo de condenação, ou pelo teor do que escreveu ou pela própria prática de se colocar personagem. Mostra também uma preocupação com quem lê suas histórias, em não se expor para este. Estranha preocupação, já que de todo modo fica oculta pelo seu pseudônimo.

R.S. afirma nunca ter endereçado suas fanfics a nenhum leitor específico, especialmente porque suas histórias não tinham indicação de idade mínima de leitura. Quando questionada sobre se imaginava por quem seria lida suas histórias, ela definiu um possível público-leitor e teve uma ideia para conhecer melhor seus leitores.

**sabe, nunca pensei num publico especifico, porque a todas as historias que escrevi ate hoje não tem restrições, do tipo, para maiores de 13 ou 16 anos*

Lucio Luiz diz:

**Mas, quando você escreve, imagina que sua fanfic vai ser lida por quem?*

R.S. diz:

**por adolescentes e pessoas jovens (mas voce me deu uma ótima ideia)*

Lucio Luiz diz:

**Que ideia?*

R.S. diz:

**uma pesquisa com os meus leitores*

Lucio Luiz diz:

**O que você gostaria de descobrir com isso?*

R.S. diz:

**alem da faixa etaria, descobrir realmente que tipo de publico le minha fanfics*

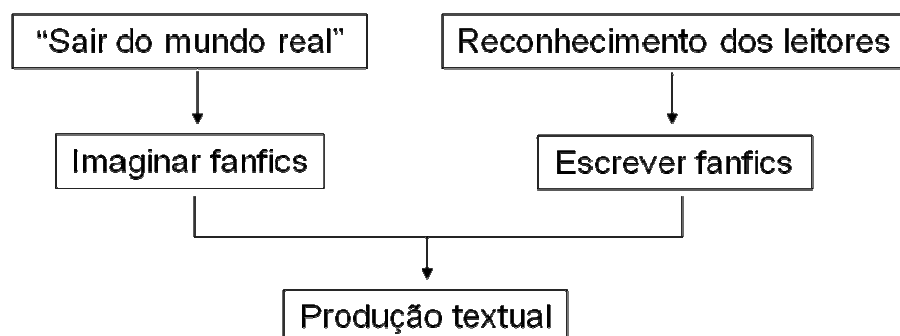
Lucio Luiz diz:

**Saber o que eles pensam pode mudar algo na forma como você escreve?*

R.S. diz:

**muito, desde o tipo de historia que eles preferem ler, os personagens, acho que um pouco de tudo*
(grifos nossos)

O interesse de descobrir quem são seus leitores e, conseqüentemente, a intenção de se adaptar a eles, denota que atualmente R.S. não escreve apenas “para sair do mundo real”, mas também buscando um reconhecimento de escritora no universo fanfiqueiro.



R.S. também percebe que o ato de escrever fanfics melhorou sua escrita, especialmente no que tange às descrições de personagens e ambientações, além dos diálogos.

Ela também já utilizou uma fanfic em sala de aula, com uma turma de sétima série. O trabalho consistia na análise de interpretação de texto de uma fanfic baseada no filme “Cidade dos Anjos”, escrita por um amigo seu. Contudo, alega que não houve tempo hábil para explicar o que era uma fanfic, os alunos tiveram a impressão de que era “um texto de interpretação qualquer”. Parece que, para ela, existe problema em divulgar as fanfics, que ela tanto gosta.

Embora não esteja trabalhando atualmente em sala de aula, R.S. pretende voltar a lecionar e fazer projetos ligados a fanfics com seus alunos.

**que eles mesmos desenvolvessem um fanfic, do tipo que quisessem, desde gêneros personagens e ect. mas tenho certeza que brevemente estarei em sala de aula, e aí sim com tempo disponível para explicar e desenvolver textos*

Lucio Luiz diz:

**Que resultado você pretende colocando os alunos para desenvolverem fanfics?*

R.S. diz:

**além de melhorar a criatividade, a espontaneidade e o pensamento crítico em certas ocasiões, creio que a redação ou dissertação tão cobrada se torne agradável para eles*

Lucio Luiz diz:

**O que diferenciaria a fanfic de um texto tradicional para que seja mais agradável para os alunos?*

R.S. diz:

**talvez a grande diferença será que o assunto não será cobrado ou exigido como em textos tradicionais, e que eles vão escrever o que gostam (principalmente se aplicado em turmas de 4 e 5 séries, onde a "infantilidade" e a adolescência começam a entrar em 'conflito' (grifos nossos)*

R.S. observa que o trabalho ligado à redação não agrada os alunos e que o uso de fanfics resolveria esse problema. Ela percebe que, com as fanfics, o assunto abordado nos textos será livre e “eles vão escrever o que gostam”, livrando-se de amarras preestabelecidas no ensino tradicional. As fanfics aparecem como algo que daria prazer.

Ela já conheceu alunos fanfiquinhos e possuía uma boa relação com eles, lendo os textos que eles produziam e apresentando seus próprios textos a eles. Embora não compartilhassem gostos (“como são adolescentes e homens, acharam um tanto romântica”), havia uma relação positiva. Além disso, era clara a relação aluno/professora quando ela estava no contexto da sala de aula, mas “quando o assunto era fanfic, ambos éramos escritores de fanfic”, mesmo no ambiente escolar, ou seja, tem nítida diferenciação dos espaços fanfic e escolar.

Entrevista com J.S.

J.S. é professora do segundo segmento do Ensino Fundamental em uma escola pública de São Paulo. Formou-se em Letras na Universidade Paulista (Unip) em 2001 e leciona desde o estágio do curso Magistério, em 2000.

Ela tem o hábito de navegar pela internet em sites sobre notícias, novelas e educação, buscando neste último atividades que possa utilizar com seus alunos.

Leu sobre fanfics em uma comunidade no orkut e ficou curiosa sobre o assunto. Através do *site* Floreios e Borrões, dedicado ao universo ficcional de Harry Potter, do qual já conhecia os livros e filmes, J.S. ficou motivada a escrever histórias derivadas sobre os personagens da série.

J - Sempre gostei dos livros e filmes do Harry Potter e gostei da ideia de escrever histórias com os personagens. Sempre quis saber o que os outros bruxos faziam enquanto as aventuras aconteciam e tive a chance de criar essas histórias que eu queria ler.
(grifo nosso)

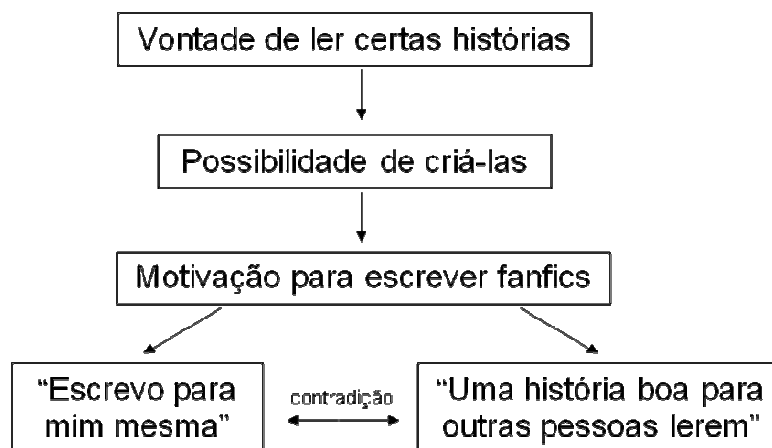
A afirmação “Tive a chance de criar essas histórias que eu queria ler” indica que a inspiração para a elaboração das histórias vem especialmente de seu desejo de que se tornasse realidade no universo ficcional acontecimentos que não são descritos na obra original, mas que, contudo, seriam de interesse dela. Importante assinalar que, como todos os outros, J.S. afirma que escreve por divertimento.

Mesmo indicando que escreve para si, J.S. afirma posteriormente que não pensa em ninguém ao escrever.

J - Não penso em ninguém. Escrevo coisas que eu queria ler. Acho que escrevo pra mim mesma, pra poder ler o que não tem nos livros e eu gostaria de saber como aconteceu.

J.S., portanto, não se percebe como alvo de seu próprio endereçamento, já que entende que escrever para si mesma não seria escrever para “alguém”. Contudo, em um momento seguinte, se contradiz ao demonstrar preocupação com os leitores, ampliando seu endereçamento.

J - Eu passei a me preocupar mais em elaborar uma boa história, para as pessoas entenderem quando lessem. No início recebi muita crítica porque escrevia de forma confusa. Não cometia erros de português, mas não sabia desenvolver uma história boa para outras pessoas lerem.
(grifos nossos)



J.S. desconhece se tem alunos fanfiqueiros. Aparentemente, nunca se interessou em descobrir tal fato, apesar de afirmar que gostaria caso descobrisse algum aluno seu que também escrevesse fanfics. “Ia ler as fics deles pra dar apoio e também mostraria as minhas. É um jeito de estimular”. As fanfics aparecem como um modo de estimular os alunos.

Porém, mesmo sem saber se possui alunos fanfiqueiros, J.S. tem alunos que já leram as fanfics que ela escreve. Eles descobriram navegando na internet e a reação de J.S. foi positiva. “Fiquei contente de terem curtido as fics”.

Apesar de gostar de fanfics, ela ainda não as levou para sala de aula, embora achasse que poderiam ser úteis.

Os alunos iam se sentir com mais liberdade pra escrever fics do que redação normal, porque ia ser algo da vontade deles. Seguir só os livros não é bom porque não deixa os alunos criarem muito e isso desmotiva.
(grifos nossos)

J.S. deixa transparecer que não concorda com a forma como a escola desenvolve os trabalhos pedagógicos, já que contrapõe a “liberdade” das fanfics com a desmotivação criada pela sala de aula na figura dos “livros”.

Esse pensamento é reforçado com a afirmação de que sua produção textual é diferente dentro e fora do ambiente escolar, pois só com as fanfics ela tem “liberdade pra escrever sobre o que eu quiser. Na escola tenho que trabalhar os temas do currículo”. Esta afirmação marca, mais uma vez a separação bem nítida entre o ambiente das fanfics e o espaço escolar.

Considerações finais sobre as entrevistas

Todas as entrevistas apresentam semelhanças no que diz respeito à forma como as *fan fictions* geraram interesse para os professores entrevistados. Há características de diversão e estímulo à escrita.

O endereçamento apresentado, que seria o “escrever para si”, demonstra um lado romântico na percepção dos sujeitos, já que sempre se escreve para leitores. Ainda assim, embora provavelmente não intencional, a figura do leitor está presente em todas as entrevistas, especialmente porque boa parte dos sites que publicam fanfics permitem que se verifique, mesmo que superficialmente, o endereçamento através de comentários e estatísticas de acessos.

As experiências desenvolvidas usando-se as fanfics em sala de aula também demonstram um caráter idealizado do uso de textos fanfiqueiros. Contudo, os professores abordaram as questões do letramento “tradicional”, e não do letramento digital, tanto nos trabalhos desenvolvidos quanto na percepção da utilidade desses trabalhos.

Havia uma expectativa nossa de que o letramento digital fosse um dado importante para os fanfiqueiros, mas o que constatamos é que essa não é uma questão relevante para eles quando inseridos no contexto do espaço escolar.

Isso possivelmente ocorreu porque quando os sujeitos pensam no espaço escolar imaginam que está em jogo o letramento “tradicional”, já que a escola é um espaço “tradicional”.

CONCLUSÃO

As seis entrevistas foram submetidas à análise argumentativa, buscando-se padrões e regularidades, ou oposições e contradições, ou apenas aspectos relevantes.

Inicialmente, foi importante descobrir o que faz com que a escrita de *fan fictions* gere interesse tanto para professores quanto para estudantes. Há um padrão claro indicado por todos os sujeitos de que o principal fator gerador de interesse para a leitura e escrita de fanfics é o fato delas estarem inseridas no contexto de personagens e universos ficcionais dos quais se é fã. Isso corrobora o que já havíamos constatado na revisão de literatura. Mesmo os sujeitos O.A. e R.S., que começaram a escrever fanfics de forma “instintiva”, elaborando textos que se enquadram na definição sem ter conhecimento prévio do assunto, ainda assim estão inseridos no contexto de criação baseada nos gostos pessoais por determinados objetos culturais. O divertimento de escrever parece ser o que os move.

O alvo de cada sujeito não são necessariamente coincidentes. Há quem tenha iniciado no mundo das fanfics procurando por histórias protagonizadas por super-heróis, mangá ou personagens da série literária Harry Potter, mas há uma regularidade ao se observar que ser fã de algum personagem, gênero ou universo ficcional é fundamental para se despertar o interesse pelas fanfics, mesmo se mantendo restrito a gênero originalmente escolhido.

A motivação também varia. Há os que querem desenvolver histórias que não são contadas nos produtos culturais originais (caso de R.G., que escreve histórias sobre um romance entre dois personagens que jamais se identificaram como possíveis amantes na série original de Harry Potter) até os que escrevem por estarem insatisfeitos com as histórias originais (caso de E.S., que começou a escrever fanfics de super-heróis por discordar dos rumos que as histórias estavam tomando nos gibis originais).

Como todos os sujeitos são escritores de fanfics, foi possível analisar como eles endereçam as histórias que escrevem. Apesar de não conhecerem os conceitos de modos de endereçamento, foi possível delinear a partir das falas como esse endereçamento ocorre. Há um padrão em afirmar que cada um escreve para si mesmo. Contudo, à medida que se estende a entrevista, fica claro que todos também buscam a satisfação dos leitores, que é medida a partir dos comentários às histórias.

Uma curiosa exceção é R.G., que inicialmente garante não escrever para si mesma, mas para um público-leitor formado exclusivamente por pessoas com suas características: mulheres casadas acima de 20 anos. Depois, admite que escreve para si, buscando nas outras pessoas (que possuem suas características) a motivação através dos comentários.

Os públicos aos quais se destina o endereçamento das fanfics de cada sujeito também é diferente, mudando de acordo com o universo ficcional trabalhado. Contudo, pode-se generalizar o fato de que se busca agradar ao que pode ser chamado de “fã médio” de cada obra.

O.A. deixa isso mais claro ao afirmar que, diferente dos demais, extrapola os universos ficcionais de que gosta para escrever sobre aqueles com os quais não tem afinidade de fã. Nesses casos específicos, abandona o “escrever para si” e foca exclusivamente no que acredita ser o público-alvo daquele gênero.

A visão que os sujeitos possuem da relação entre a produção no ambiente virtual das *fan fictions* e no ambiente escolar também indica alguns padrões. O principal padrão diz respeito à percepção quanto ao texto produzido com as fanfics em contraposição com o texto escolar/acadêmico. As fanfics são encaradas como oferecedoras de uma liberdade de escrita e produção textual que não consegue ser encontrada no ambiente escolar.

Apesar disso, embora ocorra um padrão na afirmação das vantagens do texto fanfiquero sobre o texto escolar/acadêmico, há discordância quanto ao fator “qualidade” intrínseco a cada um. C.P., por exemplo, faz uma clara distinção entre “alta literatura” e “baixa literatura”, caracterizando as fanfics como uma forma inferior de literatura. Embora explicitamente não apareça para os outros esta dissociação de noções, implicitamente aparece um senão, quando tratam a fanfic como algo que é, num certo sentido, coisa íntima, a ser escondida, de outro universo ou ambiente. Existe concordância implícita por parte de todos na diferenciação entre as fanfics e outras literaturas, nem que seja na crença de que é assim para as outras pessoas.

O.A., em contrapartida, entende que muita gente critica as fanfics, mas as defende veementemente, afirmando que não faz qualquer distinção entre as fanfics e os demais textos literários. Se existe defesa é porque acredita que existe o ataque. E.S. demonstra concordar em parte com isso, pois, embora afirme que a fanfic é mais dinâmica que o texto acadêmico, que define ironicamente como “rebuscado”, ela pode ser considerada igual a qualquer outro texto literário.

Além da questão da produção textual, R.G. faz a principal distinção entre os dois ambientes, o virtual e o escolar. Ela explicita que a liberdade das fanfics não diz respeito apenas à liberdade de escrever, mas também à liberdade de ser ela mesma. R.G. utiliza um pseudônimo para a produção de seus textos, mas entende que é no ambiente escolar que se “disfarça” de outra *persona*, já que só é ela mesma no ambiente virtual das fanfics.

Por fim, há uma regularidade em relação à percepção de que a escola cobra os textos tradicionais de uma forma negativa, que gera a desmotivação dos alunos, que teriam maior liberdade ao criar a partir do conceito das fanfics.

Dentre os sujeitos entrevistados, quatro já levaram suas experiências com as *fan fictions* para o espaço escolar em diferentes níveis. E.S. e O.A., que realizaram essa experiência apenas na universidade, utilizaram as fanfics apenas como modelo para o desenvolvimento de criações variadas. Já C.P. e R.S. utilizaram as fanfics em sala de aula, também com diferentes resultados.

Enquanto a experiência de R.S. não atingiu seus objetivos, já que, alegando o pouco tempo que teve para desenvolver o projeto, não caracterizou a fanfic de maneira que os alunos a reconhecessem, a atividade desenvolvida por C.P. utilizou de maneira plena as possibilidades defendidas por quase todos os sujeitos.

Os alunos de C.P. na escola pública criaram suas próprias fanfics, com total liberdade para a escolha dos universos ficcionais representados. Segundo ele, a experiência fez com que os alunos prestassem mais atenção à aula, além de perceber uma melhora efetiva nos textos, que passavam por releituras, reescritas e reelaborações, buscando uma melhor qualidade com vistas àqueles que os leriam.

De certa forma, o trabalho emulou a experiência pessoal dos professores fanfiqueiros, que começam escrevendo a partir de um universo ficcional de que gostam, desenvolvem os textos para agradarem a si mesmos e, em seguida, passam a se preocupar com o endereçamento para o público-leitor que se forma.

Com exceção de E.S., que considera que não há diferença no uso de fanfic ou de qualquer outro tipo de texto ficcional, os demais sujeitos possuem a percepção de que um trabalho que utilize as fanfics como plataforma para desenvolver ideias narrativas seguiria esse tipo de caminho que o projeto de C.P. seguiu, atingindo os objetivos de melhoria da escrita e consequente abertura para conhecer outros textos literários.

Consequentemente, apesar de termos nos posicionado originalmente relacionado às fanfics com o letramento digital, a percepção dos sujeitos leva seu uso em sala de aula para o lado do letramento “tradicional”, já que os trabalhos realizados por eles não utilizaram o computador.

Diante disso, é possível perceber que as *fan fictions* podem ajudar a produção escrita escolar e o letramento digital de maneira efetiva. As fanfics são uma das poucas atividades que estimulam naturalmente os jovens e adolescentes para a produção escrita hoje em dia. O fato de ela ocorrer em ambiente virtual ajuda neste aspecto e a posiciona

como fortemente ligada ao letramento digital, já que as práticas de leitura e de escrita ocorrem na tela do computador.

Os professores fanfiqueiros possuem uma percepção mais clara dos usos das fanfics em sala de aula por estarem inseridos no mesmo contexto desses jovens. Apesar de alguns, como R.G., separarem totalmente sua vida no ambiente virtual e em sala de aula, tendo inclusive vergonha de que os alunos venham a descobrir suas fanfics, os demais sujeitos acham positivo quando há essa interação entre professores e alunos fanfiqueiros.

O espaço de cada um em sala de aula, através da relação professor/aluno, se mantém. Mas é aberto um espaço para uma troca de ideias e experiência literárias e de letramento, que pode influenciar positivamente o ambiente escolar.

Todos os sujeitos acreditam que sua prática de escritores de fanfics ajudou em sua produção textual (exceção a O.A., que acha que ocorre exatamente o oposto com ele). Se essa melhoria ocorre com os professores, certamente os alunos também terão a mesma experiência. Se orientados por um professor que tenha conhecimento sobre fanfics, o trabalho poderá ser ainda melhor desenvolvido.

Embora os sujeitos entrevistados não representem a totalidade dos professores fanfiqueiros, é possível, diante dos padrões e regularidades nos argumentos apresentados, estabelecer parâmetros que possibilitem a ampliação de estudos futuros acerca do tema.

Que as *fan fictions* estão no contexto do letramento digital, isso fica claro ao se analisar como elas ocorrem. Quanto ao trabalho no ambiente escolar, visando a melhoria das práticas de leitura e escrita, as percepções dos professores fanfiqueiros são as de que as fanfics são uma ótima ferramenta para alcançar esse objetivo, sendo necessário, contudo, a revisão de certos paradigmas curriculares que impediriam a liberdade de trabalho criativo dos alunos.

Esta investigação aponta caminhos para outras análises da relação entre as fanfics e o letramento digital, fenômeno que não pode ser desconsiderado e que, independente de como as escolas e os professores agirem, continuará sendo desenvolvido pelos jovens no ambiente virtual.

Resta saber se os professores fanfiqueiros continuarão sendo vozes solitárias no ambiente escolar na tentativa de reaproximar esses adolescentes fanfiqueiros da escola, sendo os únicos a querer usar as fanfics como objeto pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2004.

ARAGÃO, Octavio. *A mão que cria*. São Paulo: Mercuryo, Unicórnio Azul, 2006.

AXT, Margarete *et al.* Era uma vez...: co-autoria em narrativas coletivas interseccionadas por tecnologias digitais. *Anais do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação: educação a distância mediada por computador*. Vitória: UFES, Nov. 2001.

BANDEIRA, Daniela Perri. *A influência do uso da internet no processo de letramento de adolescentes*. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BLACK, Rebecca W. *Adolescents and online fan fiction*. New York: Peter Lang, 2008.

BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, 20 fev. 1998. p. 3.

CASTRO, Monica Rabello de; FRANT, Janete B. *O modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros por professores e estudantes em ambientes interativos de aprendizagem*. Curitiba: Editora da UFPR, no prelo.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.

COPPA, Francesca. A brief history of media fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Org.). *Fan fiction and fan communities in the age of internet*. Jefferson: McFarland, 2006.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica. 2005.

COSTA, Ângela Maria Patrício *et al.* A escola na sociedade da informação: tecnologias, ferramentas e criatividade... em busca de uma alfabetização digital. In: MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (Orgs.). *Letramento: significados e tendências*. Rio de Janeiro: Wak. 2004.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FINOTTI, Ivan; CALDERARI, Juliana. *O destino de Harry Potter*. São Paulo, Conrad, 2006.

HERZING, Melissa J. *The internet world of fan fiction*. 112f. Tese (Master of Arts), Virginia Commonwealth University, Richmond, 2005.

HYPERFAN. *Hyperfan: cinco anos de fanfic*. Brasil: Hyperfan, 2006.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo: n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

JENKINS, Henry. *Textual poachers: television fans & participatory culture*. New York: Routledge, 1992.

_____. *Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture*. New York: New York University, 2006.

LUIZ, Lucio. Fan fictions de super-heróis das HQs: intertextualidade e pastiche. In: INTERCOM, 31., 2008, Natal. *Anais do XXXI Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2008a. 1 CD-ROM.

_____. As fan fictions sob a perspectiva da Web 2.0 e do letramento digital. In: ENCONTRO SOBRE WEB 2.0, 2008, Braga. *Actas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: Universidade do Minho, 2008b. 1 CD-ROM.

_____. A expansão da cultura participatória no ciberespaço: fanzines, fan fictions, fan films e a “cultura de fã” na internet. In: ABCIBER, 2., 2008, São Paulo. *Anais do II Simpósio Nacional da ABCiber*. São Paulo: PUC-SP, 2008c. Disponível em <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Lucio%20Luiz.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

MACEDO, Elizabeth. Imagem da Ciência: folheando um livro didático. In: *Educação e Sociedade*. Campinas: vol. 25, n. 86. p. 103-129, abr. 2004.

MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira; MUELLER, Suzana. Autoria coletiva, autoria ontológica e intertextualidade: aspectos conceituais e tecnológicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 35-45, mai./ago. 2007.

MIRANDA, Fabiana Mões. Fanfic e fanfiqueiros: leitores/fãs de livros/escritores. In: HIPERTEXTO, 1., 2005, Recife. *1º Encontro Nacional Sobre Hipertexto: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos*. Recife: UFPE, 2005. Disponível em <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Fabiana%20M%F3es%20Miranda.htm>>. Acesso em: 10 set. 2007.

_____. *O fandom como sistema literário: uma análise crítica do texto na era da reapropriação virtual*. 155f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MUNDIM, Isabella Santos. A escrita das imagens e a produção dos sentidos. In: ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. *XI Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo: USP, 2008. Disponível em < http://www.abralic.org.br/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/061/ISABELLA_MUNDIM.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.

PADRÃO, Márcio. Ascensão de uma subcultura literária: ensaio sobre a fanfiction como objeto de comunicação e sociabilização. In: ENECULT, 3., 2007, Salvador. *3º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador: UFBA, 2007a. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MarcioPadrao.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

_____. Leituras resistentes: fanfiction e internet vs. Cultura de massa. *E-Compós*. v. 10, 2007b. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/199/200>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRETO, Francisco de Moura. *O filme de ficção como recurso pedagógico no ensino da história: montagem, endereçamento e estratégias de utilização*. Dissertação (Mestrado), UNESA, Rio de Janeiro, 2007.

PUGH, Sheenagh. *The democratic genre: fan fiction in a literary context*. Bridgend: Seren, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica. 2005.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Monica Rabello de; SARTOR, Carla S. Daniel. *Pesquisando: guia de metodologia de pesquisa para programas sociais*. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SÁ, Simone Pereira de. Fanfiction, comunidades virtuais e cultura das interfaces. In: INTERCOM, 25., 2002, Salvador. *Anais do XXV Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2002. 1 CD-ROM.

SABINO, Glauco. Universo cosplay. In: *BlogView*, 30 ago. 2007. Disponível em <<http://blogview.wordpress.com/2007/08/30/universo-cosplay>>. Acesso em: 25 out. 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Cesar; BRANCO, Marcello Simão. *Anuário brasileiro de literatura fantástica: ficção científica, fantasia e horror no Brasil em 2006*. São Bernardo do Campo: Edições Hiperespaço, 2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Leitura e produção textual: novas idéias numa velha escola. In: *Em aberto*, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, v. 10, n. 52, out./dez. 1991.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão de. *A desconstrução da fanfiction: resistência e mediação na cultura de massa*. 132f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Unicamp, v. 23, n. 81, p. 143-160, set 2002.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SPOCKANALIA. New York: Poison Pen Press, n. 1, set. 1967.

TUSHNET, Rebecca. Copyright Law, fan practices, and the rights of the author. In: GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee (Orgs.). *Fandom: identities and communities in a mediated world*. New York: New York University Press, 2007.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. *Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno fanfiction*. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005a.

_____. *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005b.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003.

ZAPPONE, Miriam H. Y. Fanfics: um caso de letramento literário na cibercultura?. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 29-33, abr./jun. 2008.

ANEXOS

Roteiro básico de entrevista

1. Informações básicas: Nome, onde mora, onde e em quê trabalha, o que costuma ler.
2. Seu trabalho é em escola pública e/ou particular?
3. Qual disciplina? Onde se formou? Há quanto tempo dá aula?
4. Onde acessa a internet? O que visita ao navegar na Web?
5. Onde escreve? (tanto em relação a fanfics quanto a demais textos)
6. Considera-se um utilizador iniciante ou avançado de computador?
7. Como conheceu as fanfics?
8. Foi leitor de fanfics antes de escrevê-las? Se sim, o que lia?
9. Desde quando escreve fanfics?
10. Por que começou a escrever?
11. Que tipo de fanfic escreve? Quais personagens?
12. Para quem você escreve? Pensa em alguém em especial? Que características tem a pessoa para quem você escreve?
13. O que conhecia antes sobre os personagens sobre os quais escreve?
14. Quais as relações que você possui com outras pessoas que escrevem fanfics do mesmo tipo? E com pessoas que escrevem sobre outros personagens?
15. Considera as fanfics apenas uma diversão ou as encara com pretensões literárias?
16. Considera que sua escrita mudou com o fato de escrever fanfics? Em que sentido mudou?
17. Frequenta fóruns ou comunidades sobre fanfics?
18. Como é sua relação com estudantes fanfiqueros?
19. Alunos seus escrevem fanfics? Como você lida com isso?
20. Alunos seus já leram suas fanfics? Comentaram contigo sobre elas? Como você reage a isso?
21. Você já levou a fanfic para a sala de aula? Se sim, como foi? Se não, gostaria de levar? Por quê?
22. Percebeu alguma diferença em sua escrita (ou na de seus alunos) desde que começou a escrever fanfics?
23. Sua produção textual é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar?

Entrevista com C.P.

Transcrição de entrevista realizada por audioconferência através do *software* Skype.

L - C.P. você mora onde?

C - eu sou de são paulo.. na capital.

L - e trabalha em que?

C - eu sou professor de literatura. num colégio particular.

L - qual colégio?

C - colégio justos onzine. também na capital.

L - há quanto tempo você é professor?

C - oito anos.. é. oito anos e meio.

L - já trabalhou também em escolas publicas?

C - sim. por seis anos eu fui professor de escola pública.. por dois anos em concomitância escola pública e particular e: há três anos como professor de escola particular dando aula de literatura.

L - quais disciplinas você já trabalhou?

C - é:.. língua portuguesa. uma disciplina que o governo do estado implantou chamava. aula de leitura. e:.. literatura e língua estrangeira inglês.. mas sobretudo literatura e leitura.

L - qual a sua formação?

C - eu sou licenciado em letras com habilitação em português inglês. e suas respectivas é... literaturas. e especialista em literatura pela pontifícia universidade católica de são paulo.

L - ok. e o que que você costuma ler?

C - bom. eu leio.. como professor de literatura eu leio muita literatura brasileira. ficção é.. em literatura brasileira. também literatura portuguesa. é:.. e:.. enquanto hobby eu leio. ficção estrangeira outras literaturas de não ficção. é:... também gosto de fazer pesquisas na internet então eu leio. poesias é:.. e também fan fictions né. alguma coisa que eu gosto de ler constantemente.

L - você acessa internet de onde?

C - eu acesso da minha casa. eu tenho.. principalmente na minha casa. quando é razão de trabalho eu posso acessar em outros lugares mas. na maior parte das vezes em casa e... é. é onde eu uso mais internet.

L - e o que você costuma visitar quando navega na internet?

C - hum. eu visito vários sites de de de de de notícias.. é. também algumas redes sociais... visito algumas listas de discussão. das quais eu participo. e... basicamente é isso.

L - e você se considera um utilizador iniciante ou avançado de computador?

C - eu acho que intermediário. nem iniciante nem avançado. há algumas coisas que eu não domino porém enquanto usuário eu domino. tudo que esta disponível.

L - como você conheceu as fan fictions?

C - é.. as fan fictions eu conheci é inicialmente. é:... por ser colecionador de quadrinhos. que alguma coisa que eu leio bastante também e. constantemente. é.. descobri grupos de pessoas que produziam. textos paralelos aquele universo ficcional que. dos quadrinhos. é.. mas. em primeiro lugar. acho que as primeiras coisas que eu li em termos de fan fictions estavam ligadas a um grupo de cinema na verdade. do star wars. guerra nas estrelas.. e através da internet é.. rudimentarmente no começo da internet quando comecei a ter acesso a internet. foi uma das primeiras coisas que eu me associei. e achava muito interessante aquele aquele universo. e em seguida a coisa progrediu prum contato com pessoas que tinham o gosto mais parecidos com o meu. e isso envolvia fan fictions de quadrinhos. de super-heróis americanos.

L - e desde quando você escreve fanfics?

C - hum. desde dois mil e.. desde dois mil e. um ou dois mil. é:.. como eu disse a primeira experiência que eu tive foi. com um grupo de fan fictions de star wars. foi o primeiro. foi um dos primeiros dois textos que eu fiz.. envolvendo esse universo. é.. eu não me lembro exatamente qual que era o site. acho que era de algum fã clube ou alguma coisa assim. e:.. depois. uns dois anos depois. eu conheci o hyperfan. é.. que é o. que é o site que se tem maior domínio sobre essa questão dos. super-heróis americanos. e ali eu enviei a minha primeira proposta de trabalho de. primeira proposta de texto. é.. não tive resposta imediata só em dois mil e três que eu fui ter um contato mais constante com esse grupo. de pessoas e. escrever pra eles. então diria que são duas fases. uma fase inicial de dois mil. ou dois mil e um. e uma segunda fase a partir de dois mil e três.

L - e quais personagens você escreve?

C - é:.. principalmente personagens da. da marvel comics. por que. são aqueles personagens com que eu tinha maior contato enquanto leitor. né. é.. eu trabalhei. eu trabalhei ((riso irônico))... eu escrevi textos da. do homem aranha. é.. co-escrevi texto do homem aranha também. do quarteto fantástico. demolidor. vingadores. é... motoqueiro fantasma. é.. foram esses os que eu tive maior. maior incidência. maior quantidade de textos escritos.

L - quando você escreve você pensa em alguém especial. busca característica de algum público leitor?

C - sim. na verdade eu penso muito.. enquanto. é. leitor de literatura. é. chamada mainstream. a grande literatura ou a alta literatura como é chamado pelo.. pelo. pelo universo crítico. o universo acadêmico. que acredita que exista uma. uma alta cultura e uma baixa cultura. então como estou envolvido com essa alta cultura. eu tento pensar em mecanismos que eu aprendo lá. que eu vejo e que eu tento reproduzir de forma rudimentar nos textos que eu faço. tanto que eu me lembro que uma das primeiras experiências produzindo textos de fanfics. foi em forma de poesia. era uma das minhas ideias era poder unir a narrativa. a poesia narrativa com a narrativa da fan fiction. é.. depois eu comecei a perceber que. é.. eu poderia ter um contato maior com o público leitor de fan fiction e de quadrinhos consequentemente que é de onde os personagens migraram. né. se eu suavizasse algumas dessas características e:... ao suavizar essas características eu consegui uma maior incidência desse. de acessos e de visitas do meu. dos meus textos.

L - que tipo de relação você possui com outras pessoas que escrevem fanfics. tanto do mesmo tipo quanto sobre outros personagens?

C - eu tenho relação de amizade. é.. são meus amigos pra além desse assunto. é... tenho convivência com eles. ainda que de forma. mediada pelo computador ou por recursos tecnológicos. mas é um contato constante. que não se refere só aos. aos. aos fanfics.. eu os considero meus amigos. próximos muito próximos.

L - e você considera que a sua escrita mudou desde que você começou a escrever fanfics?

C - sim. sim. é.. lógico que eu percebi... até por tentar pensar nesse público e como atingi-lo de forma mais. é.. acessível. digamos assim. o estilo mudou. também uma maior compreensão o exercício constante da escrita. é... valorizar. é. também valoriza o exercício sobre aquilo que tá sendo escrito.. então eu percebo que os meus textos inicialmente eles eram muito pouco elaborados. é.. em si. e depois esses textos vão sendo melhor elaborados. e.. os personagens vão sendo melhor elaborados... uma pela questão da constância de escrita. e outra também por essa ideia de tentar fazer uma reflexão maior. sobre o quê nesse texto atinge um determinado público e o que não atinge esse público.

L - você frequenta fóruns ou comunidades sobre fanfics?

C - sim. é.. não são muitas. na verdade basicamente o grupo de escritores do do hyperfan e a comunidade deles. desse grupo no orkut. que é uma rede social... basicamente e. e outra. e outras listas mas são muito próximas. não participo de grupos maiores. do que esses. ou

fora desse grupo de pessoas com quem eu, com quem eu mantenho relações de produção e de leituras.

L - você já teve contato com alunos que escreviam fanfics?

C - sim, como professor tive uma experiência numa dessas aulas de leitura, alguns anos atrás, e, em que eu fiz durante um mês uma atividade de acompanhamento de produção de fanfic, então uma das atividades de produção textual, era produzir fanfic.. então eles escolhiam, eu deixei aberto que eles escolhessem um universo, de interesse deles, um universo ficcional que ele gostaria de ambientar o seu texto, o seu conto, e, eles produziram textos a partir disso.. como era alunos muito jovens, a maior deles estavam ligados a maior parte dos textos estavam ligados a desenhos animados... da época.. desenhos principalmente de origem japonesa, os animês, e.. essa produção foi muito interessante porque ela durou, como eu disse, um mês, então significa que pelo menos esse texto teve uma reelaboração, uma reescrita, teve duas reescritas desse texto, releitura dos textos, e uma tentativa de.. de aguçar esse texto, pra mim eu achei que era interessante conseguir, alguma coisa que tocasse eles de forma, é.. muito emocional, porque eles estavam ligados a aquele universo que eles gostavam, e ao mesmo tempo era uma desculpa entre aspas, interessante, porque o aluno revisasse seu texto e repensasse se aquilo que ele estava escrevendo, estava de acordo com o universo que ele estava inserindo o texto, ou se estava de acordo com as pessoas que leriam o texto... foi uma experiência bem rica pros alunos, e eu acho que foi, foi bastante interessante.

L - foi com que série e em qual escola?

C - isso foi numa escola pública, chamada professora eliana aparecida dantas, na cidade de ferraz de vasconcelos, aqui em são paulo.. na periferia de são paulo, e a série foi, com turmas de sexto, sétimo ano, antiga sexta série, e turmas de.. sexto ano, antiga quinta série, então lá havia várias, várias turmas de cada uma das séries, então eu fiz essa experiência com várias turmas e não com uma turma só específica... é isso.

L - e você chegou a repetir essa experiência em alguma outra escola?

C - não, eu não tive a oportunidade de repetir essa experiência, é... porque a partir desse momento, comecei a trabalhar em escola particular, com a carga de professor de disciplina de literatura que tinha toda uma, que tem um currículo planejado e estruturado sobre um outro viés, eu não consegui repetir essa, essa produção, não dessa forma.

L - nessa escola você estava trabalhando com qual disciplina?

C - eu era professor de leitura, era uma disciplina especial que o governo do estado de são paulo criou, é.. durante um momento em dois mil e quatro, e permaneceu até dois mil e seis, era uma aula a mais para cada uma das séries do ensino fundamental dois, do segundo ciclo, e esse essa aula era uma aula por semana, e um professor específico trabalharia questões de leitura, aprofundamentos de leitura, e, nessas aulas que eu consegui inserir também essa produção, de texto, porque eu acreditava, e acredito, que a produção textual.. e a leitura elas estejam correlacionadas elas não podem ser totalmente separadas, sem causar prejuízo aos alunos.

L - que resultados você observou dessa experiência?

C - eu percebi que os alunos, eles ficaram mais atentos, é... para aquilo que eles estavam produzindo, eles entenderam que por eles serem fãs de determinado personagem, um universo, eles conheciam minúcias e detalhes que outras pessoas não conheciam, então eles precisavam ter uma noção de contexto de produção.. pensando aí em termos de gênero textual, eles precisavam ter uma noção do contexto, ou seja, os elementos que ele colocava no texto, que outras pessoas conseguiriam ler de forma adequada, sem perder muito daquilo que se lia, eu acho que eles começaram a perceber que quando se escreve, isso de forma generalizada, não só dentro dessa experiência mas acho que a partir dela.. que existe um contexto de produção, e que.. existem referenciais desse texto, e esses referenciais

precisam ser esclarecidos.. e. sobretudo essa perspectiva de que o aluno pode produzir coisas. é.. eu acho que foi uma experiência sobretudo muito gostosa. então era um era um era um fator interessante. não era só uma obrigação ali da disciplina. uma atividade obrigatória. mas era também o momento de poder expressar um gosto pessoal. e de fazer uso desse gosto. brincar com esse gosto. então tinha um aspecto lúdico também. que foi muito interessante e eu acho que reverberou pra outras atividades que eles fizeram.. não só comigo nessa disciplina mas com outros professores também.

L - você acredita que haveria alguma diferença. se ao invés de fan fictions trabalhasse com textos. não relacionados a personagens pré-existentes?

C - eu acho que sim. porque. o universo constituído. de interesse do aluno. eu eu.. talvez. isso é. não tenho nenhum dado digamos assim científico que embase essa.. essa minha visão. mas eu acredito que por ser um universo já estabelecido. e colocado com elemento já. pré-estabelecido.. o aluno ele consegue perceber melhor do que se trata esse contexto que o professor. de língua portuguesa e de literatura. e de leitura no caso. vive falando. ele entende que contexto são aquelas referências que estão colocadas.. ambientadas. e que ele vai ter que. saber fazer referência a eles dentro do seu texto. pra que um outro. uma outra pessoa não fique perdida dentro desse universo.. e outra coisa que eu percebo. e aí eu tava dizendo eu não sei exatamente. de onde vem essa percepção. mas talvez só seja uma percepção minha de sala de aula. de que eles se percebem.. como fazendo algo importante algo interessante. que escapa da esfera dele. como eu trabalhava numa escola de periferia. eles percebiam que eles poderiam. que eles passavam a fazer parte de uma outra esfera. que era uma esfera de produtores de alguma coisa relacionada a um desenho ou a alguma coisa. que muita gente conhecia e que muita gente. é.. admirava. então eles também se sentiam admirados por fazer alguma coisa sobre. um.. um objeto de adoração de outras pessoas. é algo mais ou menos assim.

L - algum desses alunos que participaram da experiência. continuaram posteriormente escrevendo fanfics?

C - não. não. acho que não de forma.. oficial entre aspas. nenhum deles entrou em qualquer comunidade é:.. é.. dessas. pelo menos dessas que eu participo. dessas que eu tenho conhecimento. nenhum deles entrou para uma comunidade dessas de escritores de fanfic.. apesar do convite. que eu fiz para que eles participassem do hyperfan e escrevessem coisas pra que eu. pudesse encaminhar pro grupo e quem sabe. houvesse a publicação. mas eu sei que alguns deles continuaram escrevendo coisas. tanto que eles me mostravam.. essas produções. é.. isso de forma espontânea. não eram muitos. dessas dez quinze salas ou dez salas que eu tinha acesso na época. é.. acho que uns cinco ou seis alunos continuaram produzindo constantemente alguma coisa. e eles trocavam entre si. então pequenos grupos de alunos se formaram ali. é.. talvez não com a intenção deliberada de trabalhar fanfic. mas faziam uso disso dentro de uma convenção do grupo.

L - você percebeu alguma diferença na qualidade de texto desses que continuaram desenvolvendo e dos demais?

C - eu percebi sim. eu acho que eles. como eu disse. por ter maior clareza do. do. de que eles estavam escrevendo dentro de um contexto de que pessoas. outras pessoas iam ler então eles precisavam ter cuidado com essa produção.. e eu não estou falando em nível gramatical ortográfico. que é uma preocupação dos professores em geral professores de língua portuguesa. mas eu digo de em qualidade de tornar o texto.. mais explicado... com cuidado de. de.. citações ou de.. manter o texto coeso. coerente. para as pessoas que leriam posteriormente esse texto.. eu acho que esses alunos conseguiram ganhar isso.

L - de todas as escolas que você trabalhou. houve alunos seus que já leram as suas fanfics?

C - sim. tive alunos que leram fanfics. as minhas fanfics.. não só nesse caso dessa escola. que eu levei uma minha para que eles lessem.. e. e. percebessem que era alguma coisa

interessante que poderia ser feito. e... e permiti que eles analisassem o meu texto. mas também em outras escolas alunos descobriram. não não foi provocado ou incentivado por mim. mas eles descobriram e fizeram essa leitura.

L - e comentaram contigo. que tipo de comentário foi e como que você reagiu?

C - os comentários são. são insípidos. não são profundos. gostei não gostei. eu gosto desse personagem também. fiquei intrigado com o que você está escrevendo eu quero continuar lendo pra saber o que vai acontecer.. geralmente fica nesse nível. não é não é um discurso muito aprofundado. eu fiquei surpreso das vezes que os alunos descobriram sem a minha promoção. promoção do. do. do meu texto. eu fique surpreso. um pouco envaidecido. e.. achei interessante eu fiquei curioso de saber as opiniões deles e.. e.. e. o quanto que eles gostavam daquilo que estava sendo escrito. e a esses alunos eu também incentivei que escrevessem. mas acho que nenhum deles se habilitou. pelo menos não de forma a publicar esses materiais em. internet ou em grupos mais conhecidos.

L - você chegou a perguntar como eles chegaram a encontrar essas fanfics que você tinha escrito?

C - sim.. a resposta era quase unânime. de uma pesquisa na internet ou a partir da minha página pessoal. é.. num site de relacionamento. o orkut né. e a partir disso eles. eles conhecem as comunidades da qual eu participo. e por essas comunidades eles chegam aos meus textos. mas teve caso de alunos que disseram que foi usando o programa de buscas google. o site de buscas google. e a partir de lá eles chegaram aos textos.

L - buscando com qual palavra-chave?

C - o meu nome.

L - bom. e você considera que a sua produção textual. é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar?

C - desculpa. eu não entendi o começo da pergunta.

L - você considera que a sua produção textual é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar?

C - sim. é diferente.. geralmente quando eu produzo textos.. pras minhas aulas e.. e. elas não são. primeiro elas não são ficção. dificilmente eu escrevo ficção em outro contexto. no ambiente escolar ou no ambiente acadêmico os textos não são ficção. então tem toda uma outra característica... e acho que basicamente é isso. isso já diz muita coisa. toda a mudança que há por não ser uma ficção por pertencer a outro ambiente. a um outro tipo de circulação.

L - muito obrigado C.P..

C - de nada.

Entrevista com E.S.

Transcrição de entrevista realizada por audioconferência através do *software* Skype.

L - boa noite E.S..

E - boa noite lucio.

L - é. você: mora onde?

E - moro em salvador.

L - trabalha com quê?

E - eu sou professor universitário.

L - já teve experiência em escola básica também. educação básica também?

E - sim. ensinei durante cinco anos numa escola de segundo grau.

L - certo. é.. que que você costuma ler?

E - olha. eu costumo ler muito gibi. revistas em quadrinhos realmente. livros especialmente de ficção. e as revistas semanais. particularmente a veja. a época. também.. leio muito jornal online. a folha. o globo. o estadão. e aqui da bahia eu leio o correio da bahia também. que é um projeto novo de jornal bem interessante.

L - a faculdade que você trabalha é particular ou pública?

E - eu ensino hoje em duas faculdades. as duas são particulares. mas a escola em que eu ensinei era. a escola de segundo grau. era escola pública.

L - qual o nome das faculdades e da escola?

E - eu ensinei na escola. que era o colégio estadual de segundo grau pedro calmon. que fica em amargosa na bahia. e ensino nas faculdades. na faculdade da cidade de salvador e faculdade dois de julho. ambas aqui em salvador.

L - certo. e qual a disciplina que você trabalhou na escola e a que você trabalha atualmente nas faculdades?

E - na escola eu ensinava redação. ensinei também português. inglês e história.. nas faculdades eu ensino redação publicitária. ensino criação publicitária. marketing digital. comunicação digital. desenvolvimento de produtos e gerenciamento de marketing. marketing contemporâneo. marketing digital. é... mais algumas matérias mas. enfim. são várias.

L - e você se formou em quê e onde?

E - eu sou formado em publicidade e propaganda pela universidade católica de salvador.

L - e há quanto tempo é sua experiência dando aula?

E - eu comecei a dar aula em.. dois mil e... dois mil e dois. em março de dois mil e dois eu comecei a dar aula. então eu sou professor. estamos em dois mil e nove agora. pô. tempo pra caramba.

L - certo. você acessa a internet de onde?

E - basicamente de casa. eu tenho acesso à internet também do trabalho. mas a maior parte das vezes eu acesso de casa.

L - e o que você costuma visitar quando está na internet?

E - eu visito muito blogs. eu leio muitos blogs. também ouço muitos podcasts.. e também costumo visitar os sites. os portais de notícias.. uol. globo. coisas assim.

L - e você se considera um utilizador iniciante ou avançado de computadores?

E - não tem uma opção intermediária não? porque eu acho que pra ser avançado eu teria que entender mais de hardware. que eu não entendo. agora iniciante certamente eu não sou.

L - na parte de software e uso de internet.. vai bem?

E - sim. com toda certeza.

L - e como que você conheceu as fan fictions?

E - conheci os fanfics. deixa eu ver... não lembro agora necessariamente o ano em que aconteceu. na verdade eu conheci as fanfics através de um amigo em comum. um

conhecido na verdade. que escrevia para um site de fanfics americano. ele escrevia em inglês mesmo e foi assim que eu tomei conhecimento que existia esse tipo de mídia. que eu nem sequer sabia que existia.

L - e você já se interessou em escrever logo ao conhecer. ou apenas ficou lendo?

E - assim que eu soube da existência dos fanfics. eu já fiquei interessado em escrever fanfics. foi que eu não conhecia até então nenhum site de fanfic do brasil. conhecia esses americanos. achei interessante pra caramba mas achei que seria legal ter isso aqui no brasil também em língua portuguesa.

L - e quando você lia nesse site estrangeiro. qual era o tipo de fanfic que você buscava ler?

E - era basicamente de super-herói. eu lembro que as primeiras que eu li. exatamente esses que esse conhecido escrevia. que eram sobre lanterna verde.

L - e quando você resolveu escrever você optou por.. algum lugar específico. criou seu próprio espaço?

E - eu criei meu próprio espaço. eu e um grupo de amigos montamos o que seria. naquele momento pelo menos. o primeiro site de fanfics do brasil. que era o fanfic br. que não existe mais hoje em dia. ele já.. já morreu. deu origem a um outro site chamado hyperfan. a gente começou esse projeto do zero. pegamos um grupo de pessoas. botamos um grupo de lei.. de escritores. dividimos os temas pra cada um e começamos.

L - e que tipo de fanfic você escrevia?

E - escrevia também fanfics de super-herói. escrevia as histórias do homem-aranha. e posteriormente dos x-men.

L - e por que você escolheu esses personagens para escrever?

E - porque eram os personagens que eu realmente gostava. eu curto os heróis da marvel. o homem-aranha era um personagem que eu tinha interesse. e naquele momento específico da montagem do site a gente estava querendo ter as histórias dos grandes personagens dos quadrinhos. os mais famosos. o homem-aranha estava à disposição e eu tratei logo de pegar ele.

L - quando você escreve. você pensa em algum público específico para atingir. define as características com base nisso?

E - não. na verdade não. nenhum dos fanfics que eu escrevi. eu escrevi pensando em público. era sempre muito mais aquela coisa assim de que. o que é que eu gostaria de ver. toda lógica de começar a escrever fanfics para mim era. eu não tava satisfeito com o que eu lia nos quadrinhos e achava que podia fazer melhor. então eu sempre pensava nisso. o que é que eu poderia fazer melhor do que tá aí.

L - então você escrevia para si mesmo?

E - basicamente.

L - mas você chegou a ter contato com algum público leitor das suas fanfics?

E - ah. sim. tanto no fanfic br: quanto posteriormente no hyperfan.. a verdade é que tivemos um retorno bem legal. teve um público muito interessante. que comentava. que enviava e-mails. que faziam perguntas. a gente tinha um índice de leitores. por história que eram muito legais. desde o início a gente percebeu que existia gente interessada naquele tipo de material. isso é muito interessante.

L - e os personagens que você escrevia. você os conhecia profundamente ou apenas gostava?

E - conhecia profundamente. tanto quando eu escrevia homem-aranha quando eu escrevia x-men eu realmente os conhecia.. escrevi. é.. uma história uma vez. especial pro super-homem.. que eu tive um pouco mais de dificuldade necessariamente por não ter essa proximidade. essa paixão. sei lá. pelo personagem. como eu tinha pelos outros.

L - e você. escreve apenas fanfics ou já desenvolveu outros textos?

E - já desenvolvi outros textos. já desenvolvi tanto textos publicitários como. artigos. resenhas e contos.. esse site. hyperfan. que eu havia comentado mais cedo. quando ele completou cinco anos de vida. todos os escritores se juntaram para lançar um livro de contos inéditos. com personagens inéditos. e cada um de nós criou um personagem. criou uma história. e lançamos cada um com seu conto. foi bem interessante.

L - e você considera que sua escrita mudou durante sua experiência escrevendo fanfics?

E - com toda certeza. desde o primeiro momento. desde o primeiro site. no caso o fanfic br. a gente dividia a.. a.. a gente criou um organograma. tendo editores que ficavam responsáveis por revisar. editar. corrigir o texto dos leitores. e com isso tinha. editores muito bons que passaram dicas muito interessantes. eu aprendi a escrever de uma maneira mais dinâmica para contar histórias. coisa que eu não fazia até então.

L - e você considerava as fanfics mais uma diversão ou encarava com alguma pretensão literária?

E - fanfic pra mim sempre foi diversão. eu nunca pensei nisso como uma forma de. ah vou virar escritor através disso.

L - e você ainda escreve fanfics atualmente?

E - não. faz algum tempo que eu me afastei do site.. a própria vida se encarregou de me afastar do site. eu sinto saudades. sinto vontade de fazer isso. mas acabei me dedicando a outros projetos e eu não tenho mais tempo de voltar a escrever fanfics.

L - hoje em dia você ainda lê fanfics ou está totalmente afastado?

E - leio de vez em quando. não é sempre. mas eventualmente. lá no próprio site do hyperfan. ou em algum outro site de fanfic quando tem algum tema ou algum conceito que me parece interessante. eu dou uma olhada. mas não leio mais nada regularmente como lia antes.

L - e você frequenta fóruns ou alguma comunidade sobre fanfics?

E - só a comunidade do hyperfan. que é o site que eu participei e estou lá até hoje. fora isso não.

L - tanto na escola quanto na universidade. alunos seus escrevem fanfics?

E - tanto na faculdade quanto na escola. eu trabalhei sim com fanfics. eu usava os fanfics como uma maneira de exemplificar situações. de.. apresentar conceitos. histórias. até porquê usava. fanfics têm formatos curtos. são textos curtos. esse formato de conto. é uma boa maneira de introduzir alguns assuntos. mas eu raramente pedia pros alunos criarem fanfics para mim. pedia pra eles escreverem contos com base no formato de fanfic que eu apresentava. usava a fanfic como uma maneira de.. despertar neles esse interesse pela literatura. pelas histórias. mas. muito mais relacionado. como é um personagem conhecido eles vão se identificar. é melhor do que pegar um livro. um capítulo de um livro que eles não sabem do que está falando.

L - mas na hora deles fazerem a própria produção. existe algum motivo pelo qual você optava por não trabalhar especificamente fanfics?

E - não. nenhum motivo. apenas por uma questão de dar mais liberdade a eles. eu acho que os alunos. por criarem seus próprios personagens e suas próprias histórias. eles ficavam mais à vontade nesse sentido.

L - independente desses traba...

E - pe...

L - desculpe.

E - pelo menos mais à vontade do que trabalhando com personagens dos outros. personagens de terceiros.

L - independente desses trabalhos. você já teve contato com alunos fanfiquinhos?

E - não, não diretamente, já tive contato com alunos que fizeram fanzine, que está relacionado mas não é necessariamente dentro da mesma área, e já tive contato com alunos desenhistas, fanfiqueiros realmente, não, não alunos pelo menos, só amigos.

L - e você considera que a sua produção textual, ela é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar?

E - com toda certeza, no ambiente das fanfics eu aprendi, ou me eduquei pra escrever de uma maneira pra tornar a leitura mais dinâmica, enquanto que no ambiente acadêmico não é necessariamente dessa forma, a gente acaba rebuscando um pouco mais o texto.

L - e o que seria exatamente, escrever de uma maneira mais dinâmica?

E - uma coisa que eu aprendi com um dos primeiros editores do.. fanfic br e depois do hyperfan, o fernando lopes, é que a melhor maneira de você retratar uma cena de ação, é usando frases curtas, e ao utilizar frases curtas para escrever as fanfics, especialmente nas cenas de ação, eu percebia como o texto corria melhor, a gente pode usar parágrafos maiores, mais extensos, para descrever um ambiente, mas na hora da ação em si sempre optei por frases curtas, coisas que eu não faço coisa que eu não faço, normalmente, em outros textos.

L - como você escrevia fanfics, mais especificamente de super-heróis, a mídia original influenciava muito a sua produção textual?

E - com toda certeza, tanto as ideias como os conceitos, como a maneira dos personagens se comportar, especialmente a maneira dos personagens falar.

L - e você tem a intenção futura de trabalhar novamente com fanfics em sala de aula, e se trabalhar vai ser dessa mesma maneira que já trabalhou, ou verifica alguma outra possibilidade de trabalho com isso?

E - ainda hoje eu trabalho na minha aula de criação, inclusive usei isso na semana passada.. passei pra eles um fanfic, li um pequeno conto na sala de aula, pra apresentá-los ao conceito de criar contos também, ainda hoje eu uso.

L - mas não necessariamente solicitando aos alunos que escrevam.

E - solicitando sim, mas como expliquei mais cedo, eu leio uma história, leio uma fanfic, porque é de um personagem conhecido, então solicito a eles que escrevam um conto, mas não os limito a que seja um personagem conhecido, desde que eles façam esse conto, de qualquer personagem, que eles mesmo criaram ou não, não forço a que seja um fanfic.

L - há alunos que optam por escrever com personagens já existentes?

E - até o momento nenhum deles optou.

L - você já teve a curiosidade de perguntar o motivo, ou apenas deixou desenvolver da forma como eles queriam?

E - eu não me preocupei em perguntar o motivo porque, na prática, nunca quis que eles escrevessem fanfics, apenas queria que eles escrevessem contos, como falei usava o fanfic apenas como uma forma de apresentar a eles o formato de contos, então não, nunca perguntei porque não usaram nenhum personagem conhecido.

L - muito obrigado E.S..

Entrevista com O.A.

Transcrição de entrevista realizada por chat de texto através do *software* Skype.

[22:46:58] Lucio Luiz diz :Primeiro gostaria das informações básicas: Nome completo, onde mora e em que trabalha.

[22:47:38] O.A. diz :O.A..

[22:48:09] O.A. diz :Designer gráfico, professor universitário (UFES, mas já concursado para a ECO-UFRJ).

[22:48:59] O.A. diz :Já trabalhei com cinema, editoras, publicidade e jornais. Sempre com design gráfico. Tive meu próprio estúdio duas vezes: a Cia do Design e a Cultural Produção.

[22:49:37] O.A. diz :Mas fiquei mais conhecido depois de ter trabalhado no Globo, como infografista e coordenador da editoria de arte.

[22:49:52] Lucio Luiz diz :Na universidade, você trabalha com quais disciplinas?

[22:50:29] O.A. diz :Começando Jornalismo Gráfico. Mas estava com Multimídia 2, identidade visual e história das técnicas no Desenho Industrial.

[22:50:37] Lucio Luiz diz :Qual a sua formação?

[22:51:18] O.A. diz :Sou graduado em comunicação visual/design gráfico, pela EBA-UFRJ. Tenho mestrado e doutorado em Artes Visuais, pela mesma instituição.

[22:51:32] Lucio Luiz diz :Há quanto tempo trabalha no campo da educação?

[22:51:52] O.A. diz :Desde 2000, quando fui prof substituto da EBA-UFRJ.

[22:52:09] Lucio Luiz diz :Chegou a ter alguma experiência dentro ou fora de sala de aula com Educação Básica?

[22:52:28] O.A. diz :Vc quer dizer primeiro grau, essas coisas? Não.

[22:52:39] O.A. diz :Acho que não daria muito certo.

[22:52:44] Lucio Luiz diz :Por quê?

[22:55:16] O.A. diz :Minha relação em sala de aula é irônica, o que não funciona com a gurizada. Cheguei a dar aula de desenho no OBERG, para uma turma de 6 a 60 anos, e foi complicado.

[22:55:58] O.A. diz :Na verdade, quando dei aula para uma turma do Bennett cuja faixa etária era de mais de 40, as coisas também não deram muito certo.

[22:56:12] O.A. diz :*acima de 40*

[22:56:14] O.A. diz :)

[22:56:19] Lucio Luiz diz :O que é OBERG?

[22:56:42] O.A. diz :Ah, é um curso tradicional de desenho que existe aqui no Rio desde a década de 50.

[22:56:52] O.A. diz :Vou catar o site, per aí...

[22:57:40] O.A. diz :<http://www.oberg.com.br/>

[22:57:52] O.A. diz :(pô, o óbvio, né? :))

[22:57:57] Lucio Luiz diz :Obrigado :)

[22:58:04] O.A. diz :;)

[22:58:12] Lucio Luiz diz :O que você costuma ler?

[22:58:18] O.A. diz :Caraglio...

[22:58:29] O.A. diz :Mais fácil perguntar o que eu NÃO costumo ler.

[22:58:50] O.A. diz :Vamos lá... vou descrever os livros que estão em torno de mim NESTE momento:

[23:01:16] O.A. diz :A Primeira e Última Liberdade - Krishnamurti; Departures - Harry Turtledove; As Estruturas Narrativas - Tzvetan Todorov; Archives Editions DC: The Spectre; Encadernadas 78, 79 e 80 da revista Scientific American e Through Stranger Eyes, de David Brin.

[23:01:40] Lucio Luiz diz :Algun gênero em particular preferido?

[23:01:46] O.A. diz :FC, claro.

[23:02:03] Lucio Luiz diz :Ficção científica, certo?

[23:02:04] O.A. diz :Mas mais para a FC soft, sociológica.

[23:02:38] O.A. diz :Dan Simmons, Turtledove, Bradbury...

[23:03:01] Lucio Luiz diz :E o que você gosta de escrever?

[23:04:21] O.A. diz :Depende. Costumo me inserir no gênero FC, mas sou mais ligado ao agora que ao futuro. Escrevo sobre o insólito,

[23:04:47] Lucio Luiz diz :O que seria exatamente o que você chama de escrever sobre o insólito?

[23:05:11] O.A. diz :O absurdo que existe nas entrelinhas do cotidiano.

[23:08:03] O.A. diz :Sabe, tem uma passagem em Ghostbusters, o primeiro filme, em que dois dos caça-fantasma comentam sobre o que está ocorrendo naquele momento e o Dan Ackroyd fala que, na verdade, aquilo era muito parecido com o Apocalipse de São João e o filme, que é uma comédia rasgada, gaha um tom soturno e assustador. Foi apenas um décimo de segundo, mas pra mim subverteu (positivamente) o sentido da história. É sobre isso que eu escrevo.

[23:09:10] Lucio Luiz diz :Você também utiliza esse caminho quando escreve fanfics?

[23:10:13] O.A. diz :Sim. Sempre.

[23:10:36] Lucio Luiz diz :Como você conheceu as fanfics?

[23:10:59] O.A. diz :Rapaz, eu acho que nasci conhecendo... :D

[23:11:19] O.A. diz :Sempre - desde criança - criei hstora alternativas para personagens que gostava.

[23:12:04] O.A. diz :De Terra de Gigantes e Túnel do Tempo (sabia que tenho na manga um final para série e uma proposta de recomeço da franquia? :D)

[23:12:13] O.A. diz :Acho que foi por isso que criei a Intempol...

[23:12:21] Lucio Luiz diz :O que é a Intempol?

[23:12:46] O.A. diz :Mas fui até super-heróis e personagens clássicos, como Dracula e Frankenstein.

[23:14:06] O.A. diz :Intempol nasceu de um conto publicado em 1998 na antologia Outras Copas, Outros Mundos, chamado Eu Matei Paolo Rossi. Era uma antologia de futebol e FC e eu tive essa idéia de matar o artilheiro italiano da copa de 82, aquele que – sozinho – desclassificou o Brasil.

[23:15:02] O.A. diz :Era algo meio De Volta pro Futuro mais Men in Black, já que o guri que voltava no tempo para detonar o Rossi era caçado por uma polícia temporal parecida com a nossa PM, corrupta, insidiosa e malemolente.

[23:17:01] O.A. diz :A Intempol fez um certo sucesso e me pediram mais histórias com os agentes. Eu resolvi abrir uma franquia e convidei os amigos a escreverem contos. Isso gerou uma antologia de contos em 2000 (Intempol - Ano Luz) e diversos outros subprodutos, como o álbu em quadrinhos The Long Yesterday, de Osmarco valladão e Manoel Magalhães. Hoje a Intempol ainda pode ser acompanhada em <http://www.intemblog.blogspot.com>

[23:17:50] O.A. diz :TLY é de 2005.

[23:17:54] Lucio Luiz diz :Todas as histórias da Intempol eram derivadas de seu conto original?

[23:17:58] O.A. diz :E foi publicada pela Comic Store.

[23:20:36] O.A. diz :Não, nem todas. Com o tempo, virou um universo unificado. Costumo dizer que existem tantas Intempol quanto autores. Eu tenho a MINHA versão da série, que está contda nos contos Eu Matei Paolo Rossi, Um Museu de Velhas Novidades, Para Tudo se Acabar na Quarta-Feira e Reis de Todos os Mundos Possíveis. Tem ainda um conto

escrito a várias mãos que - creio - se encaixa na minha visão da Intempol, que é O Olho do Cavalo Morto. mas isso não quer dizer que eu não lance mão de personagens e situações de outros colegas autores em meus contos e que não adore as outras histórias e idéias.

[23:22:20] Lucio Luiz diz :Em relação às fanfics, você disse que praticava o ato de escrever sobre personagens e universos ficcionais conhecidos desde pequeno. Quando você descobriu que isso era conhecido por fanfic e que havia outras pessoas que também escreviam?

[23:23:34] O.A. diz :Muito depois de ver publicado meu primeiro fanfic, um conto sobre os X-Men chamado Panic at Cirsensis, num fanzine, em 1999.

[23:24:17] O.A. diz :Pra mim parecia natural que outras pessoas fizessem isso. Estranho é perceber que tem muita gente que não faz.

[23:24:42] Lucio Luiz diz :Por quê você escreve fanfics?

[23:25:53] O.A. diz :Porque me diverte, me serve de playground para idéias e é treino, treino, treino. É sempre bom lembrar que meu primeiro romance, A Mão que Cria, Mercuryo, 2006, nasceu de um fanfic.

[23:26:23] Lucio Luiz diz :Era um fanfic sobre qual personagem?

[23:27:08] O.A. diz :Sobre o mais mal aproveitado dos super-heróis: Aquaman.

[23:27:38] O.A. diz :Eu tinha na cabeça u conceito assim: nnao existe personagem ruim, nego é que não sabe contar uma história decente.

[23:28:06] O.A. diz :E apostei comigo mesm que conseguiria escrever uma história legal, um page-turner cheio de ação, com um personagem meia-boca.

[23:28:13] O.A. diz :Fui lá e fiz!

[23:28:36] Lucio Luiz diz :Mas no livro se manteve a característica de fanfic, com referência direta ao personagem?

[23:28:55] O.A. diz :Não, as rferências são indiretas.

[23:29:25] O.A. diz :Por exigências editoriais e um crto receio da Warner querer dar uma mordida no nosso calcanhar.

[23:29:37] O.A. diz :Mas quem tiver olhos, lerá.

[23:30:35] O.A. diz :Se vc visse o que eu já vi a Warner fazendo com editoras brasileiras que ousaram usar o logo do Superman impunemente, saberia que com certas coisas não se brinca (ainda :D).

[23:31:29] Lucio Luiz diz :Você também lê fanfics feitas por outras pessoas?

[23:31:49] O.A. diz :Leio sim. (perai que vou botar o neném p/ arrotar)

[23:45:28] O.A. diz :Voltei...

[23:46:13] O.A. diz :Leio sim, mas não de todo mundo. Tenho meus autores prediletos, como o Lupo, o Mandarin (que anda afastado) e o Marcelo Galvão.

[23:46:23] O.A. diz :*prediletos*

[23:47:14] Lucio Luiz diz :Você disse antes que parecia natural para você escrever fanfics e que era "estranho" o fato de muitas pessoas não o fazerem. Por quê?

[23:47:47] O.A. diz :Porque todo mundo é técnico de futebol... :)

[23:48:03] O.A. diz :Todo mundo acha que sabe fazer melhor a novela das oito.

[23:48:21] O.A. diz :Logo, pq não tentar fazer do seu jeito seus personagens prediletos?

[23:48:28] O.A. diz :Reclamar é fácil, né?

[23:49:06] O.A. diz :Se cada um dos fãs do Homem-Aranha escrevesse sua versão do personagem será que ele estaria na mediocridade de hoje?

[23:49:35] O.A. diz :Ou será que a gente aprenderia a respeitar um pouquinho mais os autores profissionais?

[23:50:13] O.A. diz :Sabe, conheço roteiristas de novelas de TV. São caras competentíssimos, de um talento raro. No entanto, pergunta o que o povão acha do trabalho deles?

[23:51:30] O.A. diz :Todo mundo desce a ripa! Porém, queria ver se estivessem num regime de trabalho como o deles... eu, por exemplo, bolei umas continuações para novelas de TV das antigas. :)

[23:51:47] Lucio Luiz diz :Publicou em algum lugar?

[23:52:05] O.A. diz :O que? Essas coisas? Não, apenas bolei.

[23:52:52] Lucio Luiz diz :O que te leva a escolher escrever e publicar alguma ideia de fanfic ou apenas imaginar sem colocar no papel?

[23:58:48] O.A. diz :Oportunidade.

[23:58:58] O.A. diz :(desculpe, o bebê acordou)

[23:59:40] O.A. diz :Tenho um “banco de idéias” e, quando a oportunidade surge, vou lá e pesco uma.

[00:00:06] Lucio Luiz diz :Quando você escreve, pensa em alguém em especial? Algum público-leitor?

[00:00:16] O.A. diz :às vezes.

[00:00:28] Lucio Luiz diz :Quando ocorre isso?

[00:00:52] O.A. diz :Quando entro num gênero que não tenho muito intimidade, como - por exemplo - o policial.

[00:01:29] O.A. diz :Escrevi um conto sherlockiano outro dia que deu uma trabalhadeira, pois tinha de pensar no público do Conan Doyle, que é extremamente exigente.

[00:02:07] Lucio Luiz diz :Esse público, então, muda de acordo com o gênero ou estilo, correto?

[00:03:39] O.A. diz :(cara, tá difícil... peguei o bebê no colo e digito com uma das mãos))

[00:04:01] Lucio Luiz diz :(sem problemas, pode escrever com calma ou esperar se for necessário)

[00:04:40] O.A. diz :Sim, muda, mas eu tenho de lidar com isso sem fugir do meu estilo

[00:05:29] Lucio Luiz diz :Você considera que sua experiência com fanfics tem influência em seus escritos não ligados a fanfics?

[00:05:53] O.A. diz :Eu acho o oposto.

[00:06:34] O.A. diz :Que minha experiência FORA dos ffs é o que diferencia meu trabalho.

[00:07:05] Lucio Luiz diz :Por quê?

[00:08:37] O.A. diz :Pq eu me distancio de certos vícios q considero negativos nos autores de ff, por exemplo, aquele papo de “não quebrar o brinquedo, que acho uma besteira enorme,

[00:09:08] O.A. diz :Esqueci de um autor de ff que adoro: o Délio Freire!

[00:09:29] O.A. diz :e o Fábio Fernandes.

[00:09:48] Lucio Luiz diz :Você frequenta fóruns ou comunidades sobre fanfics?

[00:11:05] O.A. diz :Sim, mas poucas. Na verdade, sempre achei que os fanfickers me consideram meio herético, logo, fico calado a maior parte das vezes.

[00:11:24] Lucio Luiz diz :Por que herético?

[00:12:29] O.A. diz :porque não ligo para os cânones sagrados dos personagens (ou o que se considera como cânone).

[00:13:08] Lucio Luiz diz :Você considera que isso é um ponto negativo das fanfics?

[00:17:29] O.A. diz :Sim, pq afasta os autores de um saudável questionamento, uma vontade de mudar o cenário.

[00:17:58] O.A. diz :Se agente lembrar do início das HQs americanas, os grandes autores eram aqueles que mudavam o status quo dos personagens, que ousavam.

[00:18:41] O.A. diz : Batman do Finger e do Kane não era o mesmo d O’Neil e do Adams. E qual o melhor?

[00:18:48] O.A. diz :Não tem, os dois são muito bons.

[00:18:57] O.A. diz :Qual é “O” Batman?

[00:19:00] O.A. diz :Ambos.

[00:19:37] O.A. diz :O mesmo vale para o Superman desenhado pelo Curt Swann e aquele do John Byrne. Ambos são válidos.

[00:20:23] O.A. diz :E o que dizer do Demolidor? Se fôssemos nos ater ao “clássico”, ainda estaríamos com o Matt Murdock do Stan Lee e nunca teríamos visto a versão do Miller.

[00:22:03] O.A. diz :Mas os fickers não pensam assim. Eles geralmente “congelam” o personagem numa situação única, cujo status quo não muda e, conseqüentemente, impede a evolução natural do personagem. Creio que os autores têm de deixar o fã do lado de fora e passar a se encarar como criadores de verdade. A reverência demais atrapalha.

[00:22:15] O.A. diz :*demais*

[00:23:05] Lucio Luiz diz :Você vê essa situação que descreveu como algo que afeta a todos os fanfiquinhos ou seria algo mais ligado a determinados gêneros dentro das fanfics?

[00:24:17] O.A. diz :Acho que no caso de Harry Potter e Arquivo X, a coisa tem outro viés. Ali os fãs cometem o pecado inverso: querem forçar os personagens a fazer o que eles acham que deveriam. Claro que não funciona, né?

[00:24:53] O.A. diz :Forçar um romance entre Harry e Hermione é dose para elefante rôxo. É fora do formato dos personagens.

[00:25:35] O.A. diz :Mas Star Trek e super-heróis são muito cheios de limites auto-impostos.

[00:26:15] Lucio Luiz diz :Você já utilizou as fanfics em sala de aula?

[00:26:32] O.A. diz :De certa maneira, sim.

[00:27:00] O.A. diz :Fiz alunos criarem versões para contos clássicos, mas sem reinterpretar o texto, apenas as imagens.

[00:27:26] O.A. diz :Ou seja, criando um cenário diferenciado para textos já existentes.

[00:27:34] Lucio Luiz diz :Dentro de qual disciplina?

[00:27:47] O.A. diz :Arte Sequencial, claro.

[00:28:03] Lucio Luiz diz :Que resultado você observou desse trabalho?

[00:29:05] O.A. diz :É sempre refrescante ver uma nova interpretação de clássicos como Guimarães Rosa ou Carlos Drummond de Andrade.

[00:29:37] Lucio Luiz diz :Os alunos que realizaram esse trabalho se sentiram estimulados a continuar a desenvolver textos?

[00:30:41] O.A. diz :Eles eram mais ilustradores que escritores, mas infelizmente a maioria ficou naquilo mesmo. Uma pena...

[00:32:09] O.A. diz :Ali rolava um problema que era o “Fator Sala de Aula”. Por mais HQ que fosse, ainda era uma matéria. Aí sabe com é, né? Roala o “comportamento aluno padrão”.

[00:32:38] Lucio Luiz diz :Você já pensou em utilizar fanfics em algum outro projeto ou disciplina?

[00:40:57] O.A. diz :Ainda não, mas pode ser.

[00:41:24] Lucio Luiz diz :No que você acha que as fanfics poderiam ser úteis?

[00:43:30] O.A. diz :Para começar uma carreira de escritor. Eu acho mesmo isso. Se o sujeito decidir levar a sério, contar uma história direito, pode ter uma carreira pela frente.

[00:44:23] Lucio Luiz diz :Em sua visão, poderia haver alguma diferença de desenvolvimento da escrita caso ele começasse com fanfics ou não?

[00:45:44] O.A. diz :Só se o autor se dispusesse a estudar. Se ele se contentar em repetir fórmulas com medo de “quebrar o brinquedo”, aí não vejo saída.

[00:46:26] O.A. diz :A gente não começa com ff. A gente começa com os contos de fadas, com as mentiras do colégio, com as anedotas de papagaio...

[00:47:12] O.A. diz :É com esses exercícios que desenvolvemos traquejo narrativo, personagens, clima, estrutura. Mas não dá para ficar só nisso.

[00:47:41] Lucio Luiz diz :O que mais precisaria?

[00:49:57] O.A. diz :Pegar no livros. Ler os clássicos. Ler teoria literária. Levar a sério MESMO. Imagine um ff do Batman que fizesse um bate-bola com a estrutura de Hamlet? Ou um ff do, sei lá, Tornado Vermelho que espelhasse o Golem da lenda hebraica?

[00:50:01] O.A. diz :Não seria do cacete?

[00:50:17] O.A. diz :Eu acho que é isso que falta nos fanfics de uma maneira geral.

[00:51:07] O.A. diz :Há autores de HQs que fazem isso, como Gaiman, Morrison e, claro, Moore. Se eles podem, pq não os fickers que, teoricamente, teriam muito mais liberdade para trabalhar conceitos?

[00:52:09] O.A. diz :Outra coisa: histórias de super-heróis são basicamente narrativas de ação, mas vai me desculpar, não tenho visto muita gente mandando bem nas cenas de pancadaria...

[00:52:31] O.A. diz :Fica aquele rame-rame tipo novelinha Malhação, mas nada além disso.

[00:53:13] O.A. diz :Eu queria ver grandes sagas, guerras homéricas, non stop action com texto de primeira.

[00:53:30] Lucio Luiz diz :Entre seus alunos, há escritores de fanfic?

[00:53:37] O.A. diz :Sim, há.

[00:53:57] Lucio Luiz diz :A relação que vocês mantêm dentro e fora de sala de aula, por conta disso, é diferente?

[00:55:53] O.A. diz :Boa pergunta. Creio que sim. Eles sabem que sou uma figura ligada a elementos que eles não relacionam a outros professores. Mas faço questão de dizer que, antes de qualquer coisa, procuro fazer tudo com um nível de profissionalismo e sem “fanzoquices” do tipo “quem venceria uma luta, a Mionica ou o Hulk?”.

[00:56:00] O.A. diz :;)

[00:56:40] Lucio Luiz diz :Os alunos conseguem perceber essa diferença?

[00:57:10] O.A. diz :Eu os forço a isso.

[00:57:28] Lucio Luiz diz :Como assim?

[00:59:02] O.A. diz :Repudio qualquer tipo de conversa que não seja de base profissional. Ou seja, não vale dizer “eu não gosto disso ou daquilo” ou “isso ou aquilo é uma merda”. Tem de explicar o porquê. Mesmo que o tópico da conversa seja o Rob Liefeld.

[00:59:07] O.A. diz :D

[00:59:58] Lucio Luiz diz :Isso no contexto escolar, fora dele ou em ambos os casos?

[01:00:12] O.A. diz :Em qualquer caso. Sempre.

[01:00:39] Lucio Luiz diz :Em sua visão, o que leva seus alunos a escreverem fanfics?

[01:01:20] O.A. diz :Vontade de participar de um mundo “idealizado” onde existem profissionais que se divertem com o trabalho.

[01:02:11] O.A. diz :É meio parecido com os guris do meu tempo que sonhavam em trabalhar numa banca de jornais... para ficar lendo HQs o dia todo. O fato de que teriam de VNDER as revistas não entrava na cabeça deles.

[01:02:41] O.A. diz :Eu acho que tem de fazer ff, sim, mas tem de fazer outras coisas tb.

[01:03:06] O.A. diz :E, se possível, cruzar as diversas produções.

[01:03:19] Lucio Luiz diz :Que tipo de produções, por exemplo?

[01:03:48] O.A. diz :Textos críticos, resenhas, crônicas e ficções diversas.

[01:04:02] O.A. diz :E poesia!

[01:04:13] O.A. diz :Poesia é do cacete para melhorar o texto.

[01:04:26] Lucio Luiz diz :Você diferencia esses gêneros da fanfic?

[01:05:29] O.A. diz :Para mim, é tudo uma coisa só. Escrevo um ff com o mesmo entusiasmo que qualquer outra coisa, minha tese de doutorado, por exemplo. Mas sei que para a maioria não é assim que funciona.

[01:05:50] Lucio Luiz diz :Por que motivo não funciona?

[01:06:07] O.A. diz :Aí, vc tem de perguntar a eles...

[01:06:21] Lucio Luiz diz :Você não tem nenhuma opinião ou percepção sobre isso?

[01:06:27] O.A. diz :Mas creio que é aquela história do “papel do aluno”.

[01:07:31] O.A. diz :O sujeito acha que não pode tirar prazer de algo que não seja seu objeto particular de culto e aí faz qualquer coisa, sem “tesão”.

[01:07:54] O.A. diz :Já ouviu anedota contada sem “tesão”? não funciona, né?

[01:08:13] O.A. diz :Até uma tese tem de ser escrita assim.

[01:08:55] O.A. diz :Aliás, foi uma das melhores críticas negativas que a banca fez à minha tese: que ele leram até o fim com prazer. Ou seja, a maioria não faz desse jeito, né? ;)

[01:09:17] O.A. diz :Eu escrevo tese como se fosse fanfic. E fanfic como se fosse tese.

[01:09:33] O.A. diz :Não sei fazer de outro jeito.

[01:10:06] Lucio Luiz diz :Alunos seus, fanfiqueiros ou não, que já tenham lido suas fanfics deram alguma opinião sobre elas?

[01:10:32] O.A. diz :Sim. A maioria curtiu.

[01:10:50] Lucio Luiz diz :Os que não gostaram, disseram o motivo?

[01:11:43] O.A. diz :Claro! Inconsistência dos personagens.. de acordo com o que eles achavam que o personagem deveria ser :)

[01:12:41] Lucio Luiz diz :Você teve a iniciativa de mostrar seus textos para eles ou foram eles que procuraram por conta própria?

[01:34:09] O.A. diz :Lúcio, a coisa aqui apertou...

[01:34:21] O.A. diz :Obebê está com uma cólica dos diabos...

[01:34:38] O.A. diz :POsso responder a mais essa só?

[01:34:56] Lucio Luiz diz :OK.

[01:35:31] O.A. diz :Sim, eles descobrem por acaso. Nem sempre eu mostro a eles.

[01:35:52] Lucio Luiz diz :Obrigado, O.A..

Entrevista com R.G.

Transcrição de entrevista realizada por chat de texto através do *software* MSN.

Lucio Luiz diz:

*Primeiro, preciso saber seus dados básicos: Nome, cidade e profissão.

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*R.G., sou uma MULHER, apesar do nome

*nada de travesti rs

*mulher mesmo rs

*Rio de Janeiro...

*no momento: Auxiliar Administrativa

Lucio Luiz diz:

*Você é formada em quê?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Licenciatura Plena em História

Lucio Luiz diz:

*Qual sua experiência em sala de aula?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Estágio e pré-vestibular comunitário

Lucio Luiz diz:

*O estágio foi realizado em qual colégio e com quais turmas?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Escola Santa Bárbara (particular) da 5ª a 8ª

*CIEP -Hélio Pellegrino -Ensino Médio

Lucio Luiz diz:

*Você assumiu as turmas sozinha ou era auxiliar?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*No particular eu só podia assistir

*e no Ciep dei algumas aulas

Lucio Luiz diz:

*Quando você começou a escrever fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Ano passado.

Lucio Luiz diz:

*Quais personagens?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Severo Snape e Hermione Granger da saga hp

Lucio Luiz diz:

*Já lia fanfics antes de escrever?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

*estou no mundo das fanfics há 4 anos

*mas escrever só há 1 ano

Lucio Luiz diz:

*O que a motivou a começar a escrever?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*as leituras e incentivo das colegas

Lucio Luiz diz:

*Você lia fanfics apenas do universo Harry Potter?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*De início sim, mas depois fui para os animês e mangás

*por sinal eu sempre gostei de ambos

Lucio Luiz diz:

*O que a motivou a ler as fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Entrei em um antigo site de relacionamento, parecido com o Orkut e lá ouvi falar de fanfics, fiquei curiosa e cliquei no link

*o site se chamava snapemione

Lucio Luiz diz:

*Você já era fã dos livros de Harry Potter na época?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*não era fã, mas gostava da história

*ainda não tinha lido os livros, apenas visto os filmes

Lucio Luiz diz:

*E atualmente, você já leu os livros?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim, para começar a escrever fics li pela segunda vez, para poder entender e captar a essência do Severo e da Mione

*agora que minha long fic está indo para uma nova fase vou ler o sétimo livro pela terceira vez

Lucio Luiz diz:

*Como é a história que você está desenvolvendo?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Ela se chama "Entre as Trevas e a Luz". É um triângulo AMOROSO entre Hermione, Severo e Bellatriz Lestrage

*e tem fatos do último livro, por isso tenho que lê-lo outra vez

Lucio Luiz diz:

*A trama ocorre em paralelo com os livros, então?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

*a partir do 5º ano, pois, as autoras que escrevem ss/hg tem a preocupação de escrever fics a partir do sétimo ano

*pois no mun do bruxo a maioria é com 17, menos que isso a história passa a ser de pedofilia e não aprovamos

**mundo

Lucio Luiz diz:

*O que é "ss/hg"?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Severo Snape e Hermione Granger =ss/hg

Lucio Luiz diz:

*Em qual site você publica?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*ffnet

Lucio Luiz diz:

*Qual o endereço?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*já vou te passar

*Nyah Fanfiction

*e Floreios e Borrões

Lucio Luiz diz:

*Você é apenas escritora ou atua em alguma outra área do site?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*só escrevo

*Tb traduzo e beto fics

Lucio Luiz diz:

*O que seria "betar fics"?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*A beta é a pessoa responsável por ler sua fic antes de vc postá-la

*ela verá a gramática, estilística...

*tudo que for necessário para que a história não perca o rumo

Lucio Luiz diz:

*Por que você escolheu o pseudônimo "Dinha Prince" para publicar suas fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Dinha foi um apelido que meu marido me deu

*e Prince é o sobrenome do Snape

*Severo Prince Snape

Lucio Luiz diz:

*Seu marido lê suas fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*não

Lucio Luiz diz:

*Além de fanfics, o que mais você lê?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*livros

Lucio Luiz diz:

*Que tipo?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*não leio auto-ajuda

*esotérico

*o restante, leio de tudo

Lucio Luiz diz:

*Você considera fanfics apenas uma diversão ou tem intenção de escrever outros tipos de textos?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*para mim é divertimento, eu descobri que posso e gosto de escrever..

*coisa que a escola NUNCA conseguiu despertar em mim

*apesar de ler desde criança

Lucio Luiz diz:

*Você considera, então, que sua escrita melhorou desde que começou a escrever fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Com certeza

*Hoje eu quero melhorar meu entendimento na língua portuguesa para escrever melhor...

*não tenho beta

Lucio Luiz diz:

*Não ter beta significa que suas fanfics não precisam passar por revisão prévia?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*precisam, mas não tem quem faça nada

*então eu tenho que ter maior atenção com relação a tudo.

*Eu tinha beta, mas ela está sem tempo

*Eu escrevo o cap. deixo de molho uma semana, aí volto a ler e reescrevo o que acho que precisa ser mudado, faço isso durante uns 15 dias e depois posto

Lucio Luiz diz:

*O fato de você revisar fanfics de outras pessoas também ajuda na melhoria de seu texto?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim, pois vc precisa aprender para corrigir e como consequência se policia no seu texto

Lucio Luiz diz:

*Onde você escreve suas fanfics? Em casa, no trabalho...?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*em casa e no TRABALHO rs

*no TRABALHO qdo dá

Lucio Luiz diz:

*Quando você escreve, pensa em algum público-leitor específico?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

*mulheres na sua maioria

Lucio Luiz diz:

*Por quê?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*pq a maioria dos leitores são mulheres

*conheço 3 homens apenas no mundo das fics

*é um mundo feminino

*se for hp, é essencialmente feminino

*animês e mangás tem bastante homem

Lucio Luiz diz:

*Quais outras características você vê em seus leitores?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*mulheres acima dos 20 anos

*na sua grande maioria CASADAS,

*as melhores fanfics são de mulheres CASADAS

*escrevi de letra maiúscula por causa do emoticon

Lucio Luiz diz:

*Sem problema.

*Por que você acha isso?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*pq é isso que ocorre

*participo de um grupo chamado Snapetes (fãs do Snape)

*e a maior parte tem mais de 25 e são CASADAS

*tem meninas mais novas, mas a maioria está nessa classificação

*e são as que escrevem muito bem

Lucio Luiz diz:

*Você tem a preocupação de necessariamente agradar essas leitoras quando elabora suas fanfics?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

*e não

*sim, pq vc quer que alguém comente a sua fic

*e não pq de início não é isso que me impulsiona, a ideia surge e eu escrevo

*depois que posto é que vem a preocupação, será que alguém gostou?

Lucio Luiz diz:

*E tem como você saber?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim...

*os coments, reviews= comentários

*as pessoas deixam

*se vc entrar em uma das minhas fics verá lá no alto a palavra review e um número ao lado

*é qtdade de coments

Lucio Luiz diz:

*Em sua experiência como professora, você chegou a utilizar fanfics em sala de aula?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*não, só lia mesmo

*eu considero fanfics uma particularidade, não teria coragem de abrir isso para os alunos..

*lá eu sou a professora, aqui eu sou apenas eu.

Lucio Luiz diz:

*Como você se sentiria se algum aluno lesse uma fanfic sua e comentasse contigo?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sem graça com certeza...rs

*principalmente se fosse NC-17.

Lucio Luiz diz:

*Por quê?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Pq tem cenas de sexo...

*imagine o que o aluno pensaria de mim? rs

Lucio Luiz diz:

*Sua produção de textos, então, é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar, correto?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

Lucio Luiz diz:

*Você acha que é possível usar as fanfics como recurso pedagógico?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim, mas eu usaria as minhas, de jeito nenhum

Lucio Luiz diz:

*Como você acha que um trabalho com fanfics poderia ser feito?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*hum...

* a internet seria o primeiro passo, pois elas só existem aqui e na nossa mente...

*penso em algo que abordasse a internet e a leitura, boa leitura e a descoberta da escrita...

*vc mostrar para o aluno que esse mundo virtual pode ser muito bem aproveitado, que as suas ideias podem ganhar o mundo

*expandir seus horizontes e os horizontes alheios...

*Acho que nesse caso Língua Portuguesa tem mais liberdade para abordar as fanfics

Lucio Luiz diz:

*Você não trabalharia com fanfics em História?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*só se eu encontrasse fanfics RELACIONADAS a História, o que nunca vi...

*mas se o colégio não seguisse a linha da interdisciplinaridade...

*eu poderia trazer para minha sala de aula as fanfics do hp

*isso depende do colégio, tem colégio que nem em sonho vc pode fazer isso

*se não der livro, não está dando aula

*o aluno acostumado com cuspe e giz e desacostumado a pensar ia dizer que nnão tem matéria

Lucio Luiz diz:

*Então você acha que haveria reação negativa por parte dos alunos?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*por parte de alguns sim...

Lucio Luiz diz:

*Por pensarem que não é matéria?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*isso, por pensarem que se eu não estiver falando em data, não tem aula

*são programados para isso

*não pensar

Lucio Luiz diz:

*Você tem a intenção de voltar a trabalhar na área de educação?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*sim

*mas não pelo estado do Rio

*paga muito pouco, só se for prefeitura

*na verdade eu sempre quis fazer mestrado e doutorado, mas sabe como é...

* não consegui emprego na área

*tive que TRABALHAR e adiei o sonho

*hoje estou estudando para ser funcionária pública, depois que eu conseguir isso, volto a sonhar com meu mestrado

Lucio Luiz diz:

*Esqueci de perguntar antes, o que é esse "Projeto Hagi - em produção!" em seu nick do MSN?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*Escrevo fanfics de hp e animê

*no momento escrevo sobre o animê Blood Plus

*e paralelo a fic estou com um projeto de escrever fics só do Hagi, um personagem do do animê

**do

*esse animê é sobre vampiros, Hagi e Saya...

*o Projeto Hagi são fanfics que escreve durante o tempo em que a Saya hiberna, ela dorme durante 30 anos

*aí pensei, o que o Hagi faz durante o tempo que ela dorme?

*Desse questionamento surgiu o projeto

*já escrevi duas fanfics e a terceira está em produção

*Coloquei ele para viajar, conhecer o mundo

*a primeira se passou nos EUA e a segunda na França

*a terceira será sobre uma jovem judia que ele salva do campo de extermínio

*nessa eu abordarei história tb, 2ª guerra

Lucio Luiz diz:

*Seria uma fanfic desse tipo que você usaria numa aula de História?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*é, pode ser, não havia pensado nisso rs

*acho que estou indo para um outro nível agora, com relação a fanfics, já estou inserindo OCs (original characters = personagem original

**original

*o Hagi não é produto meu, mas as personagens que lidam com ele nessas fics do projeto, são.

*Foi a primeira vez que decidi abordar um tema histórico

*até pq esse personagem vive no nosso mundo

*diferente de hp que vive num mundo à parte

*segunda guerra e hp não rola RS

Lucio Luiz diz:

*Você tem o interesse de escrever histórias só com personagens criados por você?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*um dia sim

*hoje ainda não estou madura para isso

*preciso ler mais de tudo, tanto fics qto livros

Lucio Luiz diz:

*Qual a sua idade?

Projeto Hagi - em produção! ;) diz:

*27

Lucio Luiz diz:

*Obrigado, R.G., pelo tempo que me concedeu.

Entrevista com R.S.

Transcrição de entrevista realizada por chat de texto através do *software* MSN.

Lucio Luiz diz:

*Primeiro, preciso de informações básicas: Seu nome, cidade, onde trabalha?

R.S. diz:

*R.S, cidade de Frederico Westphalen/RS, no momento trabalho na Unopar- Universidade Norte do Parana

Lucio Luiz diz:

*Qual a sua função?

R.S. diz:

*secretária e bibliotecária, mas já atuei como tutora, que é como chamam os professores

Lucio Luiz diz:

*Tutora em que disciplina?

R.S. diz:

*Na disciplina de Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Lucio Luiz diz:

*Qual a sua formação?

R.S. diz:

*Formada em Letras com Habilitação em PORTugues, Ingles e Respectivas Literaturas, e também pos graduada pela CESUSC em Lingua PORTuguesa

Lucio Luiz diz:

*O que significa CESUSC?

R.S. diz:

*Cesusc é um convenio com a Faculdade Anita Garibaldi e o Instituto Luterano do Brasil

Lucio Luiz diz:

*Já trabalhou em outras instituições de ensino?

R.S. diz:

*Não, mesmo sido aprovada em concursos não fui chamada

Lucio Luiz diz:

*Teve experiência em estágio?

R.S. diz:

*Sim, tres vezes, no ensino fundamental de 4ª serie, depois em 7ª e segundo ano do segundo grau, totalizando nos tres um periodo de 1 ano e 5 meses

Lucio Luiz diz:

*Foi em escola pública ou particular?

R.S. diz:

*todas em escolas publicas, há em 2003, trabalhei um mes como professora substituita em lingua inglesa, para crianças desdeo jardim ate a terceira serie, nesta então particular

Lucio Luiz diz:

*Todas em sua cidade?

R.S. diz:

*sim

Lucio Luiz diz:

*Em que ano foi sua primeira experiência em sala de aula?

R.S. diz:

*em 2000, no estagio de magisterio

Lucio Luiz diz:

*Você assumiu as turmas ou era auxiliar?

R.S. diz:

*assumi a turma

Lucio Luiz diz:

*Em relação às fanfics, como você as conheceu?

R.S. diz:

*digamos que, só depois que tive acesso a internet. Em 2000, comecei a escrever uma história, que disse a mim mesma que publicaria em forma de livro, mas então, em 2003, quando conheci o site da Biblioteca de Guaruhara, descobri, que havia escrito 100 paginas em 8 capitulos de puro fanfic.

Lucio Luiz diz:

*Por quê você entendeu que seu texto seria fanfic?

R.S. diz:

*foi a partir da leitura de alguns fanfics publicados, e assim, pude perceber que, não era uma historia qualquer que escrevi, mas que havia sentido e era identico a forma da escrita com as fics que li.

Lucio Luiz diz:

*Os personagens de sua história eram originais seus ou já existiam?

R.S. diz:

*os personagens principais já existiam, mas tambem cheguei a criar outros

Lucio Luiz diz:

*Quais os personagens?

R.S. diz:

*Bem, a minha história para voce entender, foi baseada no anime Sailor Moon, que passou na extinta TV Manchete em 1996. Sendo assim, os principais do anime que eram Serena/Sailor Moon e Darien/Tuxedo Mask, e a rainha Serenyte, utilizei na minha historia com nomes diferentes, mas parecidos em sua forma. POr exemplo Serena se transformou em Seleny, Darien em Daniel....

*e o nome da rainha permaneceu o mesmo

Lucio Luiz diz:

*Atualmente, você escreve alguma história?

R.S. diz:

*hoje estou com duas historias prontas, que so faltam ser digitadas e publicadas, e tambem, com uma em andamento, mas esta parei de escrever por falta de inspiração (risos), e outras duas já estão na minha cabeça se desenvolvendo, so falta por no papel. Não sei porque, mas para mim escrever qualquer historia, primiero as escrevo em um caderno e depois digito,

*pois neste momento verifico o que ficou bom e o precisa ser modificado

Lucio Luiz diz:

*Também são com os personagens de Sailor Moon?

R.S. diz:

*a grande maioria sim, apenas em umas tres ou quatro histórias utilizei personagens de YuYu Hakusho e Cavaleiros do Zodiaco

Lucio Luiz diz:

*Você também alterou os nomes nessas histórias ou usa os nomes originais?

R.S. diz:

*utilizei o nome original destes personagens

Lucio Luiz diz:

*O que a motivou a começar a escrever?

R.S. diz:

*digamos que foi o sonho de toda garota na época ser uma sailor moon, e então comecei a imaginar simplesmente que era uma das personagens, também porque quem leu a primeira história disse para continuar escrevendo, pois estava excelente

Lucio Luiz diz:

*E hoje em dia, qual sua motivação?

R.S. diz:

*uma vez um professor de literatura meu, disse que alguns ou a grande maioria dos poetas escreviam para fugir do mundo real, acho que grande parte da minha motivação para escrever, é esta, sair do mundo real e entrar no mundo dos sonhos e fantasias, onde nada e ninguém paga ou cobra taxa para viver.

*as vezes um sonho, ou um dia a inspiração toma conta do meu ser e simplesmente a história surge como um passo de mágico em minha mente, e então basta pegar o caderno e caneta, e tudo flui naturalmente

*risos

Lucio Luiz diz:

*Você já pensou em escrever textos apenas com personagens criados por você?

R.S. diz:

*sim, já pensei e é um projeto, pois, escrever um fic mais simples que seja para mim, é algo que tem sentimento. Em algumas histórias, criei personagens sozinhos, e outras eu mesma me fiz dentro da história. Por exemplo em Uma História Além da Lua e Uma História Lem da Lua 2 - Um Futuro Mágico, mesmo sendo o enredo parecido com Sailor Moon, principalmente o 2, tem cenas verídicas....

*ou seja, momento que vivi coloquei no papel. outro fic chamado Internet-me Diário, a história é toda minha, realmente aconteceu, mas apenas troquei o nome dos personagens, para que um dia, a pessoa que leu

*esta história não me "condene"

Lucio Luiz diz:

*Trocou o nome para o de um personagem que já existia ou um personagem criado por você?

R.S. diz:

*Criei personagens, mas a principal, utilizei um que já existia, pois, creio que assim ficaria mais fácil de compreender a história no geral

Lucio Luiz diz:

*Você também é leitora de fanfics?

R.S. diz:

*adoro ler fanfics, o único tipo que não me agrada é os songfics, talvez o fato de uma música ser o 'plano de fundo' da história ainda não me 'convenceu'

Lucio Luiz diz:

*Gosta de ler fanfics sobre quais personagens?

R.S. diz:

*meus favoritos é o que faz parte do universo Sailor Moon, mas Cavaleiros do Zodíaco, YuYU Hakusho, também me agradam

Lucio Luiz diz:

*Você também acompanha as séries originais?

R.S. diz:

*sempre que posso, sim

Lucio Luiz diz:

*Onde você publica suas fanfics?

R.S. diz:

*a grande maioria publiquei na Biblioteca de Guaruhara (que agora esta desativada), então conheci o Nyah Fanfiction. É ali que publico agora, sendo que algumas da biblioteca consegui resgatar e colocar ali tambem. Tinha um comunidade no orkut chamadaFanfics Eternal Sailor Cosmos, mas ali faz tempo que parei de publicar.

Lucio Luiz disse (17:29):

*Quando você escreve, pensa em algum público-leitor específico?

R.S. diz:

*sabe, nunca pensei num publico especifico, porque a todas as historias que escrevi ate hoje não tem restrições, do tipo, para maiores de 13 ou 16 anos

Lucio Luiz diz:

*Mas, quando você escreve, imagina que sua fanfic vai ser lida por quem?

R.S. diz:

*por adolescentes e pessoas jovens (mas voce me deu uma otima ideia)

Lucio Luiz diz:

*Que ideia?

R.S. diz:

*uma pesquisa com os meus leitores

Lucio Luiz diz:

*O que você gostaria de descobrir com isso?

R.S. diz:

*alem da faixa etaria, descobrir realmente que tipo de publico le minha fanfics

Lucio Luiz diz:

*Saber o que eles pensam pode mudar algo na forma como você escreve?

R.S. diz:

*muito, desde o tipo de historia que eles preferem ler, os personagens, acho que um pouco de tudo

Lucio Luiz diz:

*Você considera as fanfics como uma diversão ou tem a intenção de seguir pelo caminho literário, escrevendo histórias suas?

R.S. diz:

*bem...pretendo sim escrever historias minhas, mas para isso, terei que ter um tempo dedicado a elas, e é claro tambem continuar escrever fanfics, pois, como falei no inicio, é uma forma de 'fugir' deste mundo cheio de violencia e guerras.

Lucio Luiz diz:

*Você considera que sua escrita mudou desde que começou a escrever fanfics?

R.S. diz:

*e como mudou a forma de escrever, principalmente as ações dos personagens; pois, no inicio era mais dialogo e agora esta bem presente a descrição de forma detalhada e os dialogos maiores, até mesmo a forma de agir diante de situações dentro da historia ficou melhor

Lucio Luiz diz:

*Você já chegou a trabalhar com fanfics em sala de aula?

R.S. diz:

*hum...trabalhei com setima serie um fanfic, mas não deu muito tempo para chegar a explicar extamente o que era um fanfic

Lucio Luiz diz:

*Como foi esse trabalho?

R.S. diz:

*uma interpretação de texto, mas a historia era baseada no filme Cidade dos Anjos, escrito por um amigo meu. não tinha informações tão precisas ao filme, quem lia dava a impressão

de ser um texto de interpretação qualquer. gostaria de ter ido mais a fundo, mas o tempo foi curto

Lucio Luiz diz:

*Esse trabalho foi com qual série? Como os alunos desenvolveram?

R.S. diz:

*setima serie

*foi realizadas algumas questões referentes ao texto, depois eles debaterem alguns pontos.... (so um momento ja volto)

*ok

*e por fim coloquei trechos do filme para um novo debate

Lucio Luiz diz:

*Que outro trabalho você gostaria de ter desenvolvido com fanfics junto a seus alunos?

R.S. diz:

*que eles mesmos desenvolvessem um fanfic, do tipo que quisessem, dessde generos personagens e ect. mas tenho certeza que brevemente estarei em sala de aula, e ai sim com tempo disponivel para explicar e desenvolver textos

Lucio Luiz diz:

*Que resultado você pretende colocando os alunos para desenvolverem fanfics?

R.S. diz:

*alem de melhorar a criatividade, a espontaneidade e o pensamento critico em certas ocosiões, creio que a redação ou dissertação tão cobrada se torne agradável para eles

Lucio Luiz diz:

*O que diferenciaria a fanfic de um texto tradicional para que seja mais agradável para os alunos?

R.S. diz:

*talvez a grande diferença será que o assunto nao será cobrado ou exigido como em textos tradicionais, e que eles vão escrever o que gostam (principalmente se aplicado em turmas de 4 e 5 series, onde a "infantilidade" e a adolescencia começam a entrar em ' conflito'

Lucio Luiz diz:

*Você já conheceu alunos que escrevessem fanfics?

R.S. diz:

*sim, alguns de setima e outros do segundo grau

Lucio Luiz diz:

*Você os informou que também escrevia fanfics?

R.S. diz:

*sim, um deles chegou a mostrar seu trabalho para mim, o que gostei muito

Lucio Luiz diz:

*Eles leram suas fanfics?

R.S. diz:

*sim, chegaram a ler, mas como são adolescentes e homens, acharam um tanto romantica, mas gostaram de algumas aventuras

Lucio Luiz diz:

*A relação professor/aluno e a relação "escritores da fanfic" era diferente entre você e esses alunos?

R.S. diz:

*não, quando o assunto era fanfic, ambos eramso ecritores de fanfic

Lucio Luiz diz:

*Mesmo no ambiente escolar?

R.S. diz:

*sim, porque apenas 2 alunos do segundo grau escreviam fanfics, os demais quase nem sabiam que existiam (por parte deles)

Lucio Luiz diz:

*Esses alunos conseguiam separar sua figura de escritora de fanfic da figura de professora?

R.S. diz:

*sempre, quando estava em sala de aula explicando o conteúdo, era a professora, apenas no intervalo das aulas viam a escritora

Lucio Luiz diz:

*De sua parte, também era fácil criar essa separação?

Neste momento, o MSN começou a falhar, tornando impossível continuar a entrevista através desta plataforma. As últimas perguntas foram respondidas por e-mail.

L - De sua parte também era fácil criar essa separação da figura de escritora de fanfics e de professora junto aos alunos?

R - sim, porque quando estava em sala de aula a figura da professora estava presente, somente nos intervalos quando comentávamos sobre as fics que a escritora apreciava.

L - Sua produção textual é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar? Se sim, como é essa diferença?

R - sim, a diferença ocorre no momento de escrever, pois as fanfics penso que são mais "divertidas" e não precisa mais atenção quando alguns fatos, já o ambiente escolar, é tudo mais sério e com um cuidado especial para não misturar.

L - Além de fanfics, o que mais você gosta de ler?

R - um pouco de tudo, mas o que estou lendo é ficção, Dan Brown, me chama a atenção, pois suas histórias prendem minha atenção, na verdade curto um pouco de tudo, talvez o romance de alguns autores não me inspirem muito.

L - Você frequenta fóruns ou comunidades sobre fanfic?

R - sim, frequento a comunidade da biblioteca de guaruhara, a eternal sailor cosmos, e escrevo na nyahfanfiction.

Entrevista com J.S.

Transcrição de entrevista realizada por e-mail.

L - Informações básicas: Nome, onde mora, onde e em quê trabalha, o que costuma ler.

J - J.S.. São Paulo. Professora de 5a a 8a em escola publica. Leio de tudo, auto-ajuda, romance, ficção como um todo.

L - Seu trabalho é em escola (ou universidade) pública e/ou particular?

J - Pública.

L - Qual disciplina? Onde se formou? Há quanto tempo dá aula?

J - Leciono Língua Portuguesa. Me formei em letras em 2001 na UNIP (Universidade Paulista). Dou aula desde o estágio do magistério, em 2000.

L - Onde acessa a internet? O que visita ao navegar na Web?

J - Acesso de casa. Visito sites de notícia, sobre novelas, e sites de educação com atividades para usar em sala de aula.

L - Onde escreve? (tanto em relação a fanfics quanto a demais textos)

J - Escrevo em casa também.

L - Considera-se um utilizador iniciante ou avançado de computador?

J - Iniciante.

L - Como conheceu as fanfics?

J - Faz pouco tempo, li sobre elas numa comunidade do orkut e fiquei curiosa. Visitei um site, Floreios e Borrões, que tem fanfics sobre Harry Potter. Como gosto muito dos livros e filmes visitei o site. Li algumas fics e comecei a escrever também.

L - Foi leitor de fanfics antes de escrevê-las? Se sim, o que lia?

J - Li muitas fics do FeB e de outros site também sobre Harry Potter e mangá, principalmente.

L - Desde quanto escreve fanfics?

J - Desde o ano passado.

L - Por que começou a escrever?

J - Sempre gostei dos livros e filmes do Harry Potter e gostei da ideia de escrever histórias com os personagens. Sempre quis saber o que os outros bruxos faziam enquanto as aventuras aconteciam e tive a chance de criar essas histórias que eu queria ler.

L - Que tipo de fanfic escreve? Quais personagens?

J - Escrevo fics com vários personagens dos livros. Minha favorita é Hermione, mas também gosto da Gina Weasley, que é irmã do Rony.

L - Para quem você escreve? Pensa em alguém em especial? Que características tem a pessoa para quem você escreve?

J - Não penso em ninguém. Escrevo coisas que eu queria ler. Acho que escrevo pra mim mesma, pra poder ler o que não tem nos livros e eu gostaria de saber como aconteceu.

L - O que conhecia antes sobre os personagens ou universos ficcionais sobre os quais escreve?

J - Eu li todos os livros e vi todos os filmes que saíram até hoje. Li várias fics que traziam outras histórias também. Conheço bastante sobre todos eles e o que não sei pesquiso na internet pra poder escrever direito.

L - Quais as relações que você possui com outras pessoas que escrevem fanfics do mesmo tipo? E com pessoas que escrevem sobre outros personagens?

J - Sou amiga de várias escritoras, a relação é boa.

L - Considera as fanfics apenas uma diversão ou as encara com pretensões literárias?

J - Até tenho sonho de escrever um dia um livro. As fanfics eu faço porque me diverte muito.

L - Considera que sua escrita mudou com o fato de escrever fanfics? Em que sentido mudou?

J - Eu passei a me preocupar mais em elaborar uma boa história, para as pessoas entenderem quando lessem. No início recebi muita crítica porque escrevia de forma confusa. Não cometia erros de português, mas não sabia desenvolver uma história boa para outras pessoas lerem.

L - Frequenta fóruns ou comunidades sobre fanfics?

J - Frequento comunidades no orkut sobre fic de Harry Potter.

L - 18. Como é sua relação com estudantes fanfiqueros?

J - Acho que nunca tive estudante que escrevesse fic. Se tive não sabia.

L - Alunos seus escrevem fanfics? Como você lida com isso?

J - Como disse, não sei se tive, mas se tivesse eu ia curtir. Ia ler as fics deles pra dar apoio e também mostraria as minhas. É um jeito de estimular.

L - Alunos seus já leram suas fanfics? Comentaram contigo sobre elas? Como você reage a isso?

J - Alguns já leram e gostaram. Viram na internet e falaram comigo. Fiquei contente de terem curtido as fics.

L - Você já levou a fanfic para a sala de aula? Se sim, como foi? Se não, gostaria de levar? Por quê?

J - Nunca levei, mas acho que seria útil. Os alunos iam se sentir com mais liberdade pra escrever fics do que redação normal, porque ia ser algo da vontade deles. Seguir só os livros não é bom porque não deixa os alunos criarem muito e isso desmotiva.

L - Percebeu alguma diferença em sua escrita (ou na de seus alunos) desde que começou a escrever fanfics?

J - Minha escrita melhorou muito desde que comecei a escrever fics. Fiquei muito mais atenta ao que os leitores vão tentar entender do que eu escrevo.

L - Sua produção textual é diferente no ambiente das fanfics e no ambiente escolar?

J - Com certeza. Nas fics tenho liberdade pra escrever sobre o que eu quiser. Na escola tenho que trabalhar os temas do currículo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)